UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – MIH

NATHALIA ALVES DE OLIVEIRA

PERCEPÇÕES DO/NO URBANO: REFLEXÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS JUVENIS UNILABIANAS E DA PRODUÇÃO DE OCUPAÇÕES CRIATIVAS NO INTERIOR DO CEARÁ

REDENÇÃO - CE

2023

NATHALIA ALVES DE OLIVEIRA

PERCEPÇÕES DO/NO URBANO: REFLEXÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS JUVENIS UNILABIANAS E DA PRODUÇÃO DE OCUPAÇÕES CRIATIVAS NO INTERIOR DO CEARÁ

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro

REDENÇÃO – CE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB

Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Nathalia Alves de.O48p

Percepções do/no urbano: reflexões a partir das narrativas juvenis unilabianas e da produção de ocupações criativas no interior do Ceará / Nathalia Alves de Oliveira. - Redenção, 2023.

107f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro.

1. Estudantes universitários. 2. Espaços urbanos. 3. Espaços públicos. 4. Socialização. I. Título

CE/UF/BSP CDD 378

NATHALIA ALVES DE OLIVEIRA

PERCEPÇÕES DO/NO URBANO: REFLEXÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS JUVENIS UNILABIANAS E DA PRODUÇÃO DE OCUPAÇÕES CRIATIVAS NO INTERIOR DO CEARÁ

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA EM: 29/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br CARLOS HENRIQUE LOPES PINHEIRO
Data: 18/11/2023 13:15:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

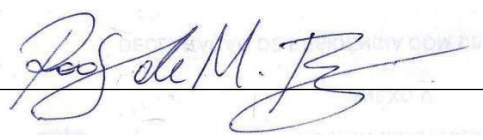
Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro - Orientador
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Documento assinado digitalmente
gov.br LUIS CARLOS FERREIRA
Data: 17/11/2023 16:52:19-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Luis Carlos Ferreira -
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB
Examinador (a) interno

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIO HENRIQUE CASTRO BENEVIDES
Data: 28/11/2023 14:59:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Mário Henrique Castro Benevides -
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB
Examinador (a) externo ao programa



Prof. Dr. Radamés de Mesquita Rogério -
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Examinador (a) externo a instituição

REDENÇÃO - CE

2023

AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo, que reflete uma trajetória acadêmica tão afetiva e dinâmica, não seria possível sem o apoio e auxílio de muitos sujeitos, direta e indiretamente. Deste modo, sou extremamente grata a todos que, em suas diversas maneiras, se tornaram suporte e força nessa jornada.

Primeiramente, agradeço a Deus pela possibilidade e abertura de todos os caminhos que proporcionaram mais uma conquista, assim como toda a força e sentimento de perseverança que me acometeu em todas as vezes que o cansaço e as dores físicas, e mentais, emergiram em meu ser. A ele dou graças, diariamente, por todas as energias positivas,essenciais, tão caras para a realização de cada passo, e a paciência para compreender que tudo acontece em seu devido momento.

Agradeço a CAPES pela concessão de bolsa, que tornou possível o andamento da pesquisa, e toda a mobilidade que derivou em encontros, diálogos, leituras e experiências que abriram inúmeras reflexões e análises, que encaminharam novos rumos a esta dissertação. Assim como a todos da coordenação do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, pela prontidão em atender as demandas.

Ao meu orientador, Professor, Doutor, Carlos Henrique Lopes Pinheiro, por toda dedicação, paciência, compreensão e apoio constante durante essa trajetória de pesquisa no mestrado.

Agradeço a todos que, de forma voluntária, desenvolveram relatos imprescindíveis e, também, se tornaram redes de apoio, sempre indicando sujeitos e atividades para as observações.

À minha família, por todo apoio e incentivo, a qual eu dedico este meu esforço continuo em busca de conhecimento. Dedico à minha avó e avô maternos, que em toda sua gentileza e amor, sempre me passaram força e carinho, tão necessários para o prosseguimento desta trajetória. À minha tia materna, Cristiane, por ter sido, não só durante esse processo, mas ao longo de toda a minha vida, uma pessoa amorosa, que nunca mediu esforços para me apoiar e compreender.

À minha companheira de todos os momentos, Gérfane, por toda paciência, incentivo, apoio e por nunca me deixar desistir de meus sonhos.

De forma especial, a aqueles que foram bases para toda minha trajetória, minha mãe, Dona Maria, pelo apoio incondicional, por toda a ajuda e compreensão, por todo amor e

carinho que tornaram essa caminhada mais fácil e alegre. Ao meu pai, seu José, agricultor, que nunca mediu esforços para que sua filha pudesse trilhar o caminho desejado. Agradeço cada esforço e suor de meus pais, para que eu conseguisse realizar meus sonhos. E ao meu irmão, José, por ser uma criança compreensiva, amorosa e risonha, pois é sua alegria quetorna todos os dias mais fáceis e felizes. Vocês são a base de minha existência.

Agradeço, ainda, de maneira especial, ao meu avô paterno, Antônio Amâncio, que se foi durante esse processo, mas que me deixou a felicidade pelo apoio, compreensão e alegria que demonstrou por cada passo dado em minha vida. A ele dedico esse trabalho e toda a vontade de que estivesse presente para compartilhar comigo desta alegria.

“Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”

Milton Santos - (2002, p. 9).

LISTA DE IMAGENS

1. Territórios Intraurbanos de Redenção **24**
2. Praça do Obelisco – situada na área central de Redenção **25**
3. Praça do Skate, Centro Comunitário **27**
4. Campus Liberdade – Unilab **28**
5. Complexo Abolição **29**
6. Atividades juvenis na área externa da Unilab – Campus Liberdade **48**
7. Territórios Escalares **51**
8. Card informativo: A calourada da agronomia **78**
9. Festa no Complexo Abolição – área comercial **85**
10. Festa no Complexo Abolição – área comercial **85**
11. Card de divulgação da ocupação criativa "Rolê das galeras", publicada no Instagram **87**
12. Concentração do Rolê das galeras na Unilab – Campus Liberdade **88**
13. Concentração do Rolê das galeras na Unilab – Campus Liberdade **89**
14. Concentração do Rolê das galeras na Unilab – Campus Liberdade **89**

RESUMO

O processo de interiorização do ensino superior, no Brasil, acarreta um conjunto de transformações, sejam educacionais, econômicas, culturais, sociais, ou mesmo populacionais, em contextos específicos. É em uma dessas especificidades que esse processo se enraíza na cidade de Redenção, localizada no Estado do Ceará, através da instalação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), paulatinamente se consolidando como uma nova centralidade da educação, e possibilitando a entrada de um contingente estudantil na cidade, principalmente no urbano. Essas alterações geram impactos nos territórios intraurbanos da cidade, a partir da intensificação de demandas ou a constituição de novas, tais como: habitação, saneamento básico, equipamentos públicos, iluminação, espaços urbanos para atividades de lazer, encontro, socialização e vivências. O presentecontexto gera inquietações, a partir do vislumbre das relações que as juventudes universitárias passam a estabelecer com os territórios, constituindo-se, assim, o objetivo de analisar e refletirsobre como as juventudes universitárias, unilabianas, percebem e se percebem dentro da estrutura urbana de Redenção, e como elas buscam, mediante estes sentidos, criar estratégias de pertencimentos, a partir de ocupações criativas dos espaços urbano públicos. O objetivo disposto é pesquisado em uma perspectiva interdisciplinar, visto a multidimensionalidade que acompanha os objetos de estudo e, metodologicamente, por meio da abordagem qualitativa, tomando como método o estudo de caso, e técnicas, como a observação participante e as entrevistas, que possibilitaram contato com as narrativas dos sujeitos, acerca das experiências cotidianas de uso dos territórios intraurbanos da cidade. Na perspectiva de pensar o objetivo deste trabalho, ou seja, analisar as percepções do urbano pelas juventudes, abordaremos as dinâmicas territoriais produzidas por eles, que serão vislumbradas, aqui, enquanto ocupações criativas atividades que podem indiciar as percepções dos sujeitos, suas relações com os territórios e possibilitar a aproximação necessária que possa mediar o acionamento de sujeitos para as entrevistas. Destarte, com as entrevistas e colhimento das narrativas, em conjunto com as observações e escutas, poderemos identificar e analisar as percepções que são produzidas, através da mobilidade juvenil no urbano.

Palavras-chave: Juventudes universitárias; Urbano; Ocupações criativas; Narrativas juvenis.

ABSTRACT

The process of internalization of higher education in Brazil entails a set of transformations, whether educational, economic, cultural, social, or even population, in specific contexts. It is in one of these specificities that this process takes root in the city of Redenção, located in the State of Ceará, through the installation of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (Unilab), gradually consolidating itself as a new centrality of education, and enabling the entry of a student contingent into the city, mainly in urban areas. These changes generate impacts on the city's intra-urban territories, through the intensification of demands or the creation of new ones, such as: housing, basic sanitation, public equipment, lighting, urban spaces for leisure activities, meetings, socialization and experiences. The present context generates concerns, from the glimpse of the relationships that university youth start to establish with the territories, thus constituting the objective of analyzing and reflecting on how unilabian university youth perceive and perceive themselves within the structure urban area of Redenção, and how they seek, through these meanings, to create strategies of belonging, based on creative occupations of public urban spaces. The stated objective is researched from an interdisciplinary perspective, given the multidimensionality that accompanies the objects of study and, methodologically, through a qualitative approach, taking the case study as a method, and techniques, such as participant observation and interviews, which made it possible contact with the subjects' narratives, about the dailyexperiences of using the city's intra-urban territories. From the perspective of thinking about the objective of this work, that is, to analyze the perceptions of the urban environment by young people, we will address the territorial dynamics produced by them, which will be glimpsed, here, as creative occupations, activities that can indicate the perceptions of the subjects, their relationships with the territories and enable the necessary approach that can mediate the recruitment of subjects for interviews. Therefore, with interviews and collection of narratives, together with observations and listening, we will be able to identify and analyze the perceptions that are produced through youth mobility in urban areas.

Keywords: University youth; Urban; Creative occupations; youth narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1. Trajetória de pesquisa: da emergência do estudo à metodologia 23

1.1. Dialogando com a interdisciplinaridade para a construção da pesquisa..... **32**

1.2. Percurso metodológico da pesquisa..... **34**

2. Do espaço ao território: uma perspectiva de estudo 39

2.1. Espaço e território: uma diferenciação conceitual..... **40**

2.2. Território enquanto campo de estudo..... **42**

2.3. A produção do território e dinâmicas territoriais **52**

2.4. Do território ao lugar..... **56**

3. Ocupações criativas nos microterritórios do urbano 63

3.1. Redenção, concebido..... **65**

3.2. Redenção, o vivido..... **70**

3.3. Ocupações criativas e narrativas juvenis: um urbano a se descortinar..... **73**

3.4. O percebido..... **95**

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 99

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Ceará, construída em 2010, e com funcionamento no ano seguinte, eflui de um processo de interiorização do ensino superior no Brasil, com primórdios por volta de 1960, em alguns territórios do país (Santos e Silveira, 2000 apud Pinheiro, 2013, p. 134) e, destacadamente, nas regiões nordestinas, pensando aqui o Ceará, a partir da década de 1990 (Pinheiro, 2013, p. 134).

Posto este contexto de interiorização da educação superior, a Unilab emerge, no Estado do Ceará, nas cidades interioranas de Acarape e Redenção, com três campi, o Liberdade, o Auroras e o Palmares, mediante uma proposta específica de interiorização e integração internacional com os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, particularmente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Uma instituição pautada na pluralidade e representatividade, por meioda maior participação de mulheres, negros, índios, LGBTQIA+ e pessoas originárias de famílias trabalhadoras/populares, muitas delas sendo as primeiras dessas famílias a ingressar no ensino superior (Brasil, 2010; Andifes, 2014). Um projeto que espelha a tentativa de transgressão (Hooks, 2013), secularmente histórica para com desigualdade e exclusão que assola o ensino superior e todas as fases da educação brasileiras, baseadas em clivagens de gênero, raça, classe, demografia, cronologia etárias entre outros.

As duas cidades receptoras desta instituição de ensino superior no Estado do Ceará se localizam a, aproximadamente, 60 km de Fortaleza, na Região do Maciço de Baturité, sendo, respectivamente, os municípios de Redenção e Acarape. Vale ressaltar que ambas as cidades já experimentaram graves precariedades, no que condiz as estruturas, serviços e equipamentos, intercalando fragilidades e ausências de ações de planejamento, tal como de gestão urbana (Machado; Lima; Furtado, 2017), condizente a um contexto de pré-instalaçãoda universidade, no qual os dados populacionais, segundo o último Censo do IBGE (2010), seriam 26.415 residentes, destes, 57,3 % nas áreas urbanas em Redenção, e 15.338 residentes, dos quais 52 % situavam-se nas áreas urbanas em Acarape.

Todavia, tais dados se alteram em virtude da instalação e funcionamento da Unilab, já que, segundo uma pesquisa intitulada, Pesquisa COVID-19 - estudantes da UNILAB no Ceará[1], desvelou-se que em torno de 2000 discentes, em sua maioria juventudes, passaram a

[1] Grupo Diálogos Urbanos. Covid-19 – Estudantes da Unilab no Ceará. Disponível em: <

residir, majoritariamente, nas periferias destas cidades, caminhando e experienciando, potencialmente, o urbano de Redenção. Esse aumento se torna explícito mediante ao novo sendo do IBGE (2022), no qual, percebe-se que o quantitativo populacional do seguinte ano foi de 27.214 residentes em Redenção e 14.027 residentes em Acarape.

Entretanto, a minha primeira imagem da cidade, enquanto estudante universitária que passaria a residir nela e vivenciá-la, não foi acompanhada por esses dados introdutórios, mas sim, pela ideia de Redenção enquanto cidade do estopim da abolição no Brasil e que, agora, era "palco" de uma universidade federal e internacional, portanto, uma cidade universitária.

Essa imagem concebida constituiu pensamentos e sonhos de possibilidades para uma jovem, de 17 anos, até então residente da área rural de uma cidade interiorana, que mesmo residindo no maciço de Baturité, possuía um olhar estrangeiro, de fora da cidade e de sua realidade citadina, obtendo o primeiro contato interno em 2015, no qual foi acompanhado tanto de um estranhamento, quanto de um sentimento de êxtase.

O primeiro sentimento ocorre ao se defrontar com um novo de diferentes sujeitos, ruas, dinâmicas, relações que causaram, se assim posso dizer, uma determinada sensação de medo pela solidão que acompanhava essa mudança, principalmente pelo fato de que, no primeiro momento, ainda sem vínculos estabelecidos com outros estudantes, viver a/na cidade resumia-se a andar nas ruas para acessar supermercados, farmácias, bancos, lanchonetes, ou seja, serviços de necessidades básicas, ainda não estabelecendo relações concretas com os espaços e os sujeitos citadinos.

Por outro lado, mesmo com os aparentes receios que emergiam neste primeiro momento, ali, neste início de uma nova trajetória, compunha-se uma sensação de êxtase, pela possibilidade de se constituir novas vivências, obter uma formação acadêmica e o sonho de um futuro profissional próspero. E é neste processo que se concretizam relações básicas e necessárias com novos sujeitos, e mesmo com espaços urbanos de Redenção, até então nem pensadas, e a quebra, em partes, com a solidão que ronda os sujeitos que se atrevem a sair de sua área, simbólica e física, de conforto e familiaridade.

Todavia, ocorreu um tempo considerável para o desencadeamento desse processo. Em meu caso, por volta de seis meses após o início de minha residência, momento no qual adentro os microterritórios de forma mais drástica, passando a estabelecer e/ou fortalecer relações de afetividade com os sujeitos estudantis. Assim, penso este período como um

---

https://unilab.edu.br/2020/05/13/grupo-dialogos-urbanos-divulga-resultado-da-pesquisa-covid-19-estudantes-daunilab-no-ceara/>. Acessado em: 24 de mar. 2021.

estopim para experienciar e perceber os espaços urbanos da cidade, através da produção de novas dinâmicas relacionais com esses e com os sujeitos.

Após esses seis meses, posso dizer que inicio a trajetória de usos e ocupações de alguns espaços, como a praça do obelisco, a área de comércio e convivência do complexo abolição, a praça matriz e o pátio do campus Liberdade, em conjunto com outros estudantes, e através de uma constante mobilidade pela área urbana, almejando atividades de lazer, socialização, gastos e, por vezes, renovação de energias, contatos físicos e simbólicos e liberdade dos estigmas.

Nestes momentos, abriram-se para mim, o que tomo como a oportunidade de perceber, mais a fundo, as parcelas territoriais da cidade, e de como essas podem tornar-se lugares de vivências tão simbólicos, mediante o agrupamento estudantil e suas atividades. Era tudo muito intenso ou monótono, na cidade universitária que, por vezes, não aceita os estudantes.

Já aqui, algumas concepções concebidas foram desfalecendo diante dos olhos atentos de quem ansiava por conhecer novos espaços, uma vez que as novas vivências no urbano desta cidade abriram possibilidades para o desenvolvimento de novas concepções, agora não mais como alguém de fora, mas de dentro, que passava a observar dinâmicas e relações, positivas e negativas, que geravam medos, revoltas e, por vezes, a revogação de expectativas e possibilidades tão sonhadas.

No entanto, o gingado e a criatividade dos grupos estudantis os mantinham/mantém em uma constante busca de possibilidades, principalmente através da mobilidade contínua nos territórios urbanos, com o intuito de se sentir parte da cidade, pois a distância da família e a falta de uma determinada familiaridade no território, por vezes, era desconcertante e desestimulante. Nesta inserção na cidade, em conjunto com outras juventudes, nos deparamos com diversas dinâmicas, relações e situações, desde familiaridade, até “situações problemáticas” (Cefai, 2017, p. 188). Assim, a cidade universitária, outrora estranha e distanteda vivência, tornava-se experienciada e desnudada. Quebravam-se muitas imagens e construíam-se outras.

Até este ponto, ainda não me contava com uma visão acadêmica acerca das vivências e do próprio urbano, mas já existia uma inquietação acerca do que era presenciado, concretizando-se, assim, em estudo, a partir de 2018, período em que minhas primeiras percepções se conjugam como minha trajetória acadêmica, através da experiência como

bolsista de iniciação científica, em um projeto de pesquisa[2] e desenvolvimento tecnológico, assim como por investigações realizadas para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, em um microterritório situado na zona urbana central da cidade de Redenção.

Nesse período sucedeu o primeiro contato com novas arguições teóricas e empíricas acerca da cidade, do urbano, das juventudes, fato que resultou em um novo olhar, o de pesquisadora para com a realidade percebida no ato de acessar, usar e ocupar (Agier, 2015) o espaço urbano da cidade. Neste momento inicial se encaminhou a primeira categoria de estudo, o território, uma vez que, através das primeiras arguições, passo a olhar os espaços através de uma perspectiva territorial, física e simbólica, buscando, justamente, perceber e compreender a relação, estudantes e territórios, emergindo os sujeitos da pesquisa: as juventudes estudantis unilabianas, uma vez que se destacavam enquanto maioria e intitulavam-se como tal.

Diante desses primeiros contatos teóricos, empíricos e experienciados, vem se evidenciando resultados parciais, como o desenvolvimento de mobilidades significativas[3], por parte, em maioria, das juventudes unilabianas[4], no que tange a realização de ocupaçõescriativas, que detém caráter social, festivo, de lazer, assim como extensões acadêmicas, artísticas, de resistência, de contribuição e diálogo acerca da realidade vivenciada.

Desta maneira, ao refletir que as juventudes buscam usar e ocupar, criativamente, os territórios do espaço urbano da cidade, emerge novas inquietações acerca do motivo que leva a essa mobilidade e construção de significados, contudo, tal problemática nos parece um tanto vasta para a presente pesquisa, necessitando, desta forma, ser pensada e explorada em partes, fato que gerou, portanto, os seguintes questionamentos: como os sujeitos juvenis percebem e se percebem dentro do urbano de Redenção? E, consequentemente, como esses buscam, mediante estes sentidos, criar estratégias de pertencimentos a partir de ocupações criativas nos espaços citadinos?

Doravante aos presentes questionamentos emerge o objetivo de analisar como as juventudes universitárias, unilabianas, percebem e se percebem dentro da estrutura urbana de Redenção, e como elas buscam, mediante estes sentidos, criar estratégias de pertencimentos, a

[2] Projeto de pesquisa "Estudantes, direitos e territórios urbanos no Maciço de Baturité: uma experiência de territorialização e democratização na assistência estudantil da UNILAB".

[3] Acessos e usos dos territórios urbanos para a realização de atividades que produzem significações e passam a fazer parte da caracterização desses territórios.

[4] Expressão criada pelos (as) próprios (as) estudantes universitários para se caracterizar como oriundos da Unilab.

partir de ocupações criativas dos espaços urbano públicos. Despontando como fatores estruturantes para o desenvolvimento e reflexão desta pesquisa: as juventudes (como sujeitos) e o urbano (em questões de espacialidade). Abrimos, aqui, um parêntese para explicar que a escolha da categoria, juventude, no que condiz a referir-se aos sujeitos estudantis, fator estruturante desta pesquisa, decorre mediante a observação dos seguintes pontos: 1. A categoria juventude não exclui o caráter estudantil dos sujeitos, mas delimita dentro do corpo estudantil os indivíduos que, fortemente, passam a vivenciar o urbano através de um conjunto de atividades; 2. Observando-se, também, que os próprios sujeitos, em diversos momentos, se denominam enquanto juventudes, cabendo explicitar que esses não eram os únicos participantes das ocupações, mas sim a maioria. Sendo assim, como sujeitos de estudo, temos as juventudes universitárias, uma parcela dos estudantes da Unilab que produziam e produzematividades, em conjunto com outros grupos, que estavam em menores escalas.

Posto isto, cabe pontuar que o conceito de juventude, tanto é recente, como remete a uma fase da vida transitiva entre a infância e a fase adulta, constituída mediante a um enfraquecimento dos laços familiares, primeira instância formadora e socializadora dos indivíduos (Bomfim, 2009), bem como as novas interações com um novo conjunto de agências socializadoras em instituições, como a escola, que é "encarregada de transmitir os valores sociais mais amplos e de preparar para a divisão social do trabalho" (Sposito, 1993, p.164), onde, "vem assumindo um papel cada vez mais importante na sociedade" (Corrêa, 2003, p. 8), enquanto uma segunda potente instância da socialização e formação dos sujeitos, desde a infância até sua saída para o mercado de trabalho.

Tais juventudes, histórica e socialmente, através do signo da instabilidade, são ora vistas como sujeitos capazes de mudança social, de construção do futuro de progressos, ora pensados a partir de um viés negativo, como sujeitos que protagonizam conflitos geracionais, crises de valores (muitas vezes considerados tradicionais), ao produzirem mudanças noscomportamentos étnicos, culturais e sociais (Sposito e Carrano, 2003), fato que, por vezes,leva a construção do ideário desses, enquanto "vagabundos", associados aos problemas sociais.

Dentre os problemas sociais que mais afetam as juventudes, segundo Pais (2009), o emprego/desemprego ganha destaque, visto que constitui uma forte base para a caracterização desses sujeitos e seu estudo. O fator desemprego abre caminho, também, para refletir acerca da atenuação das fronteiras, ou seja, a flexibilização da transição da juventude para a vida

adulta. O mesmo estudo aponta que os marcadores mais utilizados para a transição etária em muitas sociedades, como "emprego/desemprego; casamento/divórcio; abandono/retorno à escola ou família de origem" (2009, p. 373) estão passando por retardamentos, ou mesmo não acontecendo, o que o autor chama de "reversibilidade de trajectórias" (2009, p. 373), não desconsiderando outros marcadores diferentes a diversas sociedades.

Atentando a essa fluidez, toma-se as juventudes, nesse trabalho, como sujeitos diversos em suas clivagens, vislumbrados, conceitualmente, mediante as noções fluidas de geração (Pais, 2009, p.373), com limites variáveis de acordo com os parâmetros de cada sociedade, tendo sua formação pautada, também conceitualmente, "por mecanismos de reprodução classista" (1990, p.157), bem como de raça, etnia, gênero, dentre outras cisões, assim como produtores de ações diversas, demandas e transformações, físicas e simbólicas, noque tange aos signos e significados dos territórios.

Cabe destacar que as juventudes que nos referimos aqui, detém a especificidade de serem discentes da Unilab, e, como tal, são formadas, destacadamente, por sujeitos residentes temporários, que em sua maioria são oriundos de territórios escalares diversos, em esferas municipais, estaduais, de país e continente, diversos nas esferas culturais, de gênero, geracional, étnico-racial, nacional e socioeconômica (Unilab, 2021).

Destarte, em suas diversidades, as juventudes, através do processo de deslocamento das instituições de ensino superior no Ceará, e da diversificação dos fluxos que a acompanham, passam a residir em Redenção e a caminhar no seu urbano, segundo fator estruturante deste estudo. Como tal, mostra-se necessário introduzir, conceitualmente, que o urbano passa a se destacar nas literaturas, mediante a Revolução Industrial, que contextualiza, e, como Lefebvre salienta, torna-se "motor das transformações na sociedade", por volta de umséculo e meio atrás (2011, p. 11).

Essas transformações "modificam e transformam a configuração urbana das cidades. O modelo da rua tradicional é substituído por um sistema de circulação de fluxo contínuo. Novos elementos urbanos surgem para compor um repertório de signos" (Caldeira, 2007, p.33), sendo acompanhando não apenas de modificações e reestruturações materiais, como infraestrutura da rede de água, luz e esgoto, mas, também, segundo Carlos; Souza; Sposito (2020), por produção do espaço urbano, esse guardando o sentido do dinamismo das necessidades e dos desejos que marcam a reprodução da sociedade em seu sentido mais amplo, a realização da vida para além de sua sobrevivência.

Em consonância com o dito acima, cabe ressaltar que o urbano, de forma mais especifica a sua história, não seria a história da materialização dos processos sociais, mas sim as atividades que são produzidas em um determinado território (Carlos; Souza; Sposito, 2020, p.32). Desta forma, a produção do urbano se expressa não como resultado da "mão invisíveldo mercado", mas sim, como "consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadoras de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e outros seguimentos da sociedade" (2020, p.43).

Refletidamente, tem-se que, para pensar o urbano, é necessário considerar que a sua constituição implica a produção material, assim como a produção da vida, da cultura e de um modo de ser urbano (Alves, 2019, p. 552), da mesma forma que se revela necessário perceber o urbano da cidade de Redenção, enquanto parte de um fluxo constante de dinamismos, relações, práticas, ritos, mobilidades, consumos, de construções de percepções, considerando tanto sua espacialidade como as atividades e ações que caracterizam e significam suas áreas, através de apropriações, usos e ocupações, tendo como sujeitos, foco da produção dessas ações, as juventudes unilabianas aqui já mencionados. Sujeitos que ao adentrarem o fluxo urbano, acompanham novas mudanças e demandas.

Deste modo, a chegada do contingente estudantil universitário, desemboca, tanto na alteração em seu conjunto populacional urbano, quanto nos "modos de produção do espaço urbano, impactando as formas de ocupação, uso, acesso, regulação, posse e propriedade de diferentes parcelas da terra urbana (solo, subsolo e edificações)" (Machado et al, 2019, p. 144). Tais sujeitos geram um processo de intensificação das demandas já existentes e/ou a constituição de novas vislumbradas aqui em duas linhas: a primeira pode ser apresentada como material, relacionada às estruturas físicas da cidade, no que se refere à habitação, saneamento básico, transporte, serviços urbanos e equipamentos públicos (Agier, 2015, p. 491); a segunda remete ao imaterial, referentes às necessidades sociais de ganhar e gastar energias no lazer; de produzir relações fluidas ou duradouras, de sentir-se livre e seguro (Lefebvre, 2011, p. 105-106), enfim, de desenvolver sentimentos necessários às suas vivências e residência na cidade.

Por conseguinte, essas demandas podem ser indiciadas e observadas na constituição de novos dinamismos, apropriações e usos do urbano, para a constituição de relações, socializações, sociabilidades, resistências, pertencimentos e residência digna na/da cidade.

Esse conjunto de ações, diversas em suas formas, significações e espaços-tempos, mostraram a necessidade de sua observação e pesquisa, de estabelecer um recorte, tomando, como foco uma dessas diversas ações cotidianas, que será trabalhada nesta produção, enquanto ocupações criativas, que podem ser definidas, neste texto, como atividades desenvolvidas em territórios urbanos nas quais "a criatividade compreende a qualidade de pensar de forma inovadora numa produção ativa de reflexão, sentimento e ação com a finalidade de transformar e fazer surgir o novo como resposta às atividades mentais que se operam a partir de exercícios cognitivos e sensoriais" (Cavalcanti, 2006, p. 90), de forma maisespecifica para este estudo, como atividades que detém caráter de lazer, socialização, sociabilidade, acadêmico, pertencimento, resistência e cultural, desenvolvidas mediantes necessidades e percepções do urbano pelas juventudes.

Ao remeter a esse fato de extrema importância para a pesquisa, cabe introduzir, para além da explicação acima, uma breve exemplificação, através de uma das atividades criativas observadas, que mantinha suas ocorrências na Praça do Obelisco, intitulada "Praçarau", idealizada por docentes da Unilab e fortemente produzida pelos discentes, percebida enquanto uma atividade noturna que constituía um cenário diferente do habitual no determinado espaço, uma vez que era realizado após o encerramento das aulas noturnas e preenchido por um conjunto considerável de sujeitos, que no cessar do trânsito de horário comercial da vida urbana, passavam, aos poucos, a tomar as ruas e adentrarem a praça.

Neste momento, passam a constituir o Praçarau, através da realização de recitais de poemas, performances corporais, danças e encenações, além de apresentações musicais, que, por vezes, expressavam as vivências e sentimentos cotidianos como: a necessidade de conviver, interagir, ser ouvido, ser reconhecido, constituir lugares e identidades próprias na cidade e sentimentos de medos, revoltas, incertezas, alegrias e princípios de resistências, perante acontecimentos diários, dentro e fora das instalações da universidade. Deste modo, essa atividade é uma mobilização de diferentes necessidades e significações, produzidasmediante a criatividade dos diversos sujeitos, sendo assim, pensada enquanto ocupaçõescriativas.

Ressalta-se, ainda, ao introduzir esse fato, que o ato de ocupar, aqui aparece entrelaçado em diversas ocorrências, com ações de disputas e conflitos, motivados por uma disputa territorial pelos usos dos territórios urbanos, entre a tentativa e emergência de novos usos, acompanhados de novas singularidades e signos, da manutenção da tradicionalidade e

controle dos usos territoriais. Tais conflitos podem ser vistos como produto e produtor de discriminações e deslegitimações, com caráter de diferenciação e exclusão, que possuem, por bases, clivagens de raça, gênero, etnia, faixa etária dentre outras. Em contrapartida, essas deslegitimações são permeadas por resistências juvenis, indicando a necessidade de fazer e ter direito a cidade (Agier, 2015) para uma residência digna, como percebidas no decorrer da pesquisa.

Destarte a essa primeira percepção da realidade experienciada, evidenciou-se a necessidade metodológica de uma abordagem qualitativa, com disposições técnicas, de caráter etnográfico, utilizando, assim, a observação participante de forma densa, e não uma simples visão de Sobrevôo (Carlos; Souza; Sposito, 2020). Realizamos inserções virtuais em grupos e perfis online de organização e divulgação das atividades, assim como um conjunto de entrevistas para observar as percepções e significados que esses indivíduos produzem acerca desses acessos, usos e ocupações do urbano de Redenção, no intuito de apreender fragmentos, indícios, notícias, informações do objeto de estudo.

Mediante a complexidade do objetivo de estudo ao qual me proponho a desenvolver, se faz indispensável acionar múltiplos sentidos, modos de pensar e analisar os fenômenos que se mostram, que são constituídos e que são verbalizados pelos sujeitos. Para tanto, é traçado o caminho da interdisciplinaridade, visto a necessidade de abordagens que verse entre o diálogo de um conjunto de conhecimentos, reflexões sobre esses, e a utilização da criatividade (Japiassu, 1976; Frigotto, 2008; Pimenta, 2013; Ki-zerbo, 2010).

Almejando o desenvolvimento das análises, reflexões e da escrita desta dissertação, alguns referenciais teóricos se tornaram imprescindíveis para o diálogo, como Machado Pais (1990, 2009), Marilia Sposito e Carrano (1994, 2003), que proporcionam pensar o conceito de juventudes para além dos signos de instabilidade e cronologia etária, como sujeitos diversos, produtores de ações e perpassados por clivagens; outros como Fani Carlos, Marcelo Lopes, Maria Sposito (2020), Caldeira (2007), Alves (2019), que nos ajuda a trabalhar o espaço urbano, não só enquanto dimensão física, mas também simbólica, produzido e significado por meio de relações, dinamismos, demandas, desejos, mobilidade e intermitências; o estudo de noções territoriais foram pensadas, conceitualmente, através de autores como Haesbaert (2021), Fernandes (2008), Raffestin (2009), Santos (2002, 2006), Gomes (2002); e, para dialogar com esses dois fatores estruturantes, sujeitos e território, em busca de compreender

as percepções que se desenvolvem acerca do urbano, outros autores são acionados para a reflexão, como Lefebvre (2011), Agier (2011, 2015), Cefaï (2017a), Sodré (2002, 2005).

Entendo o objeto de estudo como multidimensional. É imprescindível pensá-lo a partir de uma perspectiva interdisciplinar com Frigotto (2008), Japiassu (1976), Ki-Zerbo (2010) Pimenta (2013), Mignolo (2008), Eco (2012), Macedo (2009), Becker (1997) e os demais autores já citados, visto que é o diálogo entre todos que possibilitaram a reflexão e a base para a análise de dados.

O primeiro capítulo abordará a trajetória de pesquisa, tomando como estopim o primeiro contato com o urbano de Redenção, mediante a experiência, como parte das juventudes universitárias, e o desenvolvimento de mobilidades no urbano, assim como a produção de usos dos microterritórios, transitando para o acesso às arguições que mediaram a emergência do olhar de pesquisa, para com a realidade experienciada. Prosseguimos discutindo um planejamento metodológico para o estudo do objetivo, baseado na criatividade.

O segundo capítulo tratará a discussão territorial, visto que é uma das bases estruturantes para a pesquisa. Neste debate, se busca explicar a escolha pela perspectiva territorial, suas conceituações mediante quatro dimensões, a econômica, a política, a cultural e a naturalista (Haesbaert, 2021) e a reflexão de que devem ser pensadas por meio de uma visão integradora. Ao finalizar a abordagem sobre a multidimensionalidade da categoria de análise, inicia-se o debate acerca da produção territorial e suas dinâmicas, inclusa a relação sujeito-território, de grande importância para a pesquisa do objetivo aqui proposto.

O terceiro capítulo intenta se debruçar sobre a identificação e captação que perpassam a dialética da intermitência e constância, ou, talvez, seja melhor o termo persistência, de atividades desenvolvidas pelas juventudes universitárias, assim como sua descrição e análise, mediante ao objetivo de pesquisa. Ao intuir essa discussão, cabe introduzir que as atividades desenvolvidas pelas juventudes são diversas, fato que tornou indispensável a delimitação a um conjunto de atividades que vislumbramos, aqui, enquanto ocupações criativas, já mencionadas, e sinteticamente conceituadas, nesta introdução.

A descrição e discussão sobre as ocupações criativas foram realizadas em conjunto com as narrativas juvenis, captadas por intermédio das entrevistas. Porquanto, julgamos como melhor alternativa, analisar as percepções das juventudes para com o urbano através das narrativas, uma vez que através das falas, os sujeitos podem expressar suas significações, seus imaginários, suas observações e vivências, que até então estavam sendo observada pela

pesquisadora. Com isso, também pudemos evidenciar as percepções que os sujeitos constituem acerca do urbano.

1. TRAJETÓRIA DE PESQUISA: DA EMERGÊNCIA DO ESTUDO À METODOLOGIA

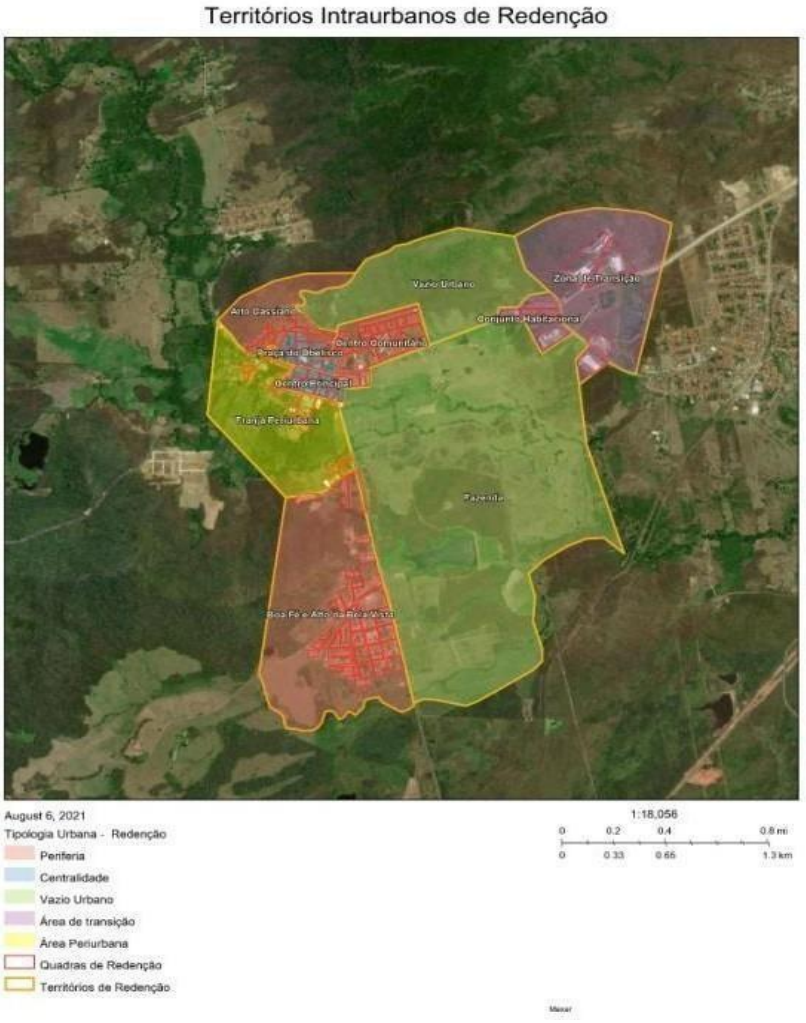
Redenção, uma das cidades sedes da Unilab, e palco deste estudo, situa-se na região conhecida como Maciço de Baturité, no Sertão Central do Estado do Ceará, sendo uma das treze cidades que compõem essa região. Redenção possui 225,3 quilômetros quadrados, com um clima tropical quente úmido, sub-úmido e semi-árido brando, e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal de 0,651, sendo uma escala mediana[5] (Aprece, 2022). Historicamente, seu nome é vinculado à homenagem ao título de primeira cidade brasileira a abolir a escravidão.

Dentro deste cenário, aponta-se, aqui, que o foco territorial da pesquisa decai sobre a área urbana da cidade, assim pode emergir a questão, "mas, por que apenas sobre está porção territorial, e não as demais?", respondo que por dois fatores: o primeiro é a necessidade de delimitar um campo de estudo, visto que uma grande porção territorial pode ser incompatível com o tempo de dois anos, o que pode gerar dados incompletos; e o segundo é o intenso movimento dos sujeitos de estudo nesta porção territorial, na qual, estruturalmente, se inicia em um de seus extremos, na avenida abolição que, imageticamente, possui duas vias em constante movimentação, tendo em um de seus lados, o campus Liberdade.

A avenida desemboca nas ruas centrais da cidade, com ramificações para vários territórios intraurbanos. Desta maneira, a estrutura urbana que se mostra diante dessa entrada em Redenção, com características morfológicas e de paisagem e funções urbanas diferentes, são: (A) áreas centrais: o Centro Principal e Praça do Obelisco; (B) bairro agregados: Conjunto Habitacional; (C) grandes periferias: Boa Fé/Prourb, Alto da Boa Vista, Alto Cassiano e Centro Comunitário; (D) uma área de transição, a Franja Periurbana; (E) vazios urbanos; e (F) grande área privada nomeada como Fazenda (Machado et al, 2020, p. 155), como pode ser visto na figura abaixo (Figura I).

Figura I: Territórios Intraurbanos de Redenção.

[5] Destaca-se como escala mediana em virtude do IDH, ferramenta para avaliar o desenvolvimento dos territórios, ser mensurado na escala de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo do 1, maior o nível de desenvolvimento do território.



Fonte: site Diálogos[6]. Mapeamento Interativo dos Centros Urbanos de Redenção-CE e Acarape-CE (2021)

Diante da estrutura urbana representada acima, alguns espaços públicos, destacam-se enquanto territórios escalares de pesquisa, no qual são constituídos por diversas relações, inclusive, pela intermitência de atividades juvenis unilabianas, dentre eles: A Praça do Obelisco (Vide figura II), primeiro território percebido de confluência juvenil unilabiana, localizado na área central da cidade, mais especificamente na Rua Rodolfo Teófilo, que interliga o início da centralidade da cidade, na saída da Avenida Abolição, e o seu desfecho na entrada que desemboca nas serras (Estrada da Barra Nova). Estruturalmente, a Praça é rodeada por comércios de diversas áreas, inclusas farmácias, padarias, lanchonetes,

[6] Disponível em: <Mapeamento Interativo dos Centros Urbanos de Redenção-CE e Acarape-CE – Grupo Diálogos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares (unilab.edu.br)>. Acesso em: 06 de abril, 2022.

restaurantes, armarinhos, dentre outros, e equipamentos públicos e privados, além de residências de moradores originários, como observado no trabalho de campo.

Área de grande movimentação de transportes automotivos e de transeuntes, esses utilizam a praça de diversas maneira, tanto durante o dia, quanto a noite, seja para a passagem e acesso a outros territórios, para descanso em seus bancos, realização de atividades físicas, de lazer, para adultos e crianças, atividades religiosas, festas, artísticas e culturais, para encontros e socializações, para comercialização.

Conforme entrevistas realizadas em 2020, foi possível inferir que, historicamente, a Praça do Obelisco foi inaugurada em 1933, sendo popularmente conhecida como tal, devido ao monumento imponente e de maior destaque, o obelisco, construído como marco comemorativo do cinquentenário da abolição da escravatura. No entanto, este território só se torna local de confluência das juventudes unilabianas, após cerca de dois a três anos do funcionamento da Unilab.

Figura II: Praça do Obelisco – situada na área central de Redenção.

Fonte: Google Earth (2023, on-line).

O segundo espaço público, intitulado, oficialmente, como Praça do Complexo Educacional Francisco Ferreira da Silva, popularmente conhecida como Praça do Skate (Vide

figura III), emerge como território de uso juvenil universitário, diante da flexibilização do isolamento social, referente à pandemia, por volta de julho de 2021. Tal praça se situa na Rua Santos Dumont, na parte detrás da Unilab, conhecida popularmente como Centro Comunitário, considerada uma área periférica, tendo maior circulação de transportes automotivos e transeuntes referente aos sujeitos residentes dessa área, diferentemente da Praça do Obelisco, que por se localizar em um território central é visitada e usada por sujeitos de diversos territórios. É estruturalmente rodeada, em maior parte, por residências, poucas estruturas comerciais e equipamentos públicos, contendo pistas de skates, arborização e bancos. Sua inauguração oficial foi em 26 de dezembro de 2021.

Percebendo-se, em relação aos usos, uma constância pequena, pouca movimentação no período diurno, utilizada com maior frequência nesse horário pelos estudantes da escolaem seu entorno, uma vez que se torna a parada dos ônibus escolares referentes a essa escola, também se caracteriza pela passagem constante de sujeitos, no entanto durante o dia torna-se deveras fatigante parar em alguns locais da praça pela pouca arborização.

Todavia, o cenário de usos dessa praça muda no horário noturno, quando passa a ser utilizada para a realização de exercícios físicos, passeio de crianças em suas bicicletas, adultos caminhando com seus cachorros, e em conjunto com jovens realizam jogos de mesa, a então praça ainda é utilizada como passagem, encontro e socialização, mas também se integra as dinâmicas de usos do ginásio que se situa em seu entorno, sendo por vezes, utilizadas para atividades criativas e festivas das juventudes universitárias após a finalização das aulas noturnas e no decorrer da madrugada. Cabe pontuar, que mesmo percebendo uma dinâmica mais concreta de usos desta praça a noite, ainda está em crescimento, se consideramos as dinâmicas de usos da Praça do Obelisco no centro urbano da cidade.

Figura III: Praça do Skate, Centro Comunitário.

Fonte: Google Earth (2023, on-line).

O terceiro espaço se situa ao lado da avenida abolição, na parte inicial do que se pode considerar como território urbano de maior movimentação, sendo caracterizado como área externa do campus Liberdade – Unilab (Vide Figura IV), estruturalmente, com um formato de uma pequena via, onde transitam e estacionam meios de transportes, mas também local de passagem, de encontro, de comercialização e festejos para diversos sujeitos que, cotidianamente, o vivenciam, caracterizado fortemente pelos usos dos sujeitos estudantis que constantemente transitam nesta área, seja na espera pelos ônibus que levam aos outros campi, Palmares e Auroras, seja para se locomoverem até a cidade de Acarape.

Do mesmo modo que, destaca-se como um espaço utilizado para a comercialização nos pequenos quiosques de lanches; como ponto de encontro entre os estudantes, como por exemplo, para a realização de mobilizações e resistências, ou mesmo encontros grupais com o intuito de reunir-se para sair em procura de outros territórios, tal como, para acessarem o Restaurante Universitário na área interna do campus, da mesma forma que para a realização de atividades festivas no que tange ao lazer dos estudantes. Apesar de destacar que os maiores usos são estudantis, ocorre o trânsito de diversos sujeitos que buscam acessar o campus Liberdade, mas também a creche local ao lado da universidade. É um espaço utilizado pelas

juventudes universitárias para apropriações criativas, de maneira mais constante, mediante o retorno às atividades presenciais, apropriações que serão discutidas no próximo tópico.

Figura IV: Campus Liberdade – Unilab.

Fonte: Google Earth (2023, on-line).

O quarto espaço se situa, também, nas intermediações da avenida abolição, via que interliga Redenção e Acarape, e é conhecido popularmente como Complexo Abolição (Vide Figura V), um conglomerado de comércios e moradias, em grande maioria, de estudantes universitários, mas contém um conjunto de comércios, dentre eles um supermercado, sendo uma área, na qual, no período diurno é usada para acessar as residências estudantis, para quemreside e para aqueles que visitam, e comércios, já no período noturno, conta com a abertura de lanchonetes, bares, pizzarias, dentre outros estabelecimentos comerciais e, de forma recente, com um pitstop[7], instalado ao lado desse espaço, sendo local de confluência e movimento comercial, se tornando, por vezes, espaço de oferta de atrações festivas, seja música ao vivo ou paredões automotivos.

Neste período noturno se percebe um encontro maior de sujeitos, tanto estudantis como citadinos locais, para a socialização através dos usos comerciais, para o lazer e para

[7] Local físico, semelhante a um pequeno quiosque, que realiza a venda de venda de bebidas alcoólicas refrigeradas.

acessar atrações musicais, todavia, desponta, de maneira drástica, através dos signos da comercialização, fato que por vezes pode delimitar os acessos e usos deste espaço, mesmo que não esteja em sua imposição física. No entanto, notou-se que nos momentos festivos essa delimitação derivada da comercialização se torna mais fraca, uma vez que os sujeitos tanto podem estar naquele espaço apenas para assistir as atrações, sem consumir nos estabelecimentos, por vezes, podem até já trazer consigo, de suas residências ou mesmo de locais com preços mais acessíveis, os próprios itens de consumo.

Figura V: Complexo Abolição.

Fonte: Google Earth (2023, on-line).

Os espaços urbanos citados acima, passam a ser considerados campo de pesquisa, mediante a noção de que podem proporcionar “a análise do conteúdo das relações que os constituem enquanto tal, como movimento do processo de apropriação/produção/reprodução do espaço em seus conteúdos sociais” (Carlos; Souza; Sposito, 2020, p. 53). O presente fato pode emergir, segundo os mesmos, perante a uma mudança de enfoque, no ponto de vista geográfico, acerca do espaço.

Deste modo, o espaço emerge não apenas como uma localização das ações, mas como meio para a produção, e parte destas, em virtude da relação sociedade-espaço não ser

percebida, aqui, como dois fatores paralelos, mas intercruzados, no qual juntos produzem um conjunto de dinâmicas e relações que significam a vida dos indivíduos. Dessa forma, o espaço se destaca como produto e produtor, possibilitando o desenvolvimento da compreensão das relações, através da ideia de constituição das práticas sociais, fato que abre caminho para constituí-lo, enquanto categoria de análise deste estudo. Diante desta reflexão, deve-se pontuar que, dentro deste espaço urbano, as ações juvenis apontam uma grande busca por espaços urbanos públicos e/ou espaço privados que detenham caráter de público[8], fato que constitui uma maior delimitação do campo de pesquisa.

Por conseguinte, faz-se evidente explicitar que espaços públicos "centra-se na ideia de acessibilidade: tudo o que vem a público está acessível a todos: pode ser visto e ouvido por todos" (Antunes, 2004, p. 8). Assim, é acessado e usado por todos os sujeitos, no que tange a apropriação, produção e reprodução das relações. Fisicamente, esses espaços se caracterizam enquanto praças, ruas, praias, dentre outros, mas que só expressam seu caráter de público mediante a relação com a prática social, com o desenvolvimento de relações e dinâmicas dos diversos sujeitos (Gomes, 2002).

Historicamente, Hannah Arendt constitui em uma de suas conceituações, o público, como o reino da liberdade, da ação, da política, da comunicação, e que na antiga Grécia, possui limites bem delimitados, em contraponto a esfera privada. Neste aspecto temporal, a esfera privada era condizente com a instituição familiar, um reino de violência e hierarquização dominado pelo patriarcalismo, em contraposição à esfera pública, vista como a esfera do comum, do domínio da política, da ação e do discurso, entretanto, cabe pontuar que, mesmo se contrapondo a esfera da violência e hierarquização, o público, neste contexto temporal, era regido pela presença dos homens, já as mulheres, crianças, escravos e bárbaros eram destituídos do poder da fala e discursos, sendo assim da vida na pólis (Antunes, 2004, p. 4).

No entanto, a modernidade é constituída por uma nova genealogia, na qual a linha, que antes delimitava fortemente cada um desses espaços, passa a se tornar tênue, mediante a mescla de preocupações da esfera privada, adentrando a esfera pública, e vice-versa. Como exemplificação tem-se a tentativa de afirmação das propriedades nos espaços públicos

[8] Espaços privados, por vezes abertos, como a área comercial do complexo abolição, que passam a ser apropriados e usados pelos sujeitos juvenis para atividades festivas sem pagamentos ou petições. Passando por vezes a deter um caráter de público ao possibilitar o acesso e o uso por todos, constituindo o caráter de público por meio das práticas sociais.

(Antunes, 2004), de forma mais contemporânea. Já em aspectos ressaltados por Gomes (2002), têm-se a apropriação privada dos espaços comuns, para comercialização e para usos privativos, como os usos dos espaços das praças para a constituição de vendas, de reuniões religiosas fechadas; o emuralhamento da vida social, ou seja, o desenvolvimento das práticas sociais em lugares fechados, em dimensões virtuais e as ilhas utópicas, onde "o homem público procura se reproduzir em um espaço privado, ou ainda, o espaço público é recriado em esferas menores e privativas" (Gomes, 2002, p. 187).

Tais discussões evidenciam a carência de considerar, para a observação desses espaços públicos, as características de liberdade e acessibilidade de todos, assim como os novos dinamismos que emergem para a sua significação, tendo em vista que a prática social pode revelar tal espaço, assim como pontuar um caráter de público, a ações desenvolvidas dentro de espaços privados, através da socialização, sociabilidade e ocupação coletiva. Tais questões se evidenciarão, de forma mais extensa, nos próximos capítulos, visto que esse é condizente a descrição e discussão dos passos iniciais da pesquisa.

Os espaços referidos acima se evidenciaram enquanto passíveis de observação ao longo da trajetória acadêmica, algumas vezes, intermitentes, ou seja, em espaço-tempos diferentes, e em outras, contínuo. Os espaços introduzem este capítulo, mediante o intuito de evidenciar que o percurso de contato e estudo do objeto científico, ocorre primeiro pelo desenvolvimento de vivências, experiências e percepções da autora, nos territórios urbanos da cidade, mediante a experiência enquanto juventudes universitárias, convertendo-se, no primeiro passo, mesmo que inconsciente, a questionamentos sobre a realidade experienciada. Cabe elucidar que, ao tomar o termo inconsciente, remete-se à primeira experiência juvenil de acessar, usar e ocupar, no qual, as dinâmicas e relações produzidas não eram percebidas a partir de uma ótica cientifica, mas como uma ação "normal", ou seja, naturalizada, sem inquietações que pudessem ser transformadas em estudos.

Entretanto, diante da trajetória acadêmica, que demandou a experiência de bolsista, foi possível se apropriar de arguições teóricas, acerca das noções territoriais, cidades, urbano, direito à cidade (Lefebvre, 2011), fazer à cidade (Agier, 2015) e juventudes, encaminhando a emergência de um "olhar" de inquietação e pesquisa para com a realidade que, até então, estava naturalizada diante dos sentidos e sentimentos. A conjunção dos novos conhecimentos, com a inquietude, gerou a necessidade de perceber o território urbano e as ações juvenis unilabianas, não mais apenas como minhas experiências cotidianas, mas enquanto campo de

pesquisa, no que tange a observação do que se mostrou como um processo de reterritorialização, de um dos territórios urbanos já mencionados acima, A Praça do Obelisco, considerando a emergência das juventudes, enquanto agentes, e das territorialidades, com foco analítico nas dinâmicas territoriais.

A então primeira pesquisa exploratória foi desenvolvida mediante uma abordagem qualitativa, com caráter etnográfico, e apoiada em técnicas de observação participante, entrevistas e dados, produzidos no projeto ao qual me inseri como bolsista, que apresentaram as ações e atividades juvenis como produção de ocupações criativas, desenvolvidos no intuito de residir de modo digno na cidade. Essas atividades geravam mudanças nas dinâmicas territoriais, através de disputas pelos usos da praça entre os novos agentes e os moradores originário; tentativas de controle territorial; a utilização de discursos que deslegitimam, propagam e mantém a marginalização dos novos ocupantes através de falas públicas, tal como da "fofoca", um poderoso meio para a manutenção do poder e da tradição de grupos hegemônicos (Elias e Scotson, 1994, p.13).

Todavia, tais resultados não geraram um acalento, mas um frenesi de compreender o caminhar significativo das juventudes universitárias no urbano da cidade, como ele ocorria e porquê. Assim, na contínua reflexão, se desenvolve o projeto que possibilita a presentepesquisa. Inicialmente, o objetivo tinha como foco analisar as ocupações criativas e seus formatos, porém, percebe-se que as ocupações criativas se destacavam como a atividade foco, que possibilitava a observação do caminhar significativo, e não como foco central paracompreendê-lo, tendo em vista que ela é produzida, mediante as demandas e percepções juvenis de si e do urbano.

Consequentemente, mediante a discussões e reflexões, constituiu-se o objetivo desta pesquisa de analisar como as juventudes universitárias unilabianas, percebem e se percebem, dentro da estrutura urbana de Redenção, e como elas buscam, mediante estes sentidos, criar estratégias de pertencimentos, a partir de ocupações criativas dos espaços citadinos, sendo estudado atrelado a uma perspectiva interdisciplinar, para o aperfeiçoamento e desenvolvimento da análise.

1.1. Dialogando com a interdisciplinaridade para a construção da pesquisa

Considerando a constituição do objetivo geral de estudo e seus fatores estruturantes, as juventudes e o urbano, complexos em suas dinâmicas, relações, signos e significados,

multáveis e fluxos, transpassa-nos a necessidade de um acompanhamento interdisciplinar, capaz de acionar conhecimentos multidimensionais para a constituição da pesquisa, da análise e reflexão dos dados distanciada do processo de fragmentação do conhecimento (Pimenta, 2013).

Cabendo introduzir o que consideramos, nestes escritos, por interdisciplinaridade, o redigimos mediante as noções teóricas, mas, também, se não principalmente, pela a forma como ela perpassa o estudo, através da constituição de necessidades de revisões, desconstrução de anseios e receios. A primeira revisão é da própria noção de interdisciplinaridade, na qual, no início das reflexões para essa pesquisa, foi pensada interligada, apenas, ao processo metodológico, como uma de suas formas, baseada na retirada, se assim pode-se dizer, de conhecimentos disciplinares, utilizando-os sem os devidos diálogos que poderiam proporcionar a emergência de um novo, na realidade, buscava-se levar em consideração os paradigmas já obtidos na formação especifica, como Pimenta (2013, p. 32) relata "[...] é preciso reconhecer, como Kuhn, que os cientistas são formados no quadro dum paradigma que domina sua disciplina numa dada época e que por isso, só veem o mundo da forma permitida pela sua formação [...]".

No entanto, diante do estudo de referenciais teóricos como Pimenta (2013), Japiassu 1976, dentre outros, tornou-se possível iniciar a desconstrução desse antigo, preceito ao considerar que a complexidade emanada pela temática de estudo e o contexto, carece ser ponderada, por intermédio do diálogo para a emergência de um novo, acerca do que se propôs pesquisar, pois o objeto científico possui variáveis fluxas de espaço-tempo, relações, dinâmicas e significados, carecendo de bases analíticas, construídas ou adaptadas, através da criatividade, diante ao que se mostra para constituir novas análises sobre a parcela da sociedade em si questionada, percebida e abstraída (Pimenta, 2013).

Cabe pontuar que, o pensamento interdisciplinar, ao qual tomamos, não exclui as especialidades, as disciplinas, na realidade como discute Pimenta (2013), a disciplina e a interdisciplinaridade se complementam, conjugam (Japiassu, 1976), não existindo um conhecimento científico adisciplinar (Pimenta, 2013), já que acionará conhecimentos diversos acerca das noções territoriais, juvenis, relacionais, sobre conflitos, sentimentos no intuito de compreender os significados desse movimento de mobilidade e ocupação criativa na cidade.

Consideramos que a criação do novo pode produzir e ser produzida pela desobediência epistemológica (Mignolo, 2008), no que tange a fuga de bases bibliográficas, analíticas e

reflexivas fechadas, encaixotadas em uma única via de conhecimentos hegemônicos. Tendo em vista esse pensamento, nos momentos iniciais de pesquisa, emerge a demanda de quebra com algumas noções: a primeira é a questão da subjetividade da pesquisadora, visto que a temática de estudo escolhida se deu mediante as questões de afeto e vivências dentro das juventudes universitárias, de seus usos, acessos e ocupações realizadas nos territórios urbanos de Redenção (Agier, 2015) e essa escolha gerou o receio de que essa subjetividade pudesse defasar os resultados da pesquisa, no entanto, diante do texto de Eco (2012), percebe-se que a escolha, muitas, deriva de nossos interesses, afetos e contextos.

A subjetividade do indivíduo o perpassa (Macedo, 2009), sendo assim, um estudo não poderia ser completamente neutro, no entanto, a subjetividade pautada não deve ter bases na imposição de preceitos, preconceitos e interferências nas ações e relatos dos sujeitos pesquisados, pois desta forma seria quase impossível não gerar defasagem dos dados, que devem condizer com a realidade pesquisada.

Portanto, almejando a aproximação e novas leituras da realidade, vê-se, para a subjetividade, a indispensabilidade de um rigor, no qual, "é compreender sua contrapartida complementar: a flexibilidade" (Macedo, 2009). Nesta linha reflexiva não cabe a utilização de métodos e metodologias como regras ou leis, mas sim a necessidade criativa demandada pelo objeto de estudo, de adaptação ou da emergência do novo (Becker, 1997).

Macedo (2009) explicita essa questão ao tomar o pesquisador como foco no pensamento, acerca do rigor e a exteriorização metodológica. Por conseguinte, o rigor representa o cuidado e a engenhosidade do pesquisador em desenvolver noções sobre seu objeto e as técnicas que irá utilizar, por vezes mesclando *insight* reflexivos, inéditos, com análises já realizadas por outros pesquisadores. Pautando-se nestas questões procuramos trilhar o caminho do planejamento desta pesquisa, desde a constituição dos seus objetivos, até as últimas análises, com base no dinamismo do rigor x flexibilidade, da criatividade e do diálogo interdisciplinar.

1.2. Percurso metodológico de pesquisa

Diante do discutido no tópico anterior, que sintetiza sobre a noção dos primeiros passos e reflexões para o então desenvolvimento desta pesquisa, pensada mediante o contexto de instalação da Unilab, universidade federal, internacional e interiorana, e da constantechegada de sujeitos estudantis universitários à cidade, que passam a residir, vivenciar e

modificar as dinâmicas sociais, econômicas, culturais e territoriais do urbano, experienciando, cotidianamente, desigualdades, segregações, precariedades urbanas e vulnerabilidades socioespaciais, demandando maneiras físicas e simbólicas de socialização, sociabilidade, familiaridade e de residência digna na cidade, é que se constitui o objetivo de analisar como as juventudes universitárias unilabianas, percebem e se percebem, dentro da estrutura urbana de Redenção, e como elas buscam, mediante estes sentidos, criar estratégias de pertencimentos a partir de ocupações criativas dos espaços citadinos.

Para tanto, cabe, não apenas, visualizar o campo de pesquisa e os sujeitos, mas pensá-los metodologicamente, o que seria para Minayo, trilhar "o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade", considerando "concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divinodo potencial criativo do investigador" (2002, p.16). Tendo em visto a necessidade de compreender fenômenos sociais complexos (Yin, 2001), mostra-se imprescindível tomar como base para as reflexões metodológicas, o método estudo de caso, uma vez que esse é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, no qual se possui pouco, ou nenhum, controle sobre os eventos estudados (Gil, 2002), como na presente pesquisa, pois a realização das ocupações, a produção de percepções, modificações físicas e simbólicas não podem ser controladas, muito menos transformadas pela pesquisadora, apenas acompanhadas.

Além do fato de que tais ações, como "[...] muitas informações sobre a vida dos povos, não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscritas ao simples dado objetivo. " (Trivinos 1987, p. 120), considerando assim a subjetividade que perpassa os sujeitos e suas produções, a abordagem que se faz necessária é a qualitativa, já que trabalha "com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização" (Minayo, 2002, p. 20). Todavia, essa classificação não exclui o acionamento de dados quantitativos, como a mesma autora pontua.

Dispomos, ainda, de algumas técnicas de caráter etnográfico, de modo que existe a necessidade de uma forte inserção no campo para desvendar a realidade observada (Lima et al, 1996), através do aguçamento do olhar, do ouvir e do escrever, momentos que, segundo Oliveira (1996, p.13) "pode aumentar a sua eficácia no trabalho antropológico, desde que

sejam devidamente tematizados pelo exercício da reflexão epistemológica", considerando que para a realizar desses momentos, é imprescindível, para este trabalho, o princípio da criatividade, seja para pesquisar, para analisar e escrever como encaminha Goldenberg (2004) ao se referir a obra de Mariza Peirano, A favor da etnografia[9].

Em suma, os ditos acima desencadeiam a reflexão e escrita do caminhar metodológico desta pesquisa, no qual se inicia por estudos bibliográficos e a inserção no campo que, como já mencionado, ocorreu anterior a necessidade de pesquisar, tendo em vista o fato de participar das juventudes universitárias. No entanto, ao desenvolver as inquietações, foi proveitosa a inserção já obtida nesses grupos, tendo em vista que essas possibilitaram a observação de que as ações juvenis, para com os territórios urbanos, se desenvolviam em duas esferas: a primeira, sendo a digital, espaços das redes sociais (Whatsapp, Facebook, Instagram), no qual se exacerbavam as criatividades e a organização do que viria a ser a ocupação criativa dos territórios intraurbanos, tendo, assim, a segunda esfera como o espaço físico de realização das atividades idealizada.

Esta primeira esfera tornou possível a visualização da organização e mobilização, através de grupos no Whatsapp, que debatiam acerca de como seriam as atividades, quais materiais seriam necessários, quem poderia consegui-los, os contatos que deveriam ser realizados e quem faria a arte de divulgação, assim como os problemas de legalização das ações. Todavia, logo emerge o primeiro problema, ou a primeira demanda de reinvenção, ao se deparar com a intermitência das juventudes, pois a entrada de cada semestre não vem apenas com novos indivíduos, mas também com a saída de muitos da universidade e da cidade, este fato gerou a saída de muitos dos sujeitos que organizavam as ações, e aos quais eu tinha acesso. Cabendo destacar que a cada semestre constituem-se novos grupos juvenisque passam a integrar-se com os sujeitos que ainda permanecem na universidade.

Destarte, mostrou-se necessário uma constante inserção em grupos juvenis, buscas por perfis e páginas nas redes sociais, como Instagram e Facebook, que são utilizadas para a divulgação da atividade de ocupação, perfis que geralmente possuem um grande número de seguidores, em sua maioria, estudantes unilabianos, e que, como foi observado, passam a desenvolver um processo de divulgação desde um macro (as páginas com grandes números de seguidores), a um micro (de individuo a individuo dentro da universidade, nas calçadas da ruas, nos supermercados e nas janelas privadas do Whatsapp). E como pauta Diógenes (2015,

[9] Mariza Peirano. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

p.544), é nesse processo de diálogo, através das redes sociais, que se "traduz um dos mais significativos lócus de socialização da contemporaneidade".

A segunda esfera remete ao espaço físico, ou seja, aos territórios intraurbanos de Redenção, local de concretização da ocupação organizada, territórios que indiciam as relações, as dinâmicas, as percepções que envolvem as juventudes e o urbano, indicando características de intermitência. Entretanto, apesar desses dois planos parecerem desligadosum do outro, constata-se o contrário. Esses dois espaços são forjados em conjunto, sãointerligados, ou seja, o acontecimento de um não encerra o outro de forma total.

Ambas as esferas se evidenciam enquanto campo fértil para o desenvolvimento da observação participante, no que se refere ao "contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para a obtenção de informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos" (Neto, 2002, p. 59), não seguindo apenas uma padronização já realizada por outros pesquisadores, mas levando em consideração o que é posto pelo objeto, no que tange a frequência da realização das ações, a intermitência de territórios e diálogos, assim como ouvir o dito e o não dito e ver as ações e representações, mas também, o que pode vir a ficar subentendido nessas, tendo em mente que uma constância nas observações pode impedir o erro da "experiência primeira" (Bachelard, 2005, p. 29).

Tal técnica metodológica, a observação, proporcionou a possibilidade de mapear os territórios que são usados pelas juventudes, possíveis semelhanças e diferenças, indícios das percepções que são constituídas e que constituem os sujeitos, escutas, diálogos, assim como inserções em novos grupos.

Refletir acerca da observação participante evidenciou que, para o estudo do objeto ao que se propôs, é necessária uma escuta apurada dos sujeitos, através de depoimentos no processo de entrevistas que, para Neto (2002, p.57), é um procedimento bastante usual para

> [...] obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. [...] Através de seus procedimentos, podemos obter dados objetivos e subjetivos.

Planejado está técnica, vislumbrou-se a necessidade de que ela fosse semiestruturada, ou seja, mesclando questões formuladas previamente, com a possibilidade de abertura para falas livres dos sujeitos entrevistados (Neto, 2002). Buscou-se, então, um quantitativo de 8 entrevistas, com diferentes jovens de possíveis nano grupos, formados nas atividades de ocupações, cabendo pontuar que estes dois procedimentos, a observação participante e a

entrevista, caminham juntos, pois as constantes observações possibilitam comparar as falas dos sujeitos com suas ações e expressões. Desta forma, trabalhar os dois procedimentos, em profundidade, pode combater o perigo de bias que, para Becker (1997, p. 62), pode ser "produzido pelo desejo de dar substância ou repudiar uma ideia em particular", aparecendo, por vezes, como o processo de defasagem dos dados de acordo com preferências, tendências e inclinações que o pesquisador possa produzir.

2. DO ESPAÇO AO TERRITÓRIO: UMA PERSPECTIVA DE ESTUDO

Cada um de nós necessita, como um "recurso" básico, territorializar-se.

Haesbaert (2021, p. 17)

Seria possível pensar os indivíduos e a sociedade sem a espacialidade? Esta questão é posta, aqui, não em busca de uma resposta, mas para introduzir as reflexões e diálogos, teóricos e empíricos, que acompanharam este capítulo, tendo em vista que partimos do pensamento de que a observação da espacialidade pode indiciar as relações, dinâmicas e percepções dos indivíduos, para essa pesquisa um determinado grupo intitulado juventudes unilabianas, para tal, estes escritos consideram e tomam como base que,

> [...] o próprio conceito de sociedade implica, de qualquer modo, sua espacialização ou, num sentido mais restrito, sua territorialização. Sociedade e espaço social são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, territorial (Haesbaert, 2021, p. 20).

Almejando constituir um ato reflexivo, mediante a ligação entre sociedade e espaço, ressaltada na citação acima, buscamos abordar, nos ditos predecessores a este capítulo, os locais de observação, enquanto um dos fatores estruturantes da pesquisa, sendo que estes, mediante as suas localizações, características e significações, remetem as noções de urbano e público. Um considerável exemplo que pode ser destacado aqui são as praças, como: a Praça do Obelisco e a Praça do Skate, locais observados que remetem a um caráter de público, visto as múltiplas possibilidades de usos por diferentes sujeitos e ao seu preceito básico de acesso a todos, tal qual ao caráter de urbano, pois além de se situarem na área considerada urbana da cidade, possuem em seus entornos estruturas comerciais, vias pavimentadas, equipamentos públicos e privados, além de dinâmicas fluidas e mudanças constantes, no que tange as relações sociais, econômicas, culturais, mobilidades e significações, estando sempre em constante (re)construção, como no caso dos locais pesquisados na busca de indícios das percepções juvenis para com o urbano.

E ao se reportar a esses dois caracteres, ponderamos que estamos a remeter, inicialmente, ao conceito de espaço, que em muitas literaturas aparece com vinculação, e diferenciação, ao de território, considerando que este último processo pode ocorrer mediante ao vínculo teórico, metodológico e institucional dos sujeitos pesquisadores gerando diversas interpretações (Fernandes, 2008).

Fernandes (2008, p. 277) ainda contempla, ao discutir com Santos (1996), que a definição de tais conceitos é um exercício intelectual que emerge do movimento "entre o abstrato e o concreto ou do movimento entre o método (pensamento pensante), a teoria (pensamento pensado) e a realidade", sendo processos perpassados de intencionalidade, visto que ela vai do sujeito ao objeto. Desta forma, a própria conceituação se desenvolve mediante a intencionalidade ligada as teorias e métodos. Perante a noção de que as conceituações que se distribuem, ao longo desses escritos, podem obter suas bases em algumas teorias e métodos, em contraponto a outros que não produziram e nem foram percebidos diante dos estudos, encaminharemos uma breve discussão acerca da diferenciação entre os dois conceitos citados acima, Espaço e Território, que se tornaram um dos fatores estruturantes desta pesquisa.

2.1. Espaço e Território: Uma diferenciação conceitual

Busca-se voltar o olhar para o conceito de espaço, mediante ao movimento histórico do conhecimento geográfico, considerando a sua incontestável materialidade para "buscar os conteúdos mais profundos da realidade social em direção à descoberta dos sujeitos e suas obras. A análise do espaço coloca-se, portanto, como um momento indispensável à compreensão do mundo contemporâneo" (Carlos; Souza; Sposito, 2020, p. 58).

Por sua vez, segundo as mesmas autoras, essa noção expressa a passagem histórica do espaço, apenas como localização dos fenômenos, para a noção de "produção social", realizada através de grandes dificuldades, já que representava a quebra da condição de objetividade pura. Esse processo de transformação é sintetizado na seguinte escrita de Carlos, Souza e Sposito (2020, p. 59) "é assim que da simples constatação da localização das coisas no espaço passa-se à descoberta da "organização do espaço" pelos grupos humanos e, desta elaboração, para a ideia de que a sociedade produz seu próprio espaço".

Em consonância com a presente citação, tem-se refletido que o espaço pode indiciar não apenas as obras dos sujeitos, mas suas constituições significativas para a produção do conjunto de percepções que possibilitam, e, por vezes, os levam a usar tais espaços. Assim, o espaço, como possibilidade de estudos, em suas instâncias materiais e imateriais, tem proporcionado um conjunto de conceituações e discussões, inclusive sua diferenciação com território.

Ao observar o ato de estudo do espaço por alguns autores, contempla-se, também, a escrita acerca da relação Espaço-Território, no qual o espaço é relatado como uma

materialização da existência dos seres humanos (Lefebvre, 1991, p. 102 *apud* Fernandes, 2008), não fragmentado, mas uma totalidade (Fernandes, 2008), constituído por sistemas de objetos e sistemas de ações, como trabalha Santos (1996) e que segundo a análise de Fernandes (2008, p.276)

> [...] não podemos separar os sistemas, os objetos e as ações, que se completam no movimento da vida, em que as relações sociais produzem os espaços e os espaços produzem as relações sociais. Desde esse ponto de vista, o ponto de partida contém o ponto de chegada e vice-versa, porque o espaço e as relações sociais estão em pleno movimento no tempo, construindo a história. Este movimento ininterrupto é o processo de produção do espaço e de territórios.

Diante deste processo de produção do espaço e do território, que em uma primeira visão parece indistinto, desenvolve-se a relação de diferenciação. Ao se tomar essas duas noções para estudo, e ao já vir trabalhando Fernandes na citação acima, discutiremos tal relação a partir dele, uma vez que o mesmo utiliza a discussão acerca do processo de produção, para explicitar que segue o princípio no qual o território é anterior ao espaço, e constituído mediante a ele.

A presente noção denotada por esse autor assemelha-se e toma como base, como ele torna explícito, Claude Raffestin, no qual em um de suas célebres citações reflete que,

> Espaço e território não são termos equivalentes e nem sinônimos. Utilizando-os indiferentemente, os geógrafos introduziram em suas análises algumas confusões notáveis. É fundamental entender como o espaço está em posição que antecede ao território, porque este é gerado a partir do espaço, constituindo o resultado de uma ação conduzida por um ator que realiza um programa em qualquer nível. Apropriando-se concretamente ou abstratamente (por exemplo, através da representação) de um espaço, o ator o "territorializa". Para construir um território, o ator projeta no espaço um trabalho, isto é, energia e informação, adaptando as condições dadas às necessidades de uma comunidade ou de uma sociedade. O espaço é a "prisão original", de acordo com a definição de Gunnar Olson, a "jaula", segundo Jean Brunhes; ao contrário o território é a prisão que os homens constroem para si, reorganizando as condições iniciais (Raffestin, 2009, p.26).

A leitura que se constitui por intermédio da noção nos escritos acima indica um espaço permeado por um forte nível de abstração, que antecede o ato da apropriação e da ação característica da produção do território, que seria definido e delimitado (Albagli, 2004), como sendo o espaço um recipiente físico à espera do desenvolvimento de ações para se tornar múltiplos territórios.

Entretanto, a conceituação de espaço, acima, não é única, mas vista, aqui, como o exercício intelectual de alguns autores. Tanto é assim que, mediante outras noções intelectuais, se constitui pensamentos diferentes, e que, por vezes, não as diferenciam do conceito de território, como pode ser analisado em Lefebvre (2011) ao tratar o espaço não

como homogêneo e de grande abstração, mas produzido socialmente, apropriado e significado pelos sujeitos agentes desses processos, que buscam o direito à cidade.

De fato, o autor não buscou uma diferenciação entre espaço e território. Desta maneira, mediante a discussão desenvolvida neste tópico, percebe-se que a inclinação para considerar uma determinada abordagem conceitual, no que tange a pensar os lugares descritos acima, de apropriação, uso e significação pelos agentes juvenis, não necessita ser tomada através de uma diferenciação entre Espaço e Território, mas diante da questão de perspectivae foco tomada pelo pesquisador, considerando os lugares observados, mediante a dialética material e imaterial, e seu caráter de produto social.

Sendo que, enquanto questão de perspectiva, tomamos desde o início do projeto de pesquisa, o território como noção base para pensar os lugares observados, tendo o discernimento para entender que em alguns pontos reflexivos, principalmente no que tange a produção social, as questões abordadas nos conceitos de território, que serão utilizadas para análises, também são vistas por autores como Lefebvre, ao trabalhar o espaço, e são de grande valia para a compreensão do objeto de estudo. Assim, por perspectiva, não trabalharemos com a diferença, mas sim com o diálogo entre noções que serão tomadas como suporte para a categoria espacial base desse estudo, o território. Desta maneira, seguiremos discutindo o que entendemos por território e como as noções que o constituem possibilitam vislumbres e reflexões acerca dos lugares, ações e sujeitos juvenis, para que assim possamos analisar suas percepções.

2.2. Território enquanto campo de estudo

Os primeiros contatos com arguições teóricas, acerca da noção de território, foram predecessores aos primeiros intentos de pesquisa, de forma especifica, tem-se que esses primeiros contatos teóricos, foram o estopim para perceber que a realidade vivenciada, enquanto juventude, era um campo de pesquisa necessário. Este fato se sucedeu por meio das primeiras inquietações, que já não tomavam mais o território como separado do indivíduo, mas como parte constituída e constituinte das relações, ações e sentimentos deles. Sendo que, durante a trajetória acadêmica, os territórios, em conjunto com as ações juvenis, mostram a possibilidade de analisar um dos impactos na relação sociedade-território, tendo em mente

que é mediante a um contexto e espaço-tempo especifico[10], que é o desenvolvimento de percepções das juventudes para com o urbano de Redenção.

Posto isto, e tomando como questão de perspectiva, o território prossegue como categoria de análise para com os locais pesquisados dentro dos espaços, e como tal, necessita ser introduzido e discutido neste capítulo. Bem, as discussões acerca do conceito de território nas Ciências Sociais, ligados a constituição pelas relações humanas e seus significados, são recentes, como pode ser detectado em Haesbaert (2021, p. 36) ao falar que "pelo menos desde a década de 1960 a polêmica sobre a conceituação de território e territorialidade vem se colocando". Cabe pautar que, nessa tomada, a noção de território pode ser pensada por outro ângulo, na ruptura do pensamento geográfico que, segundo Carlos, Souza e Sposito (2020), passa a se estabelecer nos anos 1970, no qual possibilita a passagem do pensamento de espaço, e aqui consideramos também o território, enquanto localização e organização para o de produção.

Nesta perspectiva dos trabalhos acerca do conceito de território, percebe-se que o mesmo detém um caráter interdisciplinar, no entanto ainda negligenciado nesse primeiro momento, ao ser trabalhado, separadamente, pelas diversas disciplinas e não em diálogo, vistoque cada área de estudo optava por sua perspectiva, como reflete Haesbaert (2021, p.37),

> Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto "força produtiva"); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mastambém no tratamento do "neotribalismo" contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo.

Essas diferentes perspectivas acerca do conceito de território são expressas mediante os impactos do processo de globalização, contexto que manifesta a compressão do espaço- tempo e enfraquece as fronteiras constituídas pelo Estado-Nação, através da redução das distâncias entre continentes, países, cidades e indivíduos, uma vez que ao toque do advento da comunicação, "nossa vida imersa numa mobilidade constante e simbólica", como reflete Haesbart (2021, p. 20).

[10] Como já mencionado na introdução, o contexto ocorre mediante a instalação de uma universidade federal e internacional no interior do Ceará, fato que acarreta impactos e mudanças no espaço urbano da cidade e desta forma aos territórios que o compõe gerando modificações, demandas e (re) significações.

Assim, ao tocar na discussão do contexto de fragilização das fronteiras, é necessário pensar o que existia antes deste momento, tão indispensável para as conceituações acerca do território, que no caso era o processo de organização mundial do Estado-Nação que, segundo Gomes (2002. p. 92), tem seu surgimento na primeira parte do século XIX ligado a criação do "princípio das nacionalidades", constituindo-se pelo sentimento de enraizamento, e do país, como uma grande comunidade, buscando fatos comuns a todos, tornando-se uma unidade política. Gomes (2002, p. 153), sobre o Estado-Nação, nos abrilhanta com a seguinte reflexão:

> O Estado é também uma nação, um corpo coeso de pessoas, solidárias em face de um destino comum vivido dentro dos limites de comunidades políticas que são em grande parte narradas como comunidades históricas. As fronteiras entre esses Estados passam a ser vistas como limites definitivos de toda a diferenciação. É nesseperíodo que as escolas nacionais, na arte, na ciência, na cultura em geral, impõem-se e são tomadas como recortes naturais e essenciais em todos os campos da vida social.

Entretanto, deve-se ter todo cuidado ao refletir sobre as diferenciações expostas pela fortificação de fronteiras e fragmentação do território, pois por vezes elas podem deixar um status positivo da diferenciação, enquanto construção da cultura nacional, da economia, da descolonização, para ser utilizada como justificativa para a subjugação e dominação de outros territórios. No entanto, esse contexto de divisões territoriais do Estado-Nação enfraquece tendo a sua frente o "mundo das redes, a "sociedade em rede", como denominou Manuel Castells" (Haesbaert, 2021, p. 20).

Interpretando esses dois contextos, o mesmo autor constitui duas sublimes conceituações, a de território-zona caracterizado por uma forma de delimitação das fronteiras, das identidades e característico do Estado-Nação, e a do território-rede caracterizado pela época da informação, da conexão, da globalização, da flexibilidade das fronteiras físicas, constituindo redes entre os territórios, os conectando rapidamente e de formas múltiplas.

Por conseguinte, é diante aos dois contextos citados acima, que ocorre a retomada da discussão sobre território, visto que ocorre uma mudança, tanto física, quanto simbólica, nas estruturações das fronteiras, condizente com este momento. Haesbaert (2021) menciona que essa retomada aos estudos territoriais é desenvolvida, ao que parece, não para uma reafirmação do território, mas para abordar um possível enfraquecimento do mesmo, haja visto as modificações do processo de globalização citada acima e o desenvolvimento dos territórios-redes, tendo como base uma ideia de desterritorialização na qual reflete uma visão de que diante de mudanças o território é enfraquecido e até mesmo destruído, o autor, assim, pontua três questões básicas sobre os discursos constituídos da desterritorialização:

> 1. Geralmente não há uma definição clara de território nos debates que focalizam a desterritorialização; o território ora aparece como algo "dado", umconceito implícito ou *a priori* referido a um espaço absoluto, ora ele é definido de forma negativa, isto é, a partir daquilo que ele não é.
> 2. Desterritorialização é focalizada quase sempre como um processo genérico (e uniforme), numa relação dicotômica e não intrinsecamente vinculada à sua contraparte, a (re)territorialização; este dualismo mais geral encontra-se ligado a vários outros, como as dissociações entre espaço e tempo, espaço e sociedade,material e imaterial, fixação e mobilidade.
> 3. Desterritorialização significando "fim dos territórios" aparece associada, sobretudo, com a predominância de redes, completamente dissociada de e/ou opostas a territórios, e como se crescente globalizaçãoe mobilidade fossem sempre sinônimos de desterritorialização (2021, p. 31).

Os pontos acima discutidos pelo autor representam a noção de que o território, no contexto do mundo em redes, globalizado, passa a, basicamente, inexistir. No entanto, a noção territorial ao qual tomaremos por base, não pensa a desterritorialização isolada, com bases na destruição, mas sempre em constante relação com (re)territorialização, tomando por suporte a ideia da multiterritorialidade, na qual explanaremos mediante o processo de conceituação territorial que seguiremos abaixo, visto que, após falar dos indícios de seu estudo, faz-se necessário discutir seus conceitos.

O território, etimologicamente, deriva da palavra territorium, em latim, vinculada ao termo terra. Segundo Haesbaert (2021), esse termo possui proximidade com o de terreo-aterritor, ou seja, de aterrorizar, de limitar e expulsar. O alinhamento da noção de território com terra exprime a perspectiva materialista, na qual o território remete ao espaço físico e de forma extrema tendo como base a para sua constituição as relações de produção.

Em contrapartida a essa linha materialista, Haesbaert (2021, p. 44) aborda a naturalista composta por dois sentidos da noção de território:

> [...] seja no sentido de sua vinculação com comportamento dos animais (o território restringido ao mundo animal ou entendido dentro de um comportamento "natural" dos homens), seja na relação da sociedade com a natureza (o território humano definido a partir da relação com a dinâmica – ou mesmo o "o poder" – natural do mundo.

Neste sentido, tem-se a ideia do território constituído por um conjunto de ações e relações dos indivíduos que espelham a dinâmica animal, ou territorialidade animal, como estudado pela Etologia. E como exemplo, pode-se pensar no ato de disputa, de proteção das fronteiras, usos dos recursos e expressividade, no entanto, as noções sobre essas dinâmicas parecem vagas, ao ponto que, por vezes, buscam explicar a construção do território e a territorialidade humana apenas vinculada ao mundo animal, que não tem uma dinâmica única, visto a diversidade de espécies e ações, necessitando assim a consideração de cada contexto (Haesbaert, 2021).

Entretanto, não se pode excluir todas as partes dessa ideia. Considerando, sim, a noção das dinâmicas territoriais humanas, ligada, em alguns aspectos, à animal mediante a natureza do homem. “A questão central, portanto, não é questionar a existência de visões naturalistas (como as noções de território aqui discutidas), mas como desenvolver instrumentos conceituais para repensá-la dentro desse complexo hibridismo em que cada vez mais estão se transformando” (Haesbaert, 2021, p. 55). Tais palavras levam a entender que não se deve excluir as questões naturalistas, mas considerar essa dimensão dentro de outras, como a materialista.

As duas dimensões acima citadas, quando alinhadas e pensadas em conjunto, de modo extremo, podem expressar uma conceituação de território, apenas como fonte de recursos, passível de controle e acessos, destacada como uma das linhas da dimensão econômica territorial. Haesbaert (2021) ilumina que essa concepção, em sentido estrito, não vem sendo tomada fortemente. Em contraponto, de forma intermediária, há uma noção econômica extrema de território, que se encontra em algumas pontuações da esfera econômica. O mesmo autor aponta para Milton Santos, quando pensa território como usado, mas não apenas nessa dimensão, ligando-a a política e cultura.

E tomando a política como foco, Haesbaert (2021), pontua sobre a dimensão jurídico-política, sendo que entre as diversas perspectivas, o conceito de território ganha grande força nas questões desta dimensão, que é pautada pelo célebre autor dentro do pensamento materialista. Nesta acepção, a noção de território incorpora o controle ao espaço de domínio do homem e delimitação por fronteiras, que podem se assemelhar ao Estado e ser constituídas pelas suas instituições através do poder. O autor ainda transparece que o território político não se constitui apenas da dimensão material, mas também simbólica.

A dimensão simbólica aparece, por vezes, ligada a perspectiva idealista que pensa o território, não apenas pelo viés materialista, mas indissociável à construção de signos e significados que constituem a vida dos indivíduos. Acerca dessa concepção, Haesbaert (2021, p.72) exemplifica, com suporte em Bonnemaison (1997) que:

> Nas sociedades agrícolas pré-industriais e nas sociedades “primitivas” de caçadores e coletores, “o território não se definia por um princípio material de apropriação, mas por um princípio cultural de identificação, ou, se preferimos, de pertencimento. Este princípio explica a intensidade da relação ao território. Ele não pode ser percebido apenas como uma posse ou como uma entidade exterior à sociedade que o habita. É uma parcela de identidade, fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço.

Essa percepção expressa, ao que se compreende, um território produzido e produtor de significados e identidades pelo sentimento de afeto, pertencimento e vivência, caracterizado pela subjetividade e em um viés culturalista. As concepções acima, acerca do termo território, foram pensadas em diferentes dimensões estudadas por Haesbaert (2021) e que, de forma sintética, expressam a reflexão do conceito em quatro dimensões: a cultural, a política, a econômica e naturalista. Dessas quatro, três são sintetizadas pelo autor da seguinte forma:

> - política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder instituicionalizadas): a mais difundida,onde o território é visto como espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado.
> - Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.
> - Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão "territorial" do trabalho por exemplo" (Haesbaert, 2021, p. 40).

Entre essas perspectivas cabe, ainda, expressar uma última, e de grande consideração para este estudo, sendo ela a perspectiva integradora de território, que se orienta pela ideia de que o território só pode ser produzido e entendido perante a um processo de integração entre as diversas dimensões que o concebem. O contrário dessa concepção, como é advertido, ou seja, o privilégio a uma dimensão pode ser acarretado pela especificidade disciplinar ao qual o pesquisador está inserido (Haesbaert, 2021, p. 75).

O processo de discussão acerca das acepções do conceito de território, mediante as diversas dimensões desenvolvidas, teve por objetivo, introdução, suporte bibliográfico para analisar e, assim, destacar que os quatros locais observados, enquanto palco e parte estruturada e estruturante das ações juvenis, são visualizados enquanto territórios, que conceitualmente, e em virtude de seu caráter complexo e multidimensional, não cabe ser pensado em uma única dimensão, mas por meio de uma integração. Assim, no intento de indicar quais noções tomamos por territoriais, descreveremos uma observação realizada em campo, como exemplificação e base de dados para reflexão.

Campus da Liberdade, Unilab, 09 de junho de 2022, de forma específica a área da pequena via que detém formalmente o caráter de estacionamento, embarque e desembarque, para a entrada do prédio do campus, área que presidiu e preside diversas atividades e ações de múltiplos caráteres. Neste dia específico, e no horário das quatro horas da tarde, a reunião de estudantes e docentes em prol da constituição de uma manifestação contra ataques a educação

superior pública, como cortes de verbas, Proposta de Emenda à Constituição, que instituía cobrança de mensalidades, dentre outras, neste espaço-tempo, a área da universidade era ocupada por um grande grupo de estudantes, por carros estacionados, por quiosques-lanchonetes, carro com som automotivo em apoio a manifestação, estudantes a espera de locomoção para outros campus ou para suas residências e servidores que terminavam seus expedientes. É possível que ainda tenha alguma característica deste momento que deixamos passar, pois tornou-se impossível transitar de forma densa pelo quantitativo de sujeitos organizados para manifestar, lutar e resistir. E atrevo-me a dizer que, para quem se permitisse, era possível ser atravessado por diversas sensações, sentimentos, pelo movimento constante e múltiplo (vide figura VI).

Figura VI: Atividades juvenis na área externa da Unilab – Campus Liberdade.

Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

A breve descrição de uma das observações realizadas, em um, do que aqui consideramos territórios de ações e atividades juvenis, é fundamental para exprimir que, por território, diante do que se mostra aos olhos observadores e ouvidos atentos, tornando-se, de forma figurativa, quase palpável, não cabe uma análise apenas das estruturas e itens físicos, em razão da existência de sentimentos e sentidos múltiplos que se integram ao território e suassignificações, seja como recursos para quem sobrevive dele, seja como lugar de afeto, de luta,

resistência, liberdade de expressão e fala ou busca por ela, de identificação, de pertencimento e possibilidade para outros e, muito menos, tomar o território no sentido de sujeito passivo e localização das atividades.

Essa dinâmica constitutiva do território possibilita e necessita a citação aos escritos de Carlos, Souza e Sposito (2020), quando a mesma toma a produção do espaço pela sociedade, e que aqui nos parece possível pensar, de forma específica, os sujeitos juvenis, e sua relação com os territórios, parte de suas ações. Assim comungamos com seguinte reflexão:

> Tal enfoque aponta para a ideia de que a sociedade, ao produzir-se, o faz num espaço determinado, como condição de sua existência, mas através dessa ação, ela também produz, consequentemente, um espaço que lhe é próprio e que, portanto,tem uma dimensão histórica com especificidade ao longo do tempo e nas diferentes escalas e lugares do globo (Carlos; Souza; Sposito, 2020, p. 53).

Talvez aqui possamos pensar que a dinâmica de constituição territorial é atravessada pela relação território-relações sociais, desta maneira, o território aqui pensado considera a sua dimensão funcional com delimitação areal (Sack, 1986 *apud* Plein et al, 2009) da terra urbana, limites geográficos físicos, estruturas materiais e a possibilidade de seus usos como um recurso a sobrevivência.

Todavia, se não primordialmente, considera-se essa dimensão ligada a noção do território vivido, permeado pelo simbólico, constituído mediante as relações (Sack, 1986 *apud* Plein et al, 2009), dinâmicas sociais, ações que envolvem afetividades, emotividades, resistências, conflitos, rituais, movimento (Santos, 2006, p. 39), com a própria constituição e reconstituição de identidades, visto a reflexão dessas "enquanto algo mutável, dinâmico, flutuante de acordo com as relações sociais" (Gomes, 2019, p.48). E vislumbrando, também, que o "Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza, a partir das manifestações da sua existência" (Santos, 2002, p. 9), ou seja, onde a existência do indivíduo se constitui doravante a sua relação com diversos fatores, e se não primordial, com o território.

Nesta reflexão, o território é pensando na integração das diversas dimensões: material, econômica, cultural, política e naturalista. O observado no momento da pesquisa de campo, através, de forma imprescindível, pelos parâmetros físicos, tendo em vista a demarcação do campo de estudo e uma primeira análise das estruturas físicas na praça e no seu entorno; o vivido, vivenciado e produzido simbolicamente, para tal, utilizando-se na noção territorial de constituição, através de relações, dinâmicas, do visível e do invisível; do dito e do não dito;

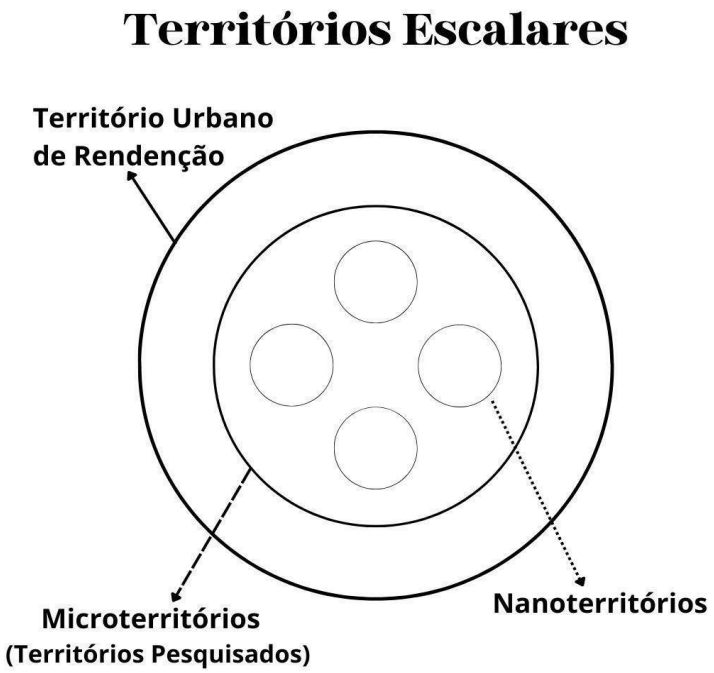
do sentimento de pertença, da resistência, dos usos que produzem significados e que transcendem os limites físicos, das relações de poder, de subjetividade e o emaranhado de redes produzidas e produtoras dos territórios multidimensionais, não sendo percebido como estático, mas sim fluxo. Desta forma, a relação territorial "pode se dar em termos materiais, culturais ou ainda na dimensão afetiva" (Gomes, 2019, p.52).

Doravante essa reflexão acerca do território, e a consideração de suas dimensões para as análises, nos deparamos com o vislumbre de que os territórios pesquisados pertenciam a um território maior, a cidade de Redenção. Visto isso, tornou-se inevitável que, ao pensar nesses territórios intraurbanos, tomasse para sua reflexão a ideia de escalas, no que tange a consideração da diversidade territorial, seus parâmetros físicos e geográficos que consideram diferentes territórios, desde o municipal até o internacional. Aqui tomamos a escala micro, para pensar os múltiplos territórios dentro do município, desta forma, considera-se o alerta de Fernandes (2008) que,

> Ao se ignorar propositalmente os distintos tipos de território, perde-se a multiescalaridade, porque estes territórios estão organizados em diversas escalas geográficas, desde a local até a escala internacional (Fernandes, 2008, p. 278).

Ao compartilhar concordâncias com a reflexão acima, consideramos os territórios intraurbanos de Redenção dentro de um processo escalar, como pode ser visto na figura abaixo (figura VII), na qual, o círculo/território macro representa a área urbana total da cidade, composta pelo círculo mediano, que expressa os territórios intraurbanos pesquisados e explicitados no primeiro capítulo como microterritórios, podendo ser vias, praças dentreoutras destacadas aqui em quatro territórios, carecendo, ainda, considerar uma terceira escala,a nano, no que tange ao processo de formações intermitentes, com limites e dinâmicas territoriais produzidas nos momentos das ações juvenis, dentro dos microterritórios. Essas formações são descritas, aqui, como nanoterritórios, representada pelos quatros círculos menores.

Figura VII - Territórios Escalares.



Fonte: Imagem produzida pela autora a partir do arcabouço de dados (2022).

Entretanto, a imagem e a breve escrita sobre os territórios escalares que percebemos, podem gerar uma inquietação em compreender como visualizamos os nanoterritórios, já que ainda não foi discutido aqui. Logo, cabe-nos salientar que através das observações, os identificamos como formações grupais circulares, em sua maioria, estruturadas por diferentes grupos juvenis, que se ligam por meio de identificação pela convivência em salas de aulas, pelo tempo de entrada na universidade, pela afetividade, pelas práticas culturais, pela pertençaa um determinado território ou residência. Aos que adentrarem os territórios para o desenvolvimento de ações, como as festas, comunicam-se e formam uma pequena área em círculo, na qual, o acesso só é permitido a sujeitos conhecidos, e que de alguma forma, fazem parte do agrupamento. Neste processo, as estruturas físicas que delimitam o território são seus próprios corpos e as ações simbólicas e significativas são produzidas de acordo com as relações realizadas pelos sujeitos que a formam, não podendo ser excluída a entrada de outros,através dos processos de socialização que ocorre neste momento, pois a constituição do que percebemos como emergência de pequenos território é constante e possui diversas formações que se constitui e reconstitui de forma múltipla em cada atividade, tendo como caráter de

intermitência maior, os sujeitos juvenis, visto a constante mudança destes, seja pelo fato de que a cada semestre alguns se formam e migram para outras cidades, seja pela desistência, ou mesmo pela impossibilidade de comparecerem a todas atividades.

2.3. A produção do território e dinâmicas territoriais

Deste modo, as considerações acerca do que vislumbramos como noções bases para a identificação dos territórios, enquanto multidimensionais e multiescalares, a partir da observação do dia 09 de junho de 2022, abrem, também, para pensar que as ações juvenis nos microterritórios urbanos, como a citada, evidenciam a (re)produção deste processo iniciado, através da apropriação, que como Lefebvre (1986 *apud* Haesbaert, 2021, p. 94) salienta, ocorre quando os indivíduos se apropriam de um espaço que pode ser modificado para sanar as necessidades e possibilidades dos indivíduos. Mediante este autor, e a realidade observada, cabe refletir que a apropriação territorial se constitui através das demandas, das possibilidades de encontros para a socialização, para a sociabilidade, para o gasto de energias, para atividades voltadas ao lazer e mesmo a resistência, para o comércio e sobrevivência, para o trânsito e movimento dos sujeitos.

Cabe indicar, como análise, que tais ações não ocorrem separadamente por espaços-tempo distintos, geralmente ocorrem todas em um mesmo território e mesmo momento,podendo caracterizar, aqui, a noção de múltiplas apropriações concomitantes, por diferentes sujeitos, com dinâmicas, relações e necessidades diversas. Assim, não podemos pensar o território como estático, mas sim, múltiplo, mutável e com diversas significações como foi descrito na observação do dia 09 de junho de 2022.

O referente processo de apropriação se liga a (re)produção ou emergência de territorialidades, conceito fortemente ligado ao de território. Em sua acepção genérica é vista como qualidade de um território. De outra forma, a noção de territorialidade não pode ser vista por essa única noção, já que ela representa a "ordem simbólica-cultural" (Haesbaert, 2021, p. 74), as relações, as identificações e o próprio sentido que é concebido aqueleterritório.

No entanto, por vezes, a territorialidade que é comunicada ao exterior, não reflete as múltiplas dimensionalidades desse processo, visto que não se tem apenas uma única territorialidade, mas, semelhante aos territórios, múltiplas. Diante dessa discussão alguns autores, como Sack optam por enfatizar uma única dimensão da territorialidade (Haesbaert,

2021). Este autor a centraliza na perspectiva política definindo o conceito como "[...] uma estratégia para estabelecer graus diferentes de acesso às pessoas, coisas e relações" (Sack, 1986 *apud* Plein et al, 2009, p.53).

Para outros, como Raffestin (1988, p. 265 *apud* Haesbaert, 2021, p. 87), em uma acepção mais ampla, territorialidade seria "o conjunto de relações estabelecidas pelo homem, enquanto pertencente a uma sociedade, com a exterioridade e a alteridade através do auxílio de mediadores ou instrumentos", ou, também, como "sentimentos vinculados à nossa existência em uma porção do espaço habitado" (Silva, 2015, p. 60), seja de construção, reconstrução ou reafirmação de identidades, resistência, quebra com um processo hegemônico, a construção de relações e pertença. Ambos trabalham dentro do campo da territorialidade humana.

Em intermediação entre as duas perspectivas refletimos que, assim como tratamos a questão territorial, a partir de um olhar multidimensional, não caberia nestes escritos pensar a territorialidade de outra forma, que não em suas múltiplas acepções. Consideramos, diante das observações realizadas, tanto o proposto por Sack, quanto por Raffestin, tendo compreensão que em determinados contextos, espaço-temporal, pode ocorrer a exacerbação de uma dimensão, em detrimento das outras. No entanto, todas as dimensões, a cultural, a política e a econômica, podem estar presentes, principalmente, caso se conceba a diversidade de sujeitos, relações, dinâmicas e produções territoriais.

E ao tomarmos, até este ponto, a noção de território, suas relações, dinâmicas eproduções para o processo de debate como meio e base tanto para observar, como para analisar as produções, dentre elas as percepções acerca do urbano, desenvolvidas pelas juventudes, mostra-se imprescindível pensar o conceito de territorialização, uma vez que este expressa a produção do território, mediante a apropriação, a territorialidade, as relações e dinâmicas desenvolvidas pelos sujeitos que usam, (re)significam e desenvolvem relações de poder. Haesbaert (2021) sintetiza a multiplicidade de territorializações em quatro modalidades importantes para as reflexões debatidas neste capítulo e nos subsequentes, são elas:

> a. Territorializações mais fechadas, quase "uniterritoriais", ligadas ao fenômeno aqui denominado de territorialismo, que não admitem pluralidade de poderes e identidades, como ocorre em algumas sociedades indígenas e como ocorria entre os talibãs afegãos e, em parte, nas propostas de resolução para os conflitos bósnio e palestino.
> b. Territorializações "tradicionais", ainda pautadas numa lógica (relativa) de exclusividade, que não admitem sobreposições de jurisdições e defendem uma maior homogeneidade interna, como a lógica clássica do poder e controle territorial dos Estados nações, tanto daqueles moldados sobre a uniformidade cultural quanto os

> Estados pluriétnicos, mas que buscam diluir essa pluralidade pela invenção de uma identidade nacional comum.
> c. Territorializações mais flexíveis, que admitem ora a sobreposição (e/ou a multifuncionalidade) territorial, ora a intercalação de territórios – como é o caso dos territórios diversos e sucessivos nas áreas centrais das grandes cidades, organizadas em torno de usos temporários entre o dia e a noite (Souza, 1995) ou entre os dias de trabalho e os fins de semana.
> d. Territorializações efetivamente múltiplas, resultantes da sobreposição e/ou da combinação particular de controles, funções e simbolizações, como nos territórios pessoais de alguns indivíduos ou grupos mais globalizados que podem ou se permitem usufruir do cosmopolitismo multiterritorial das grandes metrópoles (Souza, 1995 *apud* Haesbaert 2021, p. 342).

Diante do exposto, acerca dos tipos de territorializações que aponta o autor, refletimos que a realidade pesquisada demanda considerar uma integração dessas modalidades, em virtude da multidimensionalidade dos territórios. Todavia, pensando a multiplicidade territorial e seu processo de constante movimento, pontua-se que a terceira modalidade sintetizada, referente às territorializações flexíveis, emerge agudamente nos microterritórios observados, ao destacar este fato não excluímos a possibilidade de integração com as demais territorializações simultaneamente.

Na verdade, ao destacar essa reflexão, intentamos dizer que existem múltiplos processo de territorialização, tanto de forma simultânea, como de forma intercalada, haja vista que os microterritórios observados já preexistiam as ações juvenis, já possuíam uma forma, significados, relações e dinâmicas e que por vezes se conjugam ou se intercalam com as juvenis universitárias no contexto pesquisado.

Neste tocante, nas dinâmicas territoriais de apropriação e emergência de territorialidades, não podemos deixar de destacar que as dinâmicas de usos territoriais que observamos, expressam, o que pensamos anteriormente, ser o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização. No entanto, vislumbrou-se essa dinâmica em momentos separados e, ainda, sem perceber conjugação ou sobreposição. Desta forma, se seguíssemos essa lógica, se construiria um pensamento no qual uma produção territorial era destruída para a outra produção se iniciar.

Contudo, ao conjeturar o território como múltiplo, fluxo, multidimensional e multiescalar diante das bibliografias e das percepções de campo, compreende-se que talprocesso não é separado, mas conjugado, flexível, não ocorrendo o fim de um território para a produção de outros, mas sim uma sobreposição, ou talvez para além de apenas isso, a "sua experimentação/reconstrução, de forma singular pelo individuo, grupo social ou instituição" (Haesbaert, 2021, p. 343), ou seja, no momento das ações juvenis universitárias não há a

destruição do território e seus significados anteriores, eles passam a existir, simultaneamente, ao produzir novos significados, dinâmicas urbanas e relações, estabelecendo, assim, constantes processos de reterritorializações. Este processo pôde ser refletido a partir da ideia de multiterritorialidade, ou multiterritorialização, desenvolvida por Haesbaert (2021, p. 343- 344) que implica,

> [...] a possibilidade de acessar ou conectar diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma "mobilidade concreta", no sentido de um deslocamento físico, quanto "virtual", no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas pelo ciberespaço.

A presente noção passa a ser tomada, aqui, como base para refletir o processo de produção dos múltiplos territórios e as dinâmicas territoriais. Não obstante, tais processos não são isentos de conflitos, pois possuem diversos sujeitos operantes que estabelecem diferentes demandas, relações, significações e usos que por vezes em suas especificidades podem gerar situações conflituosas. Sendo uma linha para pensar essa problemática, que emerge inclusive mediante as observações, a relação território-cidadania, tendo a devida atenção ao pensar no conceito de cidadania, que segundo Gomes (2002, p. 141) "não é uma característica universal ou permanente na história das sociedades. Cada momento a definiu de maneira diversa, e cada forma concreta se revestiu de manifestações próprias", sendo que na contemporaneidade este conceito é caracterizado pela noção de preocupação ética e justiça social, como destaca o mesmo autor.

De outra forma, refletimos diante da realidade estudada, que a ideia de cidadania aciona, também, como suas características, as relações sociais, de poder e diferenciação que parecem se constituir mediante ao arranjo com a identificação e pertencimento ao território de maneira física e simbólica, mas não apenas ao território nacional, talvez e senão principalmente, ao seu território escalar das vivências cotidianas. Portanto, a ligação território-cidadania, como elucida Gomes (2002, p. 141) "deixam marcas e escrevem seus códigos territoriais (de acesso, hierarquia, valorização etc.)".

Seguindo este viés de pensamento acima, a presente ligação demonstrada possibilita pensar o desenvolvimento de conflitos entre as juventudes universitárias e os moradores originários sobre os usos dos microterritórios que podem derivar da constituição de códigos que referenciam os moradores originários como cidadãos e os novos moradores como não, ocasionado a tentativa de controle e restrição de acessos e usos para com os microterritórios e assim conflitos. Tais situações possibilitam o desenrolar de impactos nas percepções

desenvolvidas acerca do urbano pelos sujeitos juvenis e, portanto, necessitam ser consideradas neste estudo.

Deste modo, intuiu-se com o presente capítulo, pontuar as noções que analisamos para a reflexão sobre os territórios e suas dinâmicas, visto que esses se tornam base e meio para analisar e compreender as ações desenvolvidas pelos sujeitos juvenis, que são produzidas pelas suas percepções acerca do urbano e que geram a produção de novas significações.

Assim, observar o território abre espaço para pensar a relação sujeito-território, as significações e percepções desenvolvidas e que retornam novamente a produção territorial, como impactos no urbano, tendo como ação foco para a busca de indícios dessas percepções, as atividades criativas juvenis nos microterritórios urbanos, de forma mais especifica, chamaremos aqui de ocupações criativas, na qual discutiremos de maneira mais aprofundado no próximo capítulo.

2.4. Do território ao lugar

Perante a discussão acerca das noções territoriais, desenvolvidas desde o estopim das primeiras reflexões sobre a realidade experienciada e os espaços que passavam a fazer parte da trajetória dos sujeitos, que adentravam a cidade de Redenção e que se torna um dos fatores estruturantes desse estudo, em conjunto com o seu prosseguimento, nos deparamos com a emergência, através da qualificação, de uma nova discussão e percepção para com a análise desses espaços e de sua relação com os sujeitos de pesquisa, permeando as perspectivas e arguições sobre lugar, uma vez que esse, na presente reflexão, não se exclui da perspectiva territorial, mas de outro modo, a complementa.

Tomamos esta perspectiva de integração, já que, primeiramente, se adotou uma visão territorial, que foi deveras necessária para o estudo da relação sujeito-urbano, perante as tentativas de ocupações dos espaços públicos, a constituição e/ou reconstituição dos territórios, física e simbólica, acompanhadas de multiterritorialidades, mediante aos novos usos e, talvez, primordialmente, pelas disputas territoriais e situações conflituosas que evidenciara tentativas de controle e fortes relações de poder.

Podemos, aqui, tomar como exemplo, a segunda atividade ocorrida no dia 09 de junho de 2022, quinta-feira, no horário noturno, que evidencia o processo de produção e uso criativo dos espaços urbanos, no qual a área externa do campus Liberdade – Unilab, se reconstituiu no momento noturno, enquanto espaço propício para o desenvolvimento de uma atividade

festiva, de maneira inicial, produzida por um comercio privado, o Quiosque do Falcão, mas que, primordialmente, ocorre mediante a fortes demandas estudantis de viver a cidade, assim como sentir uma determinada familiaridade, ao ponto de poder ser parte do fazer a cidade (Agier, 2015).

A referida atividade criativa, semelhante às outras ocorrências de mesmo aspecto neste microterritório urbano, não possui dias específicos de realização oficialmente, ocorrendo em dias variáveis de acordo com a demanda das juventudes estudantis unilabianas, no entanto, percebidas fortemente na intermitência entre os dias de quarta, quinta e sexta-feira. As atividades desenvolvidas nesse dia em questão, podem ser descritas como festivas e de lazer, na qual era acompanhada por músicas, reproduzidas por uma caixa de som de posse do dono do quiosque, venda de bebidas, tanto pelo comerciante local, quanto por alguns estudantes que necessitavam de uma renda extra.

Em conjunto com a comercialização, também ocorriam dinâmicas relacionais afetivas, conversas, formações grupais e um conjunto de expressões corporais refletidas, inclusive, através da dança como em outros momentos, mas o que procuramos aqui destacar é a relação conflituosa, de disputa e tentativa de controle, que em conjunto com as outras dinâmicas recorrentes descritas, caracterizam o espaço, em determinado momento, como território.

> O território pode surgir a partir de um espaço concreto apropriado, delimitado ou ocupado por um grupo social. [...] Todavia, o autor alerta para a noção de que os territórios podem ser de natureza efêmera, quer dizer, é possível que se formem ou se dissolvam de forma muito rápida, daí a necessidade de se encarar o território e, consequentemente, a territorialidade como categoria temporária, de vez que no espaço e no tempo nada é permanente, tudo se acha em constante transformação (Pinheiro, 2013, p. 163).

Refletindo essa produção do território e de suas características ligadas à dominação, ao poder e as tentativas de controle das dinâmicas, relações, ações, da construção de novos signos e significados, pontua-se, aqui, que esta atividade foi palco de um dos primeiros conflitos de repreensão dos usos daquele determinado microterritório pós-isolamento pandêmico. Até então tinha ocorrido, algumas vezes, a intervenção policial, mas devido ao horário de recolhimento social estabelecido como parâmetros para conter a disseminação da COVID-19.

Entretanto, no evento citado aqui, já não existia mais essa medida de regulação dos horários de lockdown, sendo, de fato, um das primeiras ações de repressão sem justificativa, acompanhada ainda de violência, uma vez que, ao tentar conversar com um dos policiais, um jovem estudante da Unilab recebeu uma tapa, ação seguida da utilização de balas de borracha

para a dispersão dos sujeitos, em sua maioria, estudantes da universidade, mas também jovens moradores de Redenção e Acarape, exigindo, com isso, o fechamento, naquela noite, do quiosque.

A perspectiva territorial abordada se desenvolveu em virtude de que os primeiros elementos percebidos para a pesquisa se constituíram mediante a percepção dessas situações de disputa territorial, controle e conflito pelo acesso, uso e ocupação dos espaços urbanos, em sua maioria, públicos da cidade de Redenção. Isso não exclui as dinâmicas sociais, culturais, afetivas ou relacionais, mas se integram, como já dito em outros momentos, e são essas dinâmicas que permitem a perspectiva territorial, não como excludente da visão de lugar, mas sim, complementares, visto que a constante tentativa de ocupação desses espaços, podem denotar a busca por uma construção de lugares, tornando-se oportuno trabalhar essa categoria.

E uma forte expressão explicativa, na qual iniciaremos as discussões acerca da noção de lugar, decorre das escutas proporcionadas através da observação de falas entre os grupos,ou nos espaços que frequentam, assim como os relatos dos entrevistados, sendo constante a referência, por vezes, até comparativa, que alguns dos sujeitos fazem entre suas cidades originárias e Redenção, comparações estruturais físicas, mas também afetivas, através das redes de familiaridades, que de determinada maneira, é consequência da simbiose das estruturas e relações físicas e simbólicas, consonante e potente para a análise que intuímos encaminhar, transcrevemos a seguinte fala:

> [...]essa questão da solidão eu sentia muito quando estava só eu em casa, quando as meninas precisava fazer alguma coisa, quando eu estava só em casa e principalmente quando eu ia, né, pra minha casa em Pentecostes e quando eu voltava, por que era muito bom o sentimento de acolhimento quando você volta pra casa, mas ai se passam dois dias e você tem que voltar pra cá, e você sente o peso da solidão de novo. E aí isso foi minimizando, minimizando, mas aí, enfim né, continua, querendo ou não a gente sente, porque é como se nunca fosse a casa da gente aqui, por mais que, eu estou aqui há cinco anos, mas nunca senti como se fosse de fato a minha casa (Entrevista, 2023).

Nestas palavras é visualizado um sentimento, uma vontade de que a cidade da presente residência se tornasse “casa”, no que tange a possibilidade de desenvolver pertencimentos, familiaridades, ações e usos diversos dos espaços, bem como ter acesso a equipamentos, públicos e privados. E é o que observamos neste estudo, também como uma referência a produção do lugar, já que, esse carece para sua constituição da realização de um processo de familiarização e significação pelos sujeitos, sinalizando sentimentos, emoções, seguranças (Yi-Fu Tuan, 1983 *apud* Azevedo e Olanda, 2018). Nesta ligação há um sentimento até

outrora fornecido nas suas vivências originárias, mediantes as trocas, afetos a grupos e, inclusive, a cidade natal.

A presente percepção de lugar mediante as experiências, vivências, aos sentimentos, significados e sentidos pelo próprio corpo do sujeito e de seus usos, remete aos estudos da geografia humanística, sendo,

> Inspiradas pela fenomenologia, essas abordagens (Geografia humanística, cultural e comportamental) buscam uma análise dos fenômenos do conhecimento com base nas experiências concretas, intencionais e conscientes, de maneira holística. Essa perspectiva geográfica vê no lugar o espaço que é familiar, vivido, experienciado. Um dos principais conceitos na Geografia humanística, o lugar é o mundo da vida, da identidade e da cultura (Azevedo; Olanda, 2018, p. 144).

Tomando essas reflexões, compreendemos o lugar como necessidade humana e realização da vida, principalmente na esfera cotidiana, sendo intercalado em diversas escalas relacionadas a tomadas de identidade, como aponta (Azevedo; Olanda, 2018, p. 139):

> Por exemplo, nossa casa é um lugar carregado de significados de pertencimento singular, ao passo que o planeta Terra é um lugar com sentido de pertencimento, porém ampliado não só em sentido escalar, como também nas experiências vividas.O lugar não é um ponto definido por coordenadas geográficas, um ponto no espaço, uma localização física ou uma representação cartográfica; ele é a articulação da espacialidade com as relações sociais estabelecidas entre seres humanos e os elementos que compõem esse espaço.

Pensando essa tomada escalar do lugar, assim como se pensou no território, percebe-se a busca pela constituição de lugares nos diversos espaços da cidade de Redenção, a partir do caráter macro e micro, como pode ser vislumbrado diante da entrevista citada acima, exemplificando bem a necessidade de que o território da cidade de Redenção possa proporcionar uma familiaridade e, assim, sentimentos de pertencimentos, como em outrora o território natal proporcionou, Mas para que Redenção venha a se constituir enquanto um lugar para os estudantes, transparece, imprescindível, que seus microterritórios, primeiro possibilitem a constituição dessa dinâmica de familiaridade.

Tal dinâmica desponta como possibilidade mediante a uma simbiose entre as estruturas físicas e simbólicas, sociais, culturais, relacionais, percebida através da fala imprescindível da entrevistada (2023),

> eu acho que a minha realidade mudou um pouco porque devido as experiências de estágio né estágio trabalho enfim que eu tive é, pode me aproximar um pouco mais das pessoas locais mas eu acho que se eu tivesse continuado na minha posição de apenas estudante o meu vinculo tivesse continuado sendo somente a Unilab, eu não teria essa proximidade que eu tenho com algumas pessoas da vizinhança e é como eu tô dizendo também é a questão da localidade onde eu me encontro hoje, porque hoje eu considero que eu tenho vizinhos e eu os conheço e eles me conhecem, mas quando eu já residi em outros bairros não era essa realidade.

Vislumbra-se, mediante essa fala, que a construção do lugar, a identificação e o sentimento de pertencimento ocorre, justamente, através de diferentes dinâmicas entre o físico e o simbólico. Percebendo tal processo, compreende-se que as tentativas de uso, acesso e ocupação podem se destacar, primeiramente, como uma maneira de construção do lugar; e segundo, não de maneira contrária, mas em conjunta, como uma forma de suprir a precariedade dessas dinâmicas, que poderiam possibilitar a presente construção. O lugar expressa, e é expresso, pelo conjunto de relações das necessidades existenciais do sujeito, como: "localização, posição, mobilidade, interação com os objetos e com as pessoas. Identifica o fato de se "estar no mundo", estabelecendo, deste modo, o lugar como espaço de existência e coexistência" (Pinheiro, 2013, p. 164).

Emergindo como consequência de um processo de apropriação de um determinado território, por um corpo social de agentes, produzindo lugares escalares, consideramos o lugar tanto em seu caráter de vivido, da experiência cotidiana, como uma construção social, uma vez que os sujeitos de pesquisa tomam iniciativas, na tentativa de produzirem atividades, apropriações dos territórios urbanos, para produzirem ações, ocupações que possibilitem uma vivência e experiência na cidade. Entretanto, cabe pontuar que, mesmo que considerando as vivências cotidianas, não excluímos a reflexão de que o lugar seja o mundo da vida e deste modo, possibilita pensar a ligação entre o local e o mundo, como nos aponta Carlos (2007, p. 20)

> A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo a análise do lugar se revela — em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem — no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana a partir do estabelecimento do mundial. O lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos.

Essa relação entre o local e o mundo é contemplada pela dialética que também envolve exterior-interior, novo-velho (Moreira; Hespanhol, 2007), já que as relações, dinâmicas, conflitos e resistências, outrora foram percebidos como interpelados com questões políticas e sociais em esferas nacionais e internacionais, assim como o conflito entre o novo e o tradicional da cidade, essa dinâmica pode ser observada no seguinte relato de uma entrevista (2023) sobre o processo de construção de atividades no espaço urbano de Redenção:

> [...] porque assim como eu cheguei aqui em 2017 eu pelo menos eu faça uma análise do Nacional que interfere no micro, o macro que interfere no micro, então quando eu chego em 2017 nós estávamos vivendo todo um momento muito crítico, muito atribulado né no ambiente político.

Observando, assim, que no processo de construção das atividades e das relaçõessujeito-território, na busca da construção do lugar, se tem uma dinâmica de interferência do macro no micro, um forte exemplo é percebido diante da ocupação, como já se relata no iníciodo capítulo do dia 09 de junho de 2022, que no ato de apropriação do território, paramanifestar contra os ataques a educação superior, mediante ao ato de corte de verbas e tentativa de cobrança de mensalidades, interpelava as necessidades e vivências cotidianas, com os anseios e o contexto político nacional. Esse ato de luta pode ser tomado, também, mesmo que involuntariamente, como uma demonstração da tentativa de construção do lugar.

Portanto, a dinâmica dialética acompanha a tentativa ou mesmo a construção do lugar, dado que os sujeitos, suas ações e relações acompanham, e podemos pensar que internalizam, as dinâmicas externas, como nos ilumina, Santos (1994, p. 97).

> Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar.

Tomando, assim, essa discussão da construção do lugar, mediante a espacialidade do cotidiano, do vivido, do pertencimento, mas de outra maneira, da construção social, da dialética das dinâmicas e relação da repercussão macro (Global), no micro (lugar), materializando-se em construções físicas e simbólicas, tenciona-se evidenciar que se tem uma percepção do lugar para além de apenas uma localização física e imutável, uma vez que consideramos, também, sua fluidez, já que tanto o contexto espaço-temporal, quanto os sujeitos, são fluxos e mutáveis, nesta linha de pensamento, o lugar emerge como o espaço significado, o território apropriado, no qual os sujeitos desenvolvem identificação, familiaridade, pertencimento, por meio de suas vivências cotidianas, mas também tencionam, refletem, desenvolvem conflitos de acordo com as necessidades, visto que, a própria tentativa da constituição de lugares parte, como vislumbrado, da carência de viver a cidade de uma maneira digna.

Pensar o lugar, abriu, desta maneira, um caminho de análise potente para perceber a relação sujeito-urbano e suas percepções de lugar, que uma vez já refletido, desvelou-se que buscam, de formas constantes, familiarizar-se, desenvolver atividades e ações que sanem

necessidades cotidianas, tanto estruturais físicas, quanto relações, muitas delas de afetividade com a própria cidade.

3. OCUPAÇÕES CRIATIVAS NOS MICROTERRITÓRIOS DO URBANO

Ao se considerar a discussão territorial travada acima, por meio do intento de que seja possível pensar acerca das percepções juvenis para com o urbano, desenvolvidas através da relação sujeito-território, evidencia-se a necessidade de buscar uma ação especifica, produzida mediante essa relação, que possa indiciar questões acerca do objeto de estudo, que, sinteticamente, está inserido dentro do contexto específico de interiorização do ensino superior, na região do maciço de Baturité, com a instalação e funcionamento da Unilab. Tal fato acarretou na chegada de inúmeros sujeitos juvenis, que passam a residir, vivenciar e modificar as dinâmicas sociais, econômicas, culturais e territoriais do urbano, experienciando, cotidianamente, desigualdades, segregações, precariedades urbanas e vulnerabilidades socioespaciais, demandando maneiras físicas e simbólicas de residir de forma digna na cidade.

Para tanto, este capítulo se debruça sobre a identificação e captação que perpassam a dialética da intermitência e constância, ou, talvez, seja melhor o termo persistência, de atividades desenvolvidas pelas juventudes universitárias, assim como sua descrição e análise mediante ao objetivo de estudo. Ao intuir essa discussão, cabe introduzir que as atividades desenvolvidas pelas juventudes são diversas, fato que tornou indispensável a delimitação a um conjunto de atividades que vislumbramos, aqui, enquanto ocupações criativas, já mencionadas, e sinteticamente conceituada, na introdução.

As ocupações criativas são, aqui, atividades que possuem múltiplas significações,formas de produção, detendo um caráter de criatividade, assim como os territórios que as possibilitam. Primeiro, explicita-se que tais atividades podem ser festivas, de manifestação, de extensão acadêmica, de pesquisa, socialização, sociabilidade e que desenvolvem novos sentidos às interações urbanas, mediante atividades inventivas, que evidenciam, por um lado,o urbano enquanto espaço de demandas necessárias e direitos, no que tange a busca por acesso à habitação, acolhimento, segurança, estabilidade, cuidado, equipamentos públicos e privados, lazer, serviços e infraestrutura para suas vivências (Agier, 2015).

O acesso a espaços que instiguem e produzam sentimentos de familiaridades/pertenças, são "[...] aqueles com os quais ele se identifica o mais espontaneamente possível, são espaços de sobreposição, quase perfeita, entre o quadro físico eum sentimento de pertencimento a uma coletividade [...]" (Agier, 2011, p. 103). Desta maneira, tais ocupações criativas podem produzir indícios das múltiplas percepções que

podem se estabelecer no urbano, e para com ele, bem como, ao mesmo tempo, ser um produto ou significação destas percepções, considerando que este ato de ocupar, pode ocorrer de forma espontânea e intuitiva, no qual as juventudes buscam atender as necessidades materiais e "sociais" (Lefebvre, 2011, p. 105-106).

Neste enfoque, ao tomar-se essas atividades como ocupações, se percebe, através das primeiras observações que elas detinham, um caráter de criatividade, ou seja, que podem ser delineadas como atividades desenvolvidas em territórios urbanos, nas quais ocorre um processo de produção, através do nascimento do novo e da transformação que se adequa a necessidade dos sujeitos (Cavalcanti, 2006). Segundo este autor:

> É necessário esclarecer que a criatividade é um processo exigente que recorre aos níveis mais elevados de abstracção, devendo encontrar um canal de concretização que pode ser o mais diverso possível, englobando uma produção variada que atenda às necessidades do corpo e da alma, mas que sobretudo redimensione a existência humana emprestando-lhe sentido e significado. Não resta dúvida de que os criativos conduzem a carruagem da renovação e propõem a reinvenção intelectual, filosófica, material, artística, cultural, social…(Cavalcanti, 2006, p. 90).

De maneira mais especifica, toma-se como ocupações criativas, algumas atividades intermitentes e mutáveis, realizadas por grupos estudantis, compostos, em sua maioria, por juventudes, e que em determinados momentos, se auto intitularam como tais, possuindo caráteres variados e se constituindo mediante as necessidades de vivências de lazer, socialização, sociabilidade, extensões acadêmicas, pertencimento, resistência e cultura, assim como segurança, habitação saneamento, equipamentos de serviços públicos e privados.

As ocupações criativas logo se tornam a atividade foco de pesquisa para reflexão do objetivo geral, visto que sua ocorrência possibilita a observação das juventudes e suas ações de usos dos territórios intraurbano, sendo, esses últimos, passíveis de múltiplas e fluxas relações, dinâmicas, sentimentos, pertencimentos, construções de identidades, conflitos e resistência. Tais ocupações se desenvolvem através de dois espaços, já destacados: o virtual eo físico.

Todavia, à medida que essas atividades ganhavam constância, conjuntamente emergem conflitos. E é através destes que se percebe uma dinâmica dialética, na qual o contexto exterior influência nas relações sujeito-territórios, novos moradores x antigos moradores e, consequentemente, na construção das situações conflituosas, pelo controle dos usos dos espaços urbanos, caracterizados pelas tentativas de exclusão das atividades juvenis unilabianas do território, assim como o silenciamento destas vozes, através da interferência policial, visto que o "movimento é uma tomada do espaço tanto quanto uma tomada da

palavra, é o momento político porque é aquele que cria uma situação radicalmente nova" Agier (2015, p. 491). As "situações problemáticas" expressam um processo de deslegitimação e discriminação para com os sujeitos ocupantes e seus usos do espaço público.

Cabe pontuar, além do mais, que esses conflitos e repressões para com as juventudes, sinalizam uma finalidade de manutenção das relações de poderes tradicionais, já estabelecidas pelos citadinos originários de Redenção. E, consequentemente, enquanto exercício de poder é passível de desobediência e resistência (Foucault, 1988, *apud* Ferreira e Lima, 2017), que ocorre quando os sujeitos se inquietam, desnaturalizam determinadas ações e estabelecem enfretamento dos conflitos, como Cefaï (2017a, p. 188) retrata ao escrever,

> A ideia de base é que, confrontadas com uma situação problemática cujas consequências são percebidas e avaliadas por um conjunto de pessoas como nefastas para os seres humanos e para os bens a que eles estão ligados, mas também, além disso, para os seres vivos ou para a Terra, essas pessoas se inquietam, se interrogam, investigam, experimentam, discutem. Tentam definir o problema, determinar suas causas, detectar seus fatores e estabelecer as responsabilidades. Associam-se e organizam-se, encontram líderes para fazer suas vozes serem ouvidas e para convencer e mobilizar em grande escala. Tomam a palavra, testemunham, avaliam, argumentam, criticam, deliberam, interpelam a opinião e os poderes públicos. Quando estes não intervêm, buscam solução em sua própria escala, imaginam roteiros, projetam alternativas, tentam descobrir como regular ou suprimir o que definiram como situação problemática.

Atentando-se a essa célebre citação, cabe pontuar, diante das pesquisas teóricas e dados obtidos, que confrontadas com situações problemáticas, as juventudes produzem resistência, mediante tentativas constantes de prosseguir com as ocupações criativas que se dão por intermédios das estratégias de mobilidade entre lugares, mesmo que com ocorrências intermitentes.

Desta maneira, a mobilidade se apresenta como uma característica ocupacional chave, assim como fator suscetível de análise e aprofundamento, em virtude de que é a partir da mobilidade, seja primaria, referente ao processo de saída de suas residências originárias para Redenção, ou, referente ao caminhar dentro do urbano da cidade, que é exequível o desenvolvimento das ocupações criativas, e que essas, podem evidenciar as percepções constituídas pelos sujeitos para com o urbano, uma vez que a própria produção dessas atividades deriva de uma visão e relação dos sujeitos, para com o território.

3.1. Redenção, o concebido

"Redenção é uma cidade velha"

(Entrevista, 2023)

Ao refletir sobre as possibilidades de construção textual dos pensamentos, acerca desse capítulo, mostrou-se, basicamente indispensável, começar acionando o território maior deste estudo, aquele que em suas dimensões físicas e simbólicas possibilitou, e possibilita, a construção de tantas análises: território conhecido, oficial e popularmente, por Redenção. Não seria possível, como pensamos, desenvolver um diálogo sobre as ocupações, usos e espaços urbanos da cidade, sem antes retornar, novamente, a cidade em seu todo, sua imagem concebida e realidade.

Como originária de outra cidade e estudante da Unilab desde 2015, a primeira imagem, propaganda da cidade da qual tive contato, antes de adentrar a cidade pela primeira vez, foi ainda no ensino fundamental, através de colegas que realizaram uma excursão escola até o Museu Senzala Negro Liberto. A informação recebida, mediante esses sujeitos, era de que Redenção tinha sido a primeira cidade brasileira que aboliu a escravidão, informação que se desvela, ou pode ser repensada, após adentrar a universidade.

Esta história, uma vez, mostra-se como romantizada, tomando como parâmetros uma única história, a da classe latifundiária e rica da cidade, como retoma Farias (2018, p.28) ao escrever, "no entanto, ressalta-se que, assim como outros museus de propriedade privada, o Negro Liberto fornece uma história única, o que nos leva a conhecer apenas um lado destes fatos, levando aos indivíduos à desconfiança a fidedignidade dos relatos", podemos pensar até como uma história produzida, justamente, para vender uma imagem de cidade, e que por anos, a fio, desenvolve a alienação dos próprios sujeitos originários da cidade, como a mesma reflete "[...] estes pensamentos não são exclusivamente frutos de uma imaginação fértil, mas que é algo que ocorre por uma memória criada sobre a história da Cidade" (2018, p. 31).

Esta imagem é produzida e propagada, principalmente, nas cidades vizinhas, mas que se desfaz ao acessar a cidade e conhecimentos sobre a historiografia do processo escravista no Brasil e no Ceará, uma vez que o processo de abolição não se mostrou como uma inclusão, um reconhecimento dos sujeitos outrora escravizados como cidadãos, mas sim, uma marginalização dos mesmos, um abandono dos sujeitos a uma realidade ainda ligada, se não, o mesmo processo de escravidão e exclusão, como podemos observar em Funes (2015, p. 132 apud Farias, 2018, p.87) quando o mesmo reitera:

> [...] o processo abolicionista, não só no Ceará, permite ao cativo recuperar sua liberdade, ser homem livre; mas vem acompanhado de uma série de medidas controladoras, que colocam esse indivíduo no seu (in)devido lugar, fecha-lhe todas as possibilidades de uma ascensão social e direito à cidadania. É colocado à marem da sociedade, reforçando o distanciamento social, político e econômico entre apopulação negra (morena) e branca (galega). Termos que nos fazem refletir sobre a

> construção de uma ideologia racista, que faz desaparecer de nosso processo histórico outras etnias, negros e indígenas, e outras histórias.

Considerando a presente citação acima, questiona-se sobre a abertura e imagem da cidade, enquanto libertadora, uma vez que a "liberdade" propagada parece ter sido acompanhada pela negação e exclusão dos sujeitos, ex-cativos, seja pela negação de direitos básicos, até o extremo direito de ser considerado humano e cidadão. Faria (2018) aponta, em uma parte de seus escritos, o que podemos considerar como a herança dessa imagem, produzida e imposta pelas autoridades redencionistas, ao relatar a fala de uma mulher negra, redencionista e lavadeira, que nas comemorações do centenário da abolição da escravidão na cidade, em 1988, dizia ser tida como escrava por outros sujeitos:

> (...) seus pais foram negros mas a maioria de seus familiares atuais são brancos. Já bastante idosa, não soube dizer a idade. No entanto, observou, 'eu estou livre, mas as pessoas não me consideram. O povo me trata mal, me maltrata porque eu sou pobre, preta e não sei ler'. Dona Maria é viúva e mãe de 10 filhos. Conforme declarou, até sua própria família lhe discrimina por ser negra (Feitosa, 1988 apud Farias, 2018, p. 32).

Deste modo, tal processo de abolição, que intuiu libertar, mas não constituiu condições para que os sujeitos anteriormente cativos pudessem integrar-se à sociedade redencionista, gerou, como conseqüência, a marginalização desses sujeitos e a precariedade em suas vivências, fatores que foram naturalizados, e hoje espelham diversas situações discriminatórias, assim "o negro ficou livre do açoite, do tronco e da senzala, mas ficou presoà miséria na periferia dos grandes centros urbanos e do campo; preso à discriminação social" (Funes e Gonçalves, 1988, p. 3).

Mediante a obtenção de arguições sobre o processo abolicionista e construção imagética da cidade da liberdade, se desvela, diante dos olhos cuidadosos dos novos sujeitos estudantis, a realidade de uma cidade ainda amparada em memórias escravistas, propagando- se, assim, uma constante ação de discriminação, principalmente de racismo. Assim, Redenção concebida, se descontrói.

Cabe pontuar, que o conceito de concebido, que aqui consideramos, toma por base a tríade lefebvriana acerca do concebido, percebido e vivido. Desta maneira, com base nessa linha de pensamento, tomamos a presente citação que Alves (2019, p. 556) traduz da seminal obra de Lefebvre (2013, p. 97)

> As representações do espaço, ou seja, o espaço concebido, o espaço dos cientistas, planejadores, urbanistas, tecnocratas fragmentadores, engenheiros sociais e até um certo tipo de artistas próximos à cientificidade, todos os quais identificam o vivido e o percebido com o concebido (o que perpetua as velhas especulações sobre números: número áureo, módulos, cânones etc.), é o espaço dominante em qualquer sociedade

> (ou modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas exceções às quais seria precido voltar) a um sistema de signos verbais.

Perante o já discutido no início desse capítulo, bem com a presente citação, expressamos, aqui, um concebido, inicialmente, caracterizado pela produção derepresentações, construção de signos e imagens sobre Redenção com base em uma romantização de um momento histórico, como o processo abolicionista. No entanto, tomamos o concebido associado, também, às outras dimensões, o percebido e o vivido, tomando os parâmetros de Alves (2019, p. 557) "Como dissemos, concebido, percebido e vivido são dimensões espaciais indissociáveis". Portanto, essa imagem construída e propagada, não chega a todos os estudantes. Já outras, passam a se desenvolver mediante a associação de dimensões, como será posto nos seguintes escritos.

Neste enfoque, cabe ressaltar que a primeira visão discorrida remete a minha trajetória de percepção da cidade e de sua imagem concebida que, por vezes, pode ser a mesma de outros sujeitos estudantis, mas que para outros, como alguns dos estudantes entrevistados, ressaltando os dados de que são de cidades que não fazem parte do maciço de Baturité, relatam formas diversas de um concebido da cidade, por vezes, até mesmo de porções territoriais. Embasando essa reflexão, reproduzimos, aqui, o relato de uma das entrevistadas que abrange bem a escrita inicial desse parágrafo:

> Antes de eu vir prá cá, aaa, eu não sabia, nem tinha conhecimento a respeito da cidade, nem sobre a Unilab. É, e foi no meu terceiro ano do ensino médio que foi feita uma apresentação na escola que eu me formei, em Pentecoste, por estudantes aqui da Unilab, né, que são de Pentecoste, e aí eles apresentaram, assim, bemsuperficialmente, o projeto Unilab. Enfim, e imagens, né, da universidade e tal, alguns cursos, mas a cidade, em si, eu fiquei sabendo mais por pessoas próximas queestavam aqui, alguns colegas, alguns amigos e familiares. Eles falaram que, em comparação a Pentecoste, era bem menorzinha e a população não era muito populosa assim, os espaços eram mais preenchidos por estudantes mesmo, da unilab (Entrevista, 2023).

Diante desta fala, podem-se observar duas imagens concebidas relatadas pelo sujeito entrevistado. A primeira remete a obtenção de informações, apenas sobre a estrutura universitária, e seu programa, apontando, de certa maneira, que a narrativa da cidade pode está passando por modificações, mediante a nova instituição de ensino instalada, mesmo que de modo informal, através do processo de ligação entre as três dimensões lefebvriana, e não, como anteriormente posto, por uma forte construção das elites, como foi relatado fortemente, também, por outro estudante entrevistado, que trabalha a seguinte fala "aí quando vocêpesquisa no Google, Redenção, uma das imagens muito fortes que aparece, que apareceu na época, né, era Unilab" (Entrevista, 2023).

A segunda está ligada a primeira, uma vez que é uma imagem geral e sintética da cidade, mas repassada por sujeitos estudantis já residentes. Uma visão, constituída, que permeia as três esferas da tríade lefebvriana, "o concebido, o percebido e o vivido", pelo fato de que esses sujeitos já obtiveram uma imagem, já perceberam a realidade e a vivenciaram, podendo, assim, construir uma percepção e repassar informações de suas vivências na cidade para outros sujeitos que ainda não obtiveram esse contato de insiders, sendo uma vivência possibilitada por meio de suas entradas na universidade.

Em outros casos, como já mencionados, há aqueles que obtiveram informações e imagens da cidade em suas parcelas, ou seja, de alguns territórios, mediante as pesquisas, outros sujeitos, e/ou através de visitas turísticas, como ao Museu. Destacamos, esse último meio de acesso a imagens e informações de Redenção, através do trecho de uma das entrevistas (2023):

> Então, eu já tinha vindo aqui em Redenção. Eu tinha vindo aqui duas vezes. As duas vezes que eu vim, foram na Unilab mesmo, em vez da cidade, né. A primeira foi numa atividade da Semana Universitária que eu sei porque eu tenho um certificado;e a outra vez foi na entrega do Dr. Honoris Causa, né, pro Lula, em 2013. Então, lembro disso, dizer que o que eu sei o que eu pensava de Redenção, eu estaria mentindo, sabe [...], *minto eu vim aqui também no meu primeiro ano do ensino médio, no museu né, [...] e me impactou muito a visita ao museu. Foi um negócio, assim, muito, muito chocante de* saber*, de ver, e fomos, nessa mesma viagem, na Paracupeba, mas assim eu não lembro de ter uma opinião formada da cidade, eu acho que muito mais desses lugares, do que propriamente da cidade. É desses lugares*, como o museu negro liberto, né, que marca a cidade, e a Unilab, em si mesmo também, mesmo não tendo tanta vivência, mas sempre soube da existência dela. Então, da cidade, em si, não muita coisa (Entrevista, 2023). (Grifos da autora)

Refletindo os presentes relatos e as variadas percepções concebidas de Redenção, ou mesmo de algumas construções em determinados território, percebe-se dois pontos: o primeiro é a observação de que, quanto mais distante são as cidades originárias dos estudantes, menos o discurso concebido sobre a primeira cidade a abolir a escravidão chega aos sujeitos que foram entrevistados, talvez pelo próprio caráter de cidade pequena e interiorana, assim como maior é a possibilidade de que esses sujeitos obtenham informaçõesde uma realidade vivida por outros já residentes, percebendo-se uma exceção em uma das entrevistas, na qual o sujeito teve contato e conhecimento da cidade, mediante a uma excursão turística escolar ao museu, que, cabe ressaltar, representa o processo de escravidão da cidade ea tentativa de perpetuar a imagem de cidade libertadora.

Entretanto, em alguns casos, vislumbrou-se, também, outro formato de imagem da cidade, que não abrange nenhuma das anteriores, por sujeitos estudantis estrangeiros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP -, como pode ser detectada na seguinte

fala “Quando estamos em Angola, a percepção da cidade onde a gente vai morar é diferente, tipo, [...] pra nós Redenção e Acarape seria aquela imagem do Rio de Janeiro ou São Paulo”. Este relato de um estudando de nacionalidade angolana proporciona a reflexão de que, até mesmo um fortalecimento do pensamento, a imagem concebida ou vivida de uma cidade pequena e interiorana brasileira, neste estudo, pode, ainda, dissipar-se nos quilômetros de distância, mesmo com as redes sociais e a internet.

De alguma maneira, a imagem da cidade, para o sujeito estrangeiro entrevistado, mesclou-se a imagem de cidades amplamente divulgadas, e que passaram a caracterizar a imagem do país em diversos âmbitos, gerando questionamentos sobre a possibilidade da falta da propagação de informações mais concretas sobre as cidades interioranas cearenses, receptoras dos campi da Unilab.

3.2. Redenção, o vivido

As imagens concebidas da cidade de Redenção vão sendo substituídas, ou reconstituídas, pelos sujeitos universitários, no processo de inserção na cidade, por diversas situações, desde o estranhamento e a adaptação, até as experiências cotidianas de desigualdades, segregações, precariedades urbanas e vulnerabilidades socioespaciais. Particularmente, uma boa parcela dessas juventudes que residem nas periferias intraurbanas citadinas, mesmo que diante de suas residências, passam a vivenciar espaços diversos da cidade, principalmente na área central urbana (vide capítulo I).

Perante essa inserção, como já apontado na introdução, mas é relevante mencionar novamente, os estudantes, assim como suas presenças no espaço redencionista, acompanham um fluxo de modificações e demandas, potencializando-se enquanto agentes de transformação do urbano, e, enquanto tais, constituem-se como raízes dessas demandas, as necessidades e desejos.

Considera-se o urbano da cidade de Redenção, enquanto parte de um fluxo constante de dinamismos, relações, práticas, ritos, mobilidades, consumos, de construção de percepções, ponderando, tanto sua espacialidade, como as atividades e ações que caracterizam e significam suas áreas, através de apropriações, usos e ocupações, fato que incluem e conjugam-se com as produções dos novos sujeitos estudantis, principalmente, através da produção de novas centralidades, dentre elas, educacional, produzida mediante a instalação e funcionamento da Unilab.

Logo, podemos ponderar que esses sujeitos, ao adentrarem o urbano de Redenção, acompanham um conjunto de demandas e modificações. Demandas como, habitação digna, transporte, segurança, equipamentos básicos, saneamento, espaços para lazer e atividades culturais, assim, também, espaços e momentos que gerem sentimentos de familiaridade e pertença, dentre outros; já as modificações, fortemente percebidas, giram em torno do comércio, ou seja, um aumento considerável de residências para alugar, dos supermercados, melhoria dos antigos, farmácias, lojas de roupas, equipamentos para as residências, lanchonetes, bares, restaurantes, bancos, e serviços privados diversos.

Todavia, consideramos também que, além de produtores de demandas e transformações, esses sujeitos também advêm de uma demanda, sendo essa a instalação da Unilab, que como uma nova centralidade educacional, demandou um grande quantitativo de sujeitos, não só do maciço de Baturité, mas das diversas regiões do Brasil e dos países parceiros.

Mencionar a Unilab como uma nova centralidade educacional, carece, antes de tudo, apresentar a ideia que tomamos como novas centralidades, uma vez que envolve um de nossos fatores estruturantes, o urbano, território físico e simbólico que compreende uma dinâmica fluxa, mutável, no qual mediante ao fator tempo e contexto macro, modifica-se de maneira constante, assim, abrindo para pensar os novos, que se desenvolvem sem uma exclusão totaldo antigo, mas se conjugando no ato de transformação.

Neste cerne é que podemos tomar as reflexões acerca do conceito mencionado, para refletir os dados obtidos. Desta maneira, pensamos a Unilab como uma nova centralidade educacional, a partir de seu poder de demanda e modificação na área instalada, e até mesmo, nos seus arredores, como a constituição e/ou melhoria de equipamentos públicos e privados, do comércio e serviços de atendimento, melhorias das vias de transporte, em virtude do aumento do fluxo, revitalização das áreas próximas, principalmente se considerarem a área que está instalada, dentro do território conhecido como Centro Comunitário, uma área considerada, popularmente, como periférica, tendo sua entrada às margens da avenida abolição, um meio necessário para o desenvolvimento e viabilização da instituição, já que facilita a mobilidade.

Tomando essa reflexão da instalação da universidade em Redenção, mostra-se, imprescindível, perceber que “a formação de novas centralidades está vinculada a importante questão centro – periferia decorrente da alteração na configuração espacial urbana, como na

dinâmica da cidade" (Junior e Santos, 2009, p. 352), alterações que decorrem, segundo os mesmos autores, a partir da relação complexa e fluxa entre descentralização e concentrações, pensando, aqui, na ocorrência entre territórios intraurbanos, uma vez que essa instalação desencadeia um conjunto de novas centralidades em áreas consideradas periféricas, alterando os espaços urbanos, físico e simbolicamente.

Um forte exemplo que decorre e reforça o pensamento de nova centralidade da universidade foi, e é, a alta busca por residências no Centro Comunitário, no qual pode ser observado um denso número de moradias estudantis, tendo um dos motivos relatados pelos estudantes, como o baixo valor dos aluguéis, que, podemos supor, advém da construção social deste território, enquanto periférico, mas que mediante a instalação da Unilab, passa a ser o mais próximo e, sendo, assim, de fácil e rápida mobilidade.

Logo, consideramos os aspectos da modificação, demanda e reconfiguração do urbano, para identificar alguns territórios como novas centralidades, assim como o "processo lento e cotidiano de apropriação espacial" (Serpa, 2020, p. 103) que possibilitou essa construção, traduzindo, assim, as novas centralidades, "em formas urbanas com forte identificação com os habitantes dos bairros populares". Essa nova centralidade relatada, mesmo que recente, como já mencionada, possibilita, também, a constituição de outras, em virtude do papel que desempenha para a cidade e sua imagem, devendo ser considerada, como Serpa (2020, p. 102) chama atenção ao refletir (Santo e Serpa, 2000):

> Nas periferias metropolitanas, também o papel histórico que um determinado espaço desempenha ou desempenhou pode, de certa forma, influenciar o processo de formação de uma localidade central. Assim, por exemplo, o valor histórico de uma praça ou o estabelecimento de uma área de lazer podem também ser fatores de influência, além de outros, como a proximidade, o fato de ser uma área de ligação, a oferta de emprego de um núcleo, o preço dos produtos e serviços.

Destarte, perante as observações realizadas no período vigente deste estudo, vislumbrou-se o despontamento de espaços que começam a se caracterizar, e caracterizar seu território, antes considerado periférico, como novas centralidades, por intermédio do papel que a universidade passa a desenvolver na cidade, e as demandas que acompanham a mesma. Como exemplo, pode-se citar a Praça do Skate, já descrita, oficialmente inaugurada em dezembro de 2021, mas já utilizada pelos estudantes desde o início do segundo semestre do ano. Construída na parte de trás da universidade, espaço que já era utilizado, algumas vezes, pelos estudantes universitários, seja para mostra de cinema, seja para encontros, se potencializou após a construção da praça, que pode ser pensada, tendo como um de seus

fatores, a nova centralidade que a Unilab representa e a demanda por novas estruturas e equipamentos públicos e privados em seu entorno.

Apesar disso, os aparatos públicos e privados no entorno da universidade, ainda são um tanto que precários, uma vez que a mesma se situa na entrada do que Machado et al (2019) chama, de centro principal, situando, ainda, em uma zona considerada periférica, tendo, assim, maiores possibilidades de acessos, usos e ocupações nesta área mais central, já mencionada no início do capítulo I. Nesse sentido, os sujeitos que adentram Redenção, por intermédio da Unilab, mesmo que residindo, majoritariamente, em áreas consideradas periféricas, necessitam caminhar no centro urbano para sanar suas necessidades, sejam relacionadas ao comércio, aos serviços privados, assim como a produção de vivências cotidianas, como encontros, lazer, acesso a atividades culturais, quando produzidas em espaços públicos.

Por conseguinte, vislumbra-se, neste primeiro olhar, de ação de entrada dos estudantes na cidade, um urbano de possibilidades para a constituição do viver a/na cidade de maneira digna, através da constituição de um fluxo cotidiano de acesso aos equipamentos físicos, mas, também, as relações simbólicas possíveis na cidade, e com a cidade, uma vez que, como uma entrevistada (2023) relata "quando eu chego aqui, todas essas atividades que eu citei, ela tinha ambiente para ser feita, até de forma clandestina".

Esta relação sujeito-urbano, aqui, de maneira especifica, sendo as percepções dos sujeitos de pesquisa para com o urbano e dentro dele, torna-se possível de serem indiciadas, através da constituição de novos dinamismos, apropriações e usos do urbano para a constituição de relações, socializações, sociabilidades, resistências, pertencimentos e residência digna na/da cidade pelos estudantes, que é o que buscamos perceber por intermédio de atividades que consideramos ocupações criativas, uma vez que essas se apresentam como produto das percepções dos sujeitos.

3.3. Ocupações criativas e narrativas juvenis: um urbano a se descortinar

Neste tópico, retomam-se os últimos ditos do parágrafo anterior, visto que citamos como ação observada, as ocupações criativas. A escolha dessa categoria de atividades se deu, tanto pela compreensão de que essas atividades eram um potente caminho para entender a relação estudantes universitários e cidade, quanto pelo fato de que as vivências cotidianas estudantis, em suas diversidades de formas, significações e espaços-tempos de ocorrência,

careciam do estabelecimento de um recorte, tomando, assim, como foco, uma dessas diversas ações cotidianas, pensadas enquanto ocupações criativas. Tais atividades representam um vivido, o dos sujeitos nos espaços urbanos e, por vezes, chegam a espelhar as dinâmicas de suas relações diárias com a cidade, vivido que condiz a dimensão da prática, do uso, do devire constante fluxo de significação do espaço, a dimensão do vivido em sua potencialidade:

> [...]pode criar espaços de representação que contenham o devir como uma possibilidade a ser criada pela práxis, aqui entendida como a articulação indissociável entre a teoria e a prática social. Nesse sentido, surge o novo com potencialidade que emerge da vida, talvez na sua forma mais radical, dada pela necessidade da sobrevivência, do manter-se vivo a partir do ter o que comer e onde poder ao menos dormir. Estamos falando do limite de manter-se vivo em nossa sociedade (Alves, 2019, p. 559).

Desta maneira, no intuito de estudar as percepções dos sujeitos, se analisou o concebido. Encaminha-se a análise do vivido, para compreender o percebido, que "articularia as dimensões do vivido (afinal, toda prática é vivida) e do concebido (dimensão em que as práticas sociais são conceitualizadas, tendendo, assim, ao desaparecimento da dimensão do vivido – ainda que ela exista)" (Alves, 2019, p. 560).

No intuito de exemplificar o que tomamos por ocupações criativas, desenvolvidas mediante a apropriação de espaços para sanar as necessidades e possibilidades dos sujeitos (Lefebvre, 1986 apud Haesbaert, 2021), e analisá-las para compreender como os sujeitos juvenis universitários percebem, e se percebem, dentro do urbano, e como constroem pertencimentos, não seguiremos uma linha cronológica, que destacaria a primeira ocupação criativa da qual identificamos através de relatos, mas sim, pela primeira ocupação criativa, experienciada e observada ela autora.

Segundo semestre de 2017, uma noite bem iluminada, e um convite para participar de uma das primeiras atividades culturais que tive contato, após a inserção na cidade. A presente atividade era intitulada de Praçarau, já abordada na introdução desta dissertação e derivada de um estudo anterior a esta pesquisa[11]. A atividade era realizada na Praça do Obelisco, em uma quinta do mês, atividade produzida e organizada por docentes e discentes da Unilab, e realizava-se após o horário do término das aulas noturnas, visto a demanda e necessidade estudantil por atividades com esse viés.

Nesta noite em questão, a praça se destacava pelo conjunto considerável de sujeitos, majoritariamente, estudantes da Unilab, que, aos poucos, chegavam para participar, todos

[11] OLIVEIRA, N. A.; MACHADO, E. G. Reterritorialização em pequenas cidades universitárias no Nordeste brasileiro: reflexões a partir da Praça do Obelisco em Redenção, Ceará. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 23, n. 3, p. 721-740, 2022.

dialogando em grupos, chegando com instrumentos, vozes e performances. Este caminhar e acesso aos espaços urbanos, logo deu lugar ao início da atividade, que intercalavam recitações de poemas, danças, músicas com a mobilidade, socialização, sociabilidade dos sujeitos que ali se encontravam.

Sendo organizados em uma grande roda, mas que estava em constante movimento, derivando outras microrrodas de grupos afetivos, por um conjunto de semelhanças e diferenças. Os sujeitos se agrupavam mediante a vivência no mesmo curso, o mesmo semestrede entrada, a mesma cidade originária, o mesmo estilo cultural, por serem da mesma residência estudantil ou da mesma turma, e alguns por não serem estudantes universitários unilabianos. Todavia, mesmo sendo sujeitos diferentes em suas diversidades, procuravam, naquela atividade, significar e dar sentindo a residência na cidade, através da performance corporal e da voz, sendo essa uma forte característica das ocupações criativas que se constituíram antes e após o Praçarau, como se destaca na fala de uma estudante e participante das ocupações:

> [...] não necessariamente todos que frequentavam aquele espaço interagiam um com outro era mais questão de ocupação mesmo, as vezes eu ia com os meus amigos e tinha um pessoal já lá e não necessariamente a gente fosse interagir, mas a gente tava ocupando o mesmo espaço com o mesmo objetivo, e ai aquela junção de ninchos, fazia com que o ambiente se tornasse mais propício (Entrevista, 2023).

Dentro desta ocupação se pode relatar um dos ensejos marcantes que expressam e evidenciam fortemente o viés dessa atividade. A então ocupação foi produzida posterior a tentativa de feminicídio, em outubro de 2017, nas instalações da Universidade, incorporando diversos sentimentos que perpassavam os sujeitos, e sendo expressos por meio de diversas formas artísticas e performances voltadas ao acontecimento, relatando o medo, a tristeza, a indignação, em conjunto com as revoltas, anseios e vivências cotidianas, através das vozes e gritos, que representaram o horror daquele acontecimento e que deixou todos que estavam no microterritório, em silêncio, por segundos, segundos de sentimentos internos (Diário de campo, 2017-2020).

Ali, naquele momento e em outros, o Praçarau representava, e possibilitava expressar, a cotidianidade das vivências individuais e/ou grupais juvenis universitárias no urbano, assim como se fixava "portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas" Rancière (2009, p.15), mediante a evidência de que tal atividade se constituía, também,enquanto encontro, partilha e resistência, por vezes, flutuando para além, apenas, das fronteiras urbanas materiais e inscrevendo-se em espaços imaginários que flutuam e se

perpetuam nos variados espaços da cidade (Sodré, 2002, p. 34), podendo abranger, talvez essa noção, para as próprias vivências que transpassam múltiplos territórios, como na ocupação relatada acima.

Considerando os primeiros Praçaraus, percebe-se uma reinvenção dos usos da Praça do Obelisco, até então, majoritariamente, utilizada para caminhadas, atividades religiosas, e encontros cotidianos, por moradores originários. Aqui, nestas primeiras atividades e nas decorrentes, o urbano expressava uma forma de possibilidade, inclusive para a familiarização com os espaços, através da produção das ocupações criativas, que expressam, talvez, até se possa dizer, que espelhavam as necessidades que os sujeitos juvenis universitáriosdemandavam para a sua residência e vivência na cidade. Como resultado, também, da precariedade estrutural e das ofertas de serviços, lazer e cultura, deve-se pontuar que, inicialmente, nas hipóteses do projeto de pesquisa, não se tomava o urbano através de um viés positivo, de possibilidades, mas sim de conflitos, uma vez que o objetivo de pesquisa emergiu após as inquietações geradas nas vivências de situações conflituosas, ocorridas pelos usos dos espaços urbanos, como a referida praça.

Contudo, como introduzido, esta não foi a primeira atividade que consideramos de ocupação criativa da qual se tem relato. Por intermédio das entrevistas realizadas em uma pesquisa anterior, que se liga a esta, é revelado que uma das primeiras ocupações criativas, realizada também na praça do obelisco, ocorreu por volta do terceiro ano após o início do funcionamento da Unilab, uma vez que “nos primeiros anos da UNILAB, essa galera que veio pra cá era uma galera meio tímida, assim, não frequentavam os espaços, não ocupavam os espaços como depois de uns dois ou três anos, né” (Entrevista, 2020).

A atividade efetuada foi de cunho acadêmico, diante da iniciativa de uma professora em realizar sua aula na praça,

> “[...] eu me lembro de uma das primeiras ocupações que houve foi numa atividade da professora [...], ela trazia um fogareiro que era para servir como se fosse uma fogueira e ai era uma contação de histórias e ai a gente sentava em círculo no chão (Entrevista, 2020).

A ocupação em questão principia um ciclo de atividades criativas nos espaços urbanos públicos e, cabendo ressaltar, que a construção dessas atividades também permeia a esfera privada, através da dinâmica de caráter público, que pode acompanhar as ocupações criativas juvenis, como abordaremos mais à frente. É neste período, de 2017 a 2019, que se percebe, de maneira mais concreta, a produção de ocupações criativas, através do fortalecimento e constância das atividades intermitentes, produções que “demandam uma postura de ousadia

por parte do indivíduo, pois o acto criativo pressupõe o desconhecido, o novo que quase sempre tem origem num estado caótico de organização das emoções e informações" (Cavalcanti, p. 90).

O primeiro ciclo, como vislumbramos aqui, finda-se, mesmo que de forma parcial[12], em 2019, sendo prosseguido do período pandêmico, onde as atividades presenciais no urbano tiveram que ser suspendidas, devidos as medidas de prevenção. De outra maneira, o período pandêmico, principalmente o início da flexibilização do isolamento e retorno gradual até o presente contexto presencial total de 2023, de maneira mais específica, até mês de maio, compõe o que pensamos como um segundo ciclo, ainda em andamento.

Antes de aprofundar a descrição das ocupações, e suas análises para a compreensão das percepções juvenis universitárias, carece explanar acerca da organização das ocupações,ou seja, como elas eram produzidas. Bem, durante o período de estudo com essa temática, até esta data, percebeu-se que as ocupações eram caracterizadas por suas intermitências, mas que, de nenhuma maneira, excluía um processo de organização, podendo ser refletida por meio de escalas micros e macros, dentro do contexto pesquisado.

Destarte, a escala micro reflete a produção de ocupações, de maneira quase involuntária, ao que condiz a organização de atividades por um pequeno grupo estudantil, semdivulgação e/ou comunicação em massa, através das redes sociais e perfis com grande número de seguidores, possuindo, assim, como forte característica, a falta de antecedência, no que tange a uma programação e planejamento, sendo pensada, por vezes, no mesmo dia, ou poucas horas antes. No entanto, esse fato não excluía a potencialidade da atividade em reunir um grande grupo de sujeitos nos territórios da cidade, uma vez que, ao iniciar sua ocorrência, existia a possibilidade de ser comunicada de sujeito a sujeito e/ou entre grupos nas redes sociais como descrito por uma entrevistada (2023).

> [...] e ai quando tinham dez pessoas na praça fazendo alguma coisa, geralmente, ia aparecendo e quando ia ver essas dez pessoas tinha se tornado 100, então a organização assim não eram geralmente as mesmas pessoas, mas eram sempre as mesmas pessoas que gostavam de participar, mas num era uma coisa que tipo tem os organizadores do rolê, o rolê é autônomo e aleatório, quem vai faz.

De outro modo, a escala macro toma como referência a organização programada por sujeitos estudantis, por vezes, integrada entre os diversos cursos, órgãos estudantis, como o DCE, institutos e pró-reitorias, produzindo reuniões informais, sejam mediante o encontro na

[12] Explicita-se o termo parcial aqui no sentido de que, apesar da pausa nas ocupações criativas ainda ocorreu tentativas, que não lograram em atividades

universidade, ou através do Whatsapp, no qual, nos momentos observados, pautavam os materiais necessários, a divisão de tarefas, a produção e divulgação de cards informativos, já que esse continha as principais informações para a propagando do evento, como o título, data e horário da ocupação, como pode ser visualizado na figura abaixo.

Figura VIII – Card informativo: A calourada da agronomia.

Fonte: Instagram IDAA – Diretório Academico de Agronomia[13] (2023)

Desta maneira, considerando a constante relação estudantes-universidade para essas atividades, mesmo que a universidade, em muitas dessas produções, tenha o papel de apenas ceder o espaço institucional para as ocorrências, vale ressaltar que, em algumas atividades, é acionada a Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura, que desenvolve um papel de intermediação e ajuda com os trâmites, materiais e contatos necessários. Um dosentrevistados, participante desta Pró-Reitoria nos apresenta bem ao explicar uma das atividades criativas que está ocorrendo, anualmente, na Praça do Obelisco:

> [...] em alguns momentos a gente tem intervindo junto aos órgãos, por exemplo, semana da África que é o que está acontecendo, sim a gente mandou ofício mas colocou na mão dos estudantes para que os estudantes possam falar com secretario, né, assim tem a petição Oficial da universidade, tem o meu nome, meu CPF lá, mas assim tem a presença dos estudantes que foram falar com o secretario por exemplo,

[13] Disponível em: <https://instagram.com/daaunilab?igshid=MzRlODBiNWFlZA==>. Acessado em: 14 mar, 2023.

> o evento que vai acontecer no dia 25, ano passado teve muita presença da Proex, muita presença da coordenação de arte e cultura, esse ano não, esse ano tem a presença institucional, intermediação né, articulação, mas são os estudantes que estão presentes lá, até uma forma de responsabiliza-los (Entrevista, 2023).

Mediante as constantes produções dessas atividades, um novo processo foi inserido, ocasionalmente, sendo esse a petição de alvarás, intuindo evitar interdições policiais que se tornaram contínua nas ocupações/produções que não se davam em parceria com a universidade ou com setores da gestão municipal.

Na escala macro, pode-se pensar a organização em dois espaços: o virtual e o material. O primeiro, por vezes, era o território no qual se desenvolvia, o que aqui pensamos, como uma "pré-ocupação física". São nesses espaços das redes sociais (Whatsapp, Facebook, Instagram) que se exacerbavam as criatividades e a organização do que viria a ser a ocupação física, na qual ocorria a divulgação em massa, através de perfis com grandes números de seguidores, assim como em diferentes grupos e pessoas do Whatsapp para o mesmo fim. E como pauta Diógenes (2015, p.544) é nesse processo de diálogo através das redes sociais que se "traduz um dos mais significativos lócus de socialização da contemporaneidade".

Já o segundo espaço, o material, condiz ao território físico, de concretização da organização, o produto final, no qual ocorreriam as diversas dinâmicas, encontros, trocas e relações possíveis, inclusive comercial. Apesar de esses dois planos parecerem desligados um do outro, constata-se o contrário. Esses dois espaços são forjados em conjunto, são interligados, ou seja, o acontecimento de um não encerra o outro de forma total, cabendo pontuar que o público majoritário dessas atividades eram os próprios estudantes, juvenis, unilabianos.

Portanto, mediante a um processo de organização ou improviso, ocorreram inúmeros processos criativos de ocupação dos espaços urbanos, em virtude da demanda de viver, ter direito e fazer a cidade por partes dos sujeitos juvenis universitários, não isentos de conflitos. O conflito, ou "situações problemáticas" (Cefai, 2017, p. 188), passou a acompanhar as ocupações criativas desde seu início, como se observa no relato sobre a primeira ocupação descrita em entrevista:

> [...] e eu lembro bem que da primeira vez que a gente fez isso chamaram a polícia porque achavam que a gente ia tocar fogo na praça e foi assim uma situação até engraçada porque o policial chegou e deu uma olhada, o próprio policial ficou constrangido, porque não tinha nada demais, né, assim a gente tava só sentado contando histórias, mas já incomodou a população local, o fato de ter algumas pessoas que não são da cidade como eles falavam e tá ali naquele espaço ocupando" (Entrevista, 2020).

Este, ao longo dos anos, tornou-se apenas uma das primeiras situações de conflitos que acompanharam, e acompanham, as atividades dos estudantes universitários nos espaços urbanos de Redenção, tornando-se cada vez mais constante à medida que as atividades também exacerbavam a repetição, como pode-se observar no trecho de uma das entrevistas, no momento em que o estudante entrevistado relembra uma dessas situações na ocupação criativa, Praçarau.

> a polícia também já chegou pra fechar Praçarau, uma vez perguntando se tinha alvará, o professor mentiu dizendo que tinha, mas não tinha, por que enfim, como é que a polícia vai parar um negócio ali que era poesia, música, mas que tinha umas cachacinhas ali [...] era uma coisa que todo mundo usava, mas foi muito pela questão de um [...] que mora na frente da praça e que inclusive já teve rolê na praça que a polícia chegou perguntando de quem era o som, querendo colocar todo mundo pra casa e todo mundo vaiou a polícia nesse dia. Era um período em que estava bem naquele auge do Bolsonaro candidato e tal, não sei que esse rolê né... E aí teve outra episódio que esse [...] atirou pra cima, a gente tava lá curtindo na praça, o cara simplesmente sacou uma arma e atirou pra cima pra dispersar todo, não conseguiu, né, porque não era suficiente, tava todo mundo bêbado mesmo, transtornado, que era o que nós gostava de fazer mas assim, eu acho que era massa, mas era um ponto também que dá pra ter outro caminho de reflexão de que a gente fazia isso da bebida, da cachaça porque a cidade não oferece nada de criativo a ninguém, não tem um ponto de cultura, não tem uma articulação pra ter um movimento na cidade, o que eu ainda vejo rolando assim é grupos muito pequeno mas é de futebol, de esporte essa galera que se articula pra usar o ginásio (Entrevista, 2023).

Considerando o relato em conjunto com as observações realizadas, cabe pontuar que essas são algumas das várias intervenções/"situações problemáticas" que ocorreram no intuito de interferir na realização e, até mesmo, levar as ocupações criativas a um desfecho. Seu ápice ocorreu em 2019, com a atividade intitulada de "Pré dxs despreocupados", ocorrida em noite estrelada, que terminou chuvosa, de 17 de janeiro de 2019, no complexo abolição, de maneira mais específica, na área comercial privada, mas que em diversos momento adquiriu um caráter de pública[14]. Com o prosseguimento da noite, os estudantes começaram a se reunir em grandes proporções, no espaço que chamavam, popularmente, de banco do boi[15]. Como já tinha acontecido em outros momentos, os estudantes portavam uma pequena caixa de som e movimentavam o comércio daquele espaço, através da compra de bebidas, lanches e demais

[14] Espaços privados, por vezes abertos, como a área comercial do complexo abolição, que passam a ser apropriados e usados pelos sujeitos juvenis para atividades festivas sem pagamentos ou petições. Passando por vezes a deter um caráter de público ao possibilitar o acesso e o uso por todos, constituindo o caráter de público por meio das práticas sociais.

[15] Microterritório intitulado pelos estudantes deste modo por ter como características um banco com uma escultura de um boi e que passou a ser palco dos encontros e ocupações das juventudes universitárias, localizado no Complexo Abolição, um conglomerado de comércios e moradias, em grande maioria de estudantes universitários.

produtos necessários, assim como com o movimento dos corpos, visando, assim, uma ação de lazer, com caráter festivo e preparatório para o carnaval.

Entretanto, dentro de pouco tempo, como em ocupações anteriores, foram surpreendidos pela repressão policial, mais de uma vez, ocasionando, desta maneira, o encerramento desta atividade. O que não era esperado era a tamanha repercussão que emergiria nas primeiras horas do dia seguinte, composta por discursos ofensivos e discriminatórios para com os sujeitos estudantis, tal como para com seus usos dos espaços urbanos, disseminados na rádio local, conjugando-se, e potencializando, as cotidianas marginalizações sofridas pelo grupo de discentes, por vezes chamados de "vagabundos", "maconheiros", inclusas ofensas racistas, sexistas, homofóbicas, entre outras.

Vislumbra-se, assim, a partir dessa atividade, e de muitas outras antecedentes e precedentes, sistematicamente, um cerceamento de situações problemáticas, envolvendo o acesso, uso e produção dos espaços urbanos pelos sujeitos estudantis, tais como: disputa territorial entre os novos e os antigos moradores pelos usos dos espaços urbanos entre a tentativa e emergência de novos usos, acompanhados de novas singularidades e signos; da manutenção da tradicionalidade e controle dos usos territoriais. Tais conflitos e seus agravamentos podem ser vistos como produto e produtor de deslegitimações, com caráter tanto de diferenciação, como de exclusão, dispondo por bases de clivagens de raça, gênero, etnia, faixa etária dentre outras.

Além de geradores das intermitências espaciais, a cada situação problemática pelos usos territoriais, os estudantes desenvolviam a busca por novos espaços que pudessem ser acessados e usados sem repressão, produzindo assim uma constante mobilidade, trânsito entre os espaços urbanos, como já relatado no capítulo II deste trabalho. Entretanto, neste que tomamos como primeiro ciclo das ocupações, ocorria sempre uma tentativa de retorno à praça do obelisco. Um forte exemplo desta mobilidade e constante busca por retorno a praça é, significativamente, a própria ocupação descrita acima, a do banco do boi, ocorrendo, também, para além dessa, outras nos territórios da universidade, e até da cidade de Acarape.

Contudo, a repercussão negativa da atividade descrita, prosseguiu acompanhando essas constantes tentativas dos estudantes de produzirem novas ocupações dos territórios intraurbanos de Redenção, culminando no desfecho temporário das ocupações, ainda em 2019, precisamente na atividade marcada como retorno à Praça do Obelisco, intitulada "Pré-

carnaval das Aniêras[16] e carnabio"[17], na qual, pensando nos processos de intervenções policiais que acompanhavam as ações naquela praça, a equipe organizadora se antecipou na petição de alvarás, tanto para o uso da praça, quanto para o uso de som, não prevendo o quanto seria fatigante, uma vez que não possuíam nenhuma forma de apoio, seja da instituição, seja da gestão municipal. (Diário de campo, 2017-2020), um estudante, participante das ocupações e da organização dessa, relata bem o processo:

> Eu lembro que agora teve um episódio que foi planejado e foi de um grupo de amigas que eu participo, né, a gente chegou a ir na secretaria de cultura, na polícia pra tirar alvará e mais uma vez foi um pré-carnaval, né, e aí a gente pensou não, uma cidade dessa, cheia de estudante, no meio da semana chegando o carnaval, Fortaleza os carnaval truando, e em uma cidade dessa não tem movimentação de nada e a gente foi inventar. E aí qual é o grupo que vai na polícia? qual é o grupo que vai na secretaria de cultura? qual grupo que vai trabalhar fazendo a divulgação? eu sei que juntou aqui, juntou ali, o povo se empolgou, a gente conseguiu fazer uma movimentação, que assim, eu confesso pra ti a gente conseguia se perder na praça doobelisco, que não é tão grande mas deu tanta gente, tanta gente, que a gente ficou assim! olha aí, era só a falta de alguma articulação necessária possível, né, mas, aí mais uma vez pra mim soa muito forte o rolê da bebida como uma forma de socialização entre os estudantes, né (Entrevista, 2023).

Praça do Obelisco, 28 de fevereiro de 2019, presumindo a realização de uma ação sem interferências, a ocupação teve seu início por volta das 22h30. A ocupação começava a ser sentida, já era perceptível um aglomerado de pessoas com uma pequena caixa de som. Alguns minutos depois chega o "paredão", conseguido voluntariamente pelas organizadoras, e o nível de pessoas já estava drasticamente maior, tanto no centro da praça, quanto em seu entorno. Neste momento, essa ocupação já se consagrava como a maior ocupação realizada pelas juventudes na praça, era presidida por uma quantidade diversa de indivíduos (juventudes universitárias de diversas nacionalidades, moradores originários de várias cidades do Maciço de Baturité e com acrescento de sujeitos hegemônicos das cidades).

Com o início do funcionamento dos "paredões", também se iniciaram as intervenções policiais, sempre exigindo o desligamento do som, mas logo sendo refutado pelos sujeitos organizadores ao manusearem os alvarás, mas isso não impediu as constantes intervenções. Dentre as abordagens realizadas nesse evento, a última foi deveras expressiva e amedrontadora, na qual os policiais adentraram a praça em meio aos discentes, com armas de grande calibre, separando-se e caminhando entre as juventudes que ocupavam a praça,

[16] A expressão "Aniêras" é resultada da constituição de um grupo formado por estudantes universitários, em sua maioria da UNILAB, sendo de diversos cursos como, pedagogia, história, sociologia, administração pública, entre outros, que buscavam se reunir, seja online ou presencial, para relatos sobre o dia, constituição de movimentos, de ocupações, findando na construção de solidariedade e amizade.

[17] Expressão criada para intitular um grupo de estudantes universitários do curso de biologia que buscaram organizar o evento do pré-carnaval.

levando a questionamentos sobre o motivo do uso de armamentos de grande porte naquele espaço, visto que ali estava apenas ocorrendo um movimento de lazer.

Após essa última intervenção, teve-se desfecho a última ocupação do ano realizada pelos estudantes juvenis universitários na praça do obelisco, visto as constantes opressões, mesmo que ainda tenha ocorrido tentativas, mas que não se tornaram atividades, devido à baixa adesão dos sujeitos, que receosos de novos enfrentamentos, e cansados das constantes discriminações quanto aos usos dos espaços e de seus direitos enquanto cidadãos, passaram a produzir pequenas reuniões em suas residências, voltadas apenas a seus grupos de vivências, ealguns agregados.

Este foi o desfecho, do que tomamos, aqui, como um primeiro ciclo de ocupações, ocasionando percepções de um urbano que já não espelhava fortemente uma possibilidade de uso, diante das observações e narrativas colhidas. O desfecho se tornou um tanto prolongado, devido ao contexto de pandemia[18], que se instalou globalmente em 2020, visto que a medida mais eficaz para o controle do vírus, era o isolamento total dos sujeitos.

Deste modo, ocorreu uma suspensão de toda e qualquer aglomeração, inclusive nos territórios urbanos. De outra forma, mediante a tais medidas, os sujeitos se inquietaram, e, usando-se da criatividade, produziram atividades no formato virtual, que se assemelhavam às ocupações produzidas, outrora, nos espaços físicos, dentre elas, as lives com djs, na qual os sujeitos podiam assistir e comentar, estabelecendo, assim, um novo formato de comunicação, reunião, socialização adaptadas ao então contexto que se encontravam, bem como pequenas reuniões em suas residências.

Todavia, certamente pelo alongamento do tempo de pandemia, e pela falta do contato físico, tais atividades também cessaram, e o distanciamento físico, já ocorrente, se exarcebou, tendo, também, como um dos motivos, o retorno de muitos estudantes às suas residências originárias. Tal processo vigorou até meados do segundo semestre de 2021, quando ocorreu flexibilização do isolamento e retorno gradual às atividades presenciais, acarretando em reinício das tentativas de usos do urbano, e novos encontros estudantis, mesmo que com poucos integrantes, uma vez que muitos ainda estavam em suas residências originárias, ou em isolamento, devido a precauções ou necessidades.

Cabe considerar, também, como fator para a percepção de poucos sujeitos nas atividades que se desenvolviam pelo urbano da cidade, o não retorno às aulas presenciais, que

[18] Pandemia Mundial resultada do novo coronavírus (SARS-Cov-2), no qual teve seu caso notificado em dezembro de 2019, na China.

se deu apenas no início de 2022, devido ao cenário de pandemia, neste contexto, além dos desafios de reinserção no meio social novamente. Os estudantes também necessitaram passar pela reinserção na cidade (no qual já possuíam fragilidades que concernem a dinâmicas e relações, sejam ligadas aos usos e acessos cotidianos ou através das ocupações criativas) e nas novas dinâmicas do urbano, que contavam, ainda, com distanciamentos, com horários de lookdown e outras medidas preventivas que se integravam ao cotidiano, assim como a reestruturação das fragilizadas relações sociais.

Diante do retorno gradual das atividades e dos discentes a cidade de Redenção, identifica-se o desenvolvimento de um conjunto de atividades, muitas delas festivas, sendo, aqui, impossível não considerar, novamente, o relato do estudante entrevistado, que reflete como motivo da constância de atividades festivas desenvolvidas pelos estudantes, a precariedade da oferta de outros serviços, como o cultural, espaços para lazer, socialização, encontros de diversos formatos.

Em suma, as atividades de retorno, primeiramente, apresentam como maiores frequentadores, os moradores originários da cidade e de outras do seu entorno, como foi observado em um sábado, dois de outubro de 2021, que após um convite de alguns colegas e estudantes universitários unilabianos, tornou-se possível vivenciar o movimento/festa queestava ocorrendo no corredor comercial do abolição (vide figura IX e X). Pois bem, logo ao chegar ao local, constituído por pontos comerciais, bem iluminado e com várias mesas e cadeiras já ocupadas, e com um pitshop ao lado, notou-se uma grande movimentação e lotação, para um gradual retorno das atividades, lotação que lembrava as ocorrentes em ocupações juvenis universitárias. Porém, inicialmente, é perceptível a pouca concentração de estudantes universitários naquele microterritório, tendo como uma das prováveis causas, o gradual retorno.

Figura IX e X – Festa no Complexo Abolição – área comercial.

Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).

Logo, percebendo a lotação, me veio a questão: será que ocorrerá alguma abordagem policial ou reclamação por parte dos moradores locais, como ocorreu em outro momento de ocupação juvenil universitária? Entretanto, mediante o andamento da atividade festiva, produzida pelos comércios daquele complexo, não foi observado nenhuma interferência policial, apenas no horário estabelecido pelas normas sanitárias para o encerramento das atividades, em virtude das medidas de prevenção contra a COVID-19.

A presente atividade produzida pelos comércios locais privados, também era apropriada pelos sujeitos juvenis, mesmo que estando em pequenas escalas. Contudo, por vezes, os sujeitos não consumiam o que aqueles serviços privados estavam a oferecer, trazendo de outros comércios e se instalando ali para aproveitar a oferta de música. Mediantea essa apropriação, e a possibilidade do acesso de todos a esse espaço, percebe-se a constituição de um caráter público, por meio das práticas sociais.

Após a finalização dessa atividade, percebe-se uma mobilidade dos sujeitos juvenis universitários, que ali estavam presentes, em companhia de outras juventudes não universitárias, para o espaço urbano que despontava como um mais novo ponto de ocupação,já sendo observado, pela segunda vez, mas tendo relato de outras ocorrências, mas que no decorrer do ano, passa a receber números maiores de sujeitos juvenis universitários para as ocupações.

Este novo espaço era uma praça (nova) do centro comunitário, conhecida popularmente como Praça do Skate, essa foi construída em uma área considerada periférica,

mas que diante da instalação da universidade em seu entorno, parece, aos poucos, se constituir enquanto uma nova centralidade, como se pode considerar através do seguinte relato:

> 2021 também mas quando foi mais ou menos ali final de julho, pro final do ano a gente começou a ocupar a praça do skate, essa movimentação da praça do skate era tão massa por que era assim, toda quinta-feira se juntavam os 200, 300 estudantes naquela praça e como não tinha outra forma de socialização, era bebida, era o rolê, era a música né eu lembro também que sempre grupos específicos, a galera organizava bingo, fazia uma premiação e aí todo mundo ia com desculpas do bingo, mas na verdade era pra se encontrar, né (Entrevista, 2023).

Um ponto central percebido nessas novas ocupações, e que se assemelhava às atividades já consideradas ocupações criativas, até 2019, foi a presença de pessoas de diversas classes, de gêneros, culturas, territórios, desenvolvendo micro agrupamentos, que parecem ser uma formação forte nesses movimentos, cabendo ressaltar que não são fechados, pois ocorrem a socialização com outros indivíduos de fora da formação. Todavia, existia um fluxo de novos sujeitos, que tinham ingressado na universidade um pouco antes e/ou durante a pandemia. Sujeitos que começavam a participar das ocupações. Em contrapartida das novas "caras", tinha-se a falta de muitas outras que já não participavam mais, devido a finalizaçãodo curso e a mobilidade para outras cidades.

Contudo, logo com o início das aulas fortemente presenciais, em 2022, passa a se destacar novos movimentos de ocupação dos espaços urbanos pelos estudantes, de maneira mais concreta e corpulenta, não apenas na praça do Skate, pois por intermédio da inauguração de um quiosque na área de estacionamento da Unilab[19], os sujeitos passam a aproveitar a oportunidade e a oferta do serviço para realizar as suas próprias ocupações desse espaço, consumindo ou não do então comercio (vide figura XI).

[19] Já explanada no capítulo I.

Figura XI – Card de divulgação da ocupação criativa “Rolê das galeras”, publicado no Instagram.

Fonte: Instagram, stories no @unilabmilgrau[20] (2022).

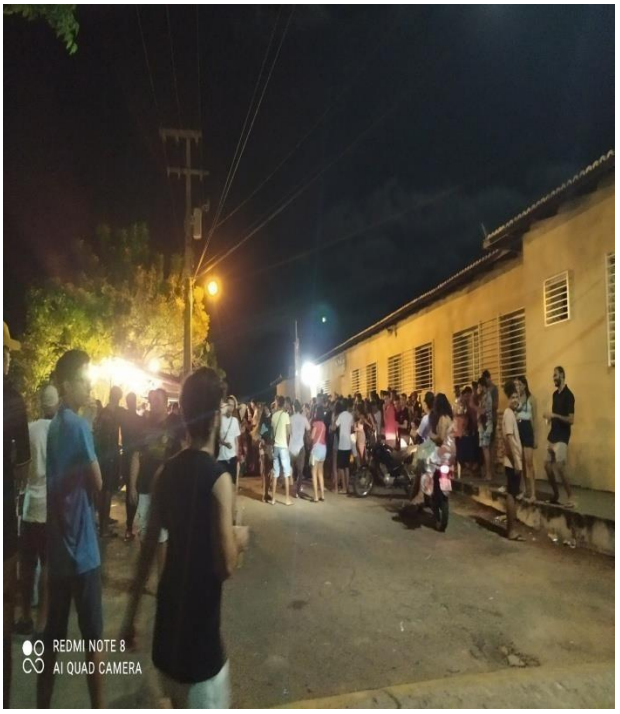
Considerando esse movimento, é possível analisar, também, um contraponto, o de que a apropriação do espaço da universidade para o desenvolvimento de um estabelecimento particular comercial, só ocorre mediante a demanda estudantil por serviços e espaços para o desenvolvimento de vivências dignas. Por outro lado, o produto da demanda estudantil e instalação do ponto comercial, parece ser uma tentativa de retorno a uma normalidade já não existente, reparação das então fraturadas relações sociais, mas, também, como outrora, uma busca pelo direito e fazer à cidade, material e imaterialmente, seja almejando espaços físicos passíveis de ocupação, uso e acesso, que proporcionem segurança, equipamentos públicos e privados de carências cotidianas, assim como aqueles que possibilitem a socialização, de acolhimento e pertencimento, liberdade de expressão e fala, ou busca por ela, de identificação e resistência às lutas diárias, como outrora tentado, no primeiro ciclo das ocupações criativas.

[20] Disponível em: <https://instagram.com/unilabmilgrau?igshid=MzRlODBiNWFlZA==>. Acessado em: 13 abr, de 2022.

Neste caminhar e produção de ocupações criativas, ocorreram um conjunto de atividades, mediante as apropriações constantes e ressignificações dos usos dos espaços e, em especifico, deste espaço universitário. Uma das atividades mais expressivas desse segundo ciclo das ocupações criativas, no período de retorno ao presencial, a atividade que marcou o início dessa forte mobilidade no território da universidade, o "Rolê das Galeras" (vide figura XII, XIII e XIV), ocorria no dia 13/04/2022, e através de sua proporção e movimentação, tornou possível relembrar e perceber semelhanças com as atividades que se realizaram no primeiro ciclo. E se, anteriormente, já tinha sido forte o sentimento de estranhamento pelos novos sujeitos, nessa atividade se exarcebou, uma vez que, muitos, outrora participantes e organizadores, já não estavam mais presentes.

Figuras XII, XIII, XIV – Concentração do Rolê das galeras na Unilab – Campus Liberdade.

Fonte XII: Instagram @unilabmilgrau – story, (2022).



Fonte XIII e XIV: Acervo pessoal da autora (2022).

Nestas ocupações, os sujeitos desenvolviam ações e diversas expressões corporais que não se observou em momentos cotidianos públicos. Expressões diversas, de danças, de afetos, de abraços, carícias, beijos, entre casais LGBTQIA+, assim como o uso de vestimentas e caracterizações, quebrando com uma disciplina corporal e simbólica instituída pela construção social ocidental, patriarcal e heteronormativa. No entanto, apesar de parecer uma atividade aberta a tais liberdades, ainda foi perceptível processos de discriminações para com alguns grupos, principalmente o LGBTQIA+, que ao dançarem e performarem, recebiam alguns olhares de discriminações, de indiferenças e chacotas, mesmo que mascaradas. O mesmo aconteceu com um grupo de meninos internacionais que dançavam músicas tradicionais africanas, contudo, aquele território, como no primeiro ciclo, naquele momento, proporcionava o ato de liberta-se das amarras diárias e realizar ações necessárias àqueles corpos, físicos e simbólicos.

Observa-se, também, o fechamento de alguns nanogrupos para a interação com os demais, percebido fortemente pelo grupo que pareciam ser compostos, em sua maioria, por indivíduos originários e abastecidos da cidade. Poucos desses indivíduos interagiam com os demais. Nessas novas ocupações é nítido o aumento da presença dos sujeitos originários de Redenção, e das cidades vizinhas, podendo refletir que tal mudança pode ser recorrente da dinâmica que se instalou no período de flexibilização da pandemia, na qual as atividades da

cidade eram produzidas e acessadas, majoritariamente, por esses sujeitos, ou mesmo pelo fato do comércio local, que estava proporcionando, e até mesmo divulgando as atividades, tivesse como dono um morador originário. Essas atividades ocorriam em conjunto com os usos da praça do skate, uma vez que, ao finalizar determinada atividade, muitas vezes, os sujeitos juvenis buscaram acessar e usar a praça para prosseguir com o movimento noturno, festivo, iniciado naquele momento.

Apesar da existência de novas ocupações criativas, como exemplificado acima, os usos do urbano, neste espaço tempo que consideramos como segundo ciclo, não compõe uma concretização forte, como no primeiro ciclo. Neste segundo ciclo, ocorre uma determinada perda de força no movimento e nas tentativas de ocupação dos espaços urbanos, no retorno às atividades presenciais no contexto pandêmico e pós-pandêmico que já se instalou, como reflete um entrevistado, ao ser questionado se participava das ocupações criativas:

> Na verdade, o que eu sinto é que esse movimento ele já existiu, sabe? Fico pensando, que atualmente, na realidade, a ocupação dos espaços públicos por exemplo, a praça, é muito escasso, assim, porque eu lembro, por exemplo, que no ano de 2018, mais efervescentemente final de 2018 e início de 2019, foi um período em que a gente conseguia fazer a praça do obelisco, a gente conseguia se perder entre os amigos de tanta gente naquela praça, né, eu lembro assim com uma memória muito afetiva inclusive, porque é um lugar de socialização que em geral a gente não precisava pagar nada pra estar naquele lugar (Entrevista, 2023).

A presente fala se torna inquietante, uma vez que é observado que as ocupações criativas ainda persistem ocorrendo, mesmo que em escala menores, em caráter de ocorrências, mobilidade nos espaços urbanos e organização por parte dos estudantes. Assim, questionamos ao entrevistado se, diante de seu ponto de vista, as ocupações já não ocorriam.O mesmo relata que existe um enfraquecimento, como vislumbrado na citação acima, justificando esse enfraquecimento mediante o fluxo de mudança dos sujeitos estudantis da universidade, como pode ser detectado na seguinte fala:

> Na verdade, o que eu sinto era que era um grupo de pessoas muito específico sabe? essas pessoas elas se formaram e aí essas últimas gerações que entraram depois da pandemia, principalmente, é uma geração de jovens muito borococho, de gente que parece que não vive a vida do rolê, né (Entrevista, 2023).

Entretanto, cabe refletir que os novos sujeitos adentram esse espaço urbano com uma rede de sujeitos e atividades enfraquecidas e cansadas pelo contexto pandêmico, estando em processo de reinserção na cidade e, inclusive, nas atividades presenciais. Pensando nesta linha, tem-se um contexto de construção de uma nova dinâmica urbana, alterada pelo isolamento, uma realidade que já não se observa como a mesma do pré-pandemia, sendo necessária uma nova inserção dos sujeitos antigos e novos, por busca por adaptação às

atividades urbanas, mesmo, ainda, com a dinâmica de repressão dos usos do espaço da cidade e da legitimação da interferência policial.

Sendo como uma das primeiras repressões expressivas desse ciclo, justamente a que estabelecia o uso da praça do obelisco, organizada pelos estudantes e a Proex, sendo mediada mesma e em parceria com órgãos municipais, ocorreu na atividade do dia 25 de maio de 2022. Atividade cultural voltada aos festejos da Semana da África, evento recorrente na qual proporcionava a apresentação de danças e músicas africanas, assim como a culinária.

No decorrer desta atividade ocorrida na determinada praça, ocorreu a utilização, por parte de alguns estudantes, de seu monumento principal, o Obelisco, fato que gerou repercussão e revolta por parte de pessoas que sinalizam essa obra como sendo uma imagem erepresentação histórica da construção da cidade, reforçando a narrativa concebida de primeira cidade a desenvolver o processo de abolição. Essa repressão, e mesmo discriminação enegação dos usos dos espaços e da constituição de novas dinâmicas foi relata por uma estudante ao descrever:

> Ontem na hora do evento, [...] ela estava ligando para a polícia, dizendo que era uma falta de vergonha na cara, que não eram para tá fazendo aquilo, ai a gente passou e passou uma professora, [...] dizendo que isso é coisa de quem não tem o que fazer, que é uma vagabundagem, que as pessoas que trabalhavam o dia todo queriam sossego, oia oito hora da noite, tu acha que o pessoal vai tá dormindo oito hora da noite, é porque é um pessoal racista mesmo (Entrevista, 2023).

A presente situação conflituosa, que se estabelece mediante a este uso da praça do obelisco, tomou repercussões nas redes sociais, fator que gerou diversas ofensas e críticas veladas, tanto ao ato, quanto aos estudantes. Pensa-se que essa repressão, e constante disputa territorial, deriva da tentativa de manter a hegemonia tradicional dos usos da cidade pelos moradores originários, já que os sujeitos juvenis estudantis, ao acessar e ocupar os espaços urbanos, "[...] questionam e desestabilizam a pretensa homogeneidade do espaço social preconizada pelos discursos hegemônicos que tentam tornar opacas as contradições da sociedade nos espaços públicos" (Danezi, 2018, resumo), e, nesse ocupar, também ressignificam os espaços, uma vez que as territorialidades que passam a construir, possibilitam reconstituir, não a partir da exclusão, mas na conjunção e "regular as interações sociais e reforçar a identidade do grupo ou comunidade" (Albagli, 2004, p. 28).

A repressão desta atividade, em conjunto com a já discriminação existente, desde o primeiro ciclo para com as ocupações estudantis, desemboca em um novo ciclo de interferências nas atividades compostas, majoritariamente, pelas juventudes unilabianas, como a forte ocupação do espaço externo da universidade, já descrita, ocorrida, às vezes, em

parceria com o quiosque e, outras vezes, organizada pelo quiosque, mas divulgada e ressignificada pelos estudantes, como localizada na área externa da universidade.

A primeira registrada ocorreu no dia 09 de junho de 2022, já relatada, na qual, durante a realização da ocupação, organizada pelo quiosque e com grande participação dos estudantes, se desenvolveu o primeiro conflito no espaço, tomando, inclusive, um caráter violento, por parte da polícia, que agrediu um estudante com tapa, e lançou balas de borracha para a dispersão dos sujeitos participantes. Ato inesperado, uma vez que nas realizações antecessores, principalmente na fase de flexibilização e retorno das atividades, a políciadesenvolveu apenas um trabalho de ronda e alerta do horário de finalização das atividades.

Apesar do conflito, já existia outra atividade programada para ser realizada no dia seguinte pelo então quiosque, que ocorreu, mesmo em meio a receios, cabendo destacar que não perdurou tanto como as outras, pois agora o quiosque, justamente por receios de novas repressões, realizou o fechamento no horário estipulado pelo alvará. Ainda assim, a comunidade juvenil prosseguiu com os usos e reapropriações daquele espaço, cabendo destacar, que após essa atividade, se sucede um decaimento dessas atividades neste espaço.

Neste cerne, por medo das represálias e o sentimento de impotência perante as tentativas de controle dos moradores originários, circunstâncias que não são excepcionais,mas que estão no cerne da vida milhares de indivíduos (Miguel, 2014, p. 37), passa a se desenvolver um processo já observado no primeiro ciclo de ocupações, ou seja, a mobilidade para microterritórios que, a priori, eram privados ou coletivos de uso comum, e passam a transcrever um caráter de público, tais como, o Complexo Abolição, o espaço de festa conhecido como Arena show, e o próprio Pátio do Campus Liberdade, no que se pode tomar como a busca por espaços que gerem segurança e a possibilidade do desenvolvimento de dinâmicas, vivências e pertencimento, pensado aqui enquanto lugares que não ocorre, facilmente, a interferência policial.

Considera-se a análise de que essa não interferência possa derivar da utilização de espaços fechados e comerciais, pois, descarta-se que seja pela confecção de alvarás, visto que a observação e relatos dos sujeitos da produção de atividades protegidas por alvarás, mas que receberam constantes repressões policiais e até o encerramento. A mobilidade para esses microterritórios fechados e/ou comerciais espelha a fraca possibilidade de construção de laços afetivos com os espaços urbanos, uma vez que, constantemente, os sujeitos são levados a regressarem a muros, sejam físicos, sejam simbólicos, que cerceiam e delimitam suas

movimentações, relações e dinâmicas com a cidade e seus moradores originários, um urbano de relações delimitadas.

Por outro lado, pode-se analisar que a mobilidade para esses microterritórios, é produzida pelo fato desses lugares, despontarem como lugares que geram segurança para os estudantes, nas observações e nos relatos, tanto quanto indiciam que a relação cidade- estudante, através dos moradores locais, geram inseguranças e a quebra de um processo de pertencimento, perceptível no relato de uma estudante sobre um determinado desconforto nas novas atividades dentro da universidade, pelo constante aumento da participação de moradores originários, e o receio de discriminações nas atividades cotidianas após a festa:

> esse momento que eu percebi que os locais aqui, né, os moradores, os filhos de Redenção, começam a frequentar mais os espaços, você tem que, enquanto universitária, enquanto dependente de tudo, na universidade você tem que ter muito cuidado com sua imagem, porque enquanto universitário você já é taxado de alguma coisa, né, já tem aquela estigmatização de alguma coisa e quando você está sendo visto e consequentemente analisado, pra essas pessoas podem ser seus vizinhos ou seus, sei la, coordenadores de alguma bolsa, de algum projeto, de algum estágio, você tende a se limitar mais, porque, a não, pode ser uma pessoa que aluga uma casa pra mim, pode ser uma pessoa que venha a mim prestar algum serviço ou que eu vouprestar um serviço ela ,então tem muito essa questão de tipo as relações sociais aqui são muito complexas no sentido de que eu tenho que dar satisfação da minha vida pessoal e como social assim em geral pra pessoas que não necessariamente tem uma relação direta comigo, direta ou indireta, talvez sejam pessoas que eu não conhece, mas por eu saber que eu talvez vá precisar, eu vou ter que me limitar a agir de uma determinada maneira, em determinados ambientes. Aí hoje eu acho que é questão da segurança que eu não sinto né, é mais por conta disso, que, por conta de eu já atuar na educação, principalmente na educação infantil, é, vai que tem um pai de um alunomeu, um irmão de um aluno meu, ai tipo no outro dia tá lá, "ó a tia da creche, a tiada escola tava lá" (exemplo dado pela entrevistada), e querendo ou não prejudica assim, por mais que eu não vou ficar aqui, enquanto eu estive aqui vai me prejudicar (Entrevista, 2023).

Considerando o presente relato, analisa-se que os espaços privados e ou comuns, como a universidade e espaços de festas, geram segurança, à medida que os participantes se sintam pertencentes aquela rede de sujeitos, pois até o momento em que, majoritariamente, os sujeitos são estudantes, vislumbra-se, pela entrevistada, um sentimento maior de segurança. Na medida em que os sujeitos originários, que também fazem parte da relação conflituosacom os espaços urbanos da cidade, adentram fortemente as festas, ocorre o sentimento de insegurança, por futuras discriminações.

Refletindo que algumas das dinâmicas das ocupações também espelham as relações cotidianas com o urbano, nota-se o mesmo sentimento de segurança, mediante a rede estabelecida de afetividade, ou mesmo de identificação. Em outro relato de um estudante entrevistado, sobre o processo de identificação com o espaço através da residência em

territórios com grande número de sujeitos estudantis de mesma nacionalidade, pode ser capitado nos seguintes trechos da entrevista:

> Às vezes me sinto que estou em Angola, só que em outros espaços, sabe? é porque aqui não tem muito contato, os vizinhos entre vizinhos, eu notei isso, não tem muito contato, as pessoas são mais fechadas, acho que talvez que são mais fechadas por se tratar de algumas coisas internacionais, com pessoas internacionais, essa é minha percepção. [...]. Desde que eu cheguei eu moro mais nesse lado, na travessa [...] quando eu cheguei eu morei lá morar, e já mudei algumas vezes de casa, mas atualmente eu moro na casa que eu morei em 2019, tipo naquela rua específica eu considero como se fosse meu bairro, mais um auxílio de identificação, acho que algo que me aproxima mais de Angola, que eu sinto, naquele espaço (Entrevista, 2023).

Ao ser questionado se essa identificação ocorria por ter um número considerável de estudantes angolanos nesta rua, o entrevistado respondeu, afirmativamente, o que indicia, assim como nas ocupações criativas, a construção de um sentimento de pertença, através do estabelecimento de redes afetivas, primeiro com os sujeitos e, logo após, com o território. Outra entrevistada relata a construção do sentimento de pertença, a partir de identificações familiares, como a ação e signo de vizinhança:

> Tipo eu acho que nesses bairros mais periféricos o estudante Unilabiano seja ele internacional ou Nacional ele é mais bem recebido ele não é visto tanto assim como alguém que vai tipo tomar o espaço do local entendeu, que tá ali pra disputar espaço oportunidade eu acho que nesses bairros mais periféricos eles são mais receptivos assim as pessoas de modo geral [...] é como eu tô dizendo também é a questão da localidade onde eu me encontro hoje, porque hoje eu considero que eu tenho vizinhos e eu os conheço e eles me conhecem, mas quando eu já residi em outros bairros não era essa realidade (Entrevista, 2023).

Neste breve relato, pode-se ver que a questão de contato com a vizinhança, também se apresenta como signo de pertencimento e de ligação com o espaço, que se torna lugar, onde existe a construção de afetividades, de vivências, a produção de identificação e residências simbólicas dignas, mesmo que não em suas totalidades, visto as precariedades estruturais da cidade, expressando assim, também, na constante mudança de território, a busca por um que seja "casa".

Em contraponto a esses lugares que possibilitam a construção do pertencimento, através da rede de sujeitos e signos, e que emergem como potencial centralidade habitacional, têm-se espaços urbanos, que devido às constantes deslegitimações e situações conflituosas, como relatado através das ocupações criativas, despontam como lugares "proibidos", mesmo que não formalmente, mas que através das disputas simbólicas e negações, dificultam aconstrução de pertencimentos, como se contempla na fala de uma entrevistada:

> Ninguém colocou uma placa proibido atividades culturais, "proibido estudantes da Unilab sentar nos bancos", mas acabou que o ambiente diz isso, sem dizer, sem ter uma placa né, pelas constante violação de direitos que a gente passa, passou e passa

> ali naquele ambiente, então é isso 2017 a 2020 houve uma transformação muito grande que se eu pego agora no pós pandemia, depois do retorno presencial, os estudantes hoje tem um ambiente fechado (Entrevista, 2023).

Deste modo, apesar de tomarmos o conflito como possível da construção democrática (Miguel, 2014), da produção de um novo, criativo, dinâmico e fluxo, assim da tomada de noção e da resistência, o conflito também emergiu nas observações, como uma barreira ao desenvolvimento de uma relação digna e produtiva com o urbano, bem como a construção do sentimento de pertença. Esse processo espelha as relações cotidianas na cidade, no qual os sujeitos buscam, de maneira incessante, por vezes, involuntariamente, que o urbano seja "casa".

Cabe finalizar, considerando que, mesmo diante a inúmeros conflitos, ocorre as constantes tentativas de resistências, pela possibilidade de acesso e uso dos espaços urbanos, assim como da construção de uma residência digna na cidade, através dos fatores estruturais físicos e simbólicos percebidos.

A partir da construção de movimentos de reinvindicação, como no final do primeiro ciclo, pela emergência do grupo JARA - um coletivo autônomo intitulado Juventudes Autônomas de Redenção e Acarape, formados por estudantes universitários, liderados, em sua maioria, por mulheres, no intento de encontrar soluções para as decorrentes situações problemáticas, através do diálogo com órgãos e instituições públicas, destacaram a percepção e noção dos conflitos e inquietaram-se escrevendo uma carta[21] de repúdio as referentes discriminações sofridas no ato de ocupar, ou seja, através da constante busca por desenvolver novas mobilidades e ocupações, mesmo em meio a tantas formas de repressão de seus corpos, suas vozes, suas práticas culturais, seus direitos como cidadãos e jovens.

3.4. O percebido

Considerando o conjunto de descrições das ocupações criativas, assim como as narrativas juvenis universitárias, que tomamos como fator vivido, é que vislumbramos as percepções dos sujeitos dentro do urbano e para com esse. No primeiro momento, da entrada e o desenvolvimento das primeiras ocupações, mesmo com as diversas precariedades na oferta de uma vida digna, o urbano se mostra como possibilidade e meio para a construção de uma residência digna, através do acesso e direito de uso dos espaços para a construção de

[21] Disponível em:<https://www.facebook.com/100002908970672/posts/2005441246229488/?app=fbl>. Acessado: 22 de agos. 2023.

familiaridades e pertencimentos. A euforia dos estudantes nas lembranças do primeiro ciclo, sentimento relatado de renovação das energias, de lazer, de socialização, de leveza, de construção de afetividades, de liberdade da fala e do corpo, possibilitaram essa análise, como pode ser destacado no seguinte relato sobre as ocupações:

> Querendo ou não é uma pressão menó né, você já tá tão cansado né, das disciplinas, de estágio, projetos e coisas afins, e eu acho que é uma coisa mais leve, você se sente realmente participante daquilo, você sente que você tá vivendo a juventude, tá aproveitando a fase do que é realmente ser estudante universitário também, porque não é só estudar né, cê tem que aproveitar porque se você só estudar só estuda cê fica louco né, e aí eu me sinto muito melhor assim... (Entrevista, 2023).

Um urbano no qual os sujeitos despontam, e se concretizam, como potentes agentes de transformação social, estrutural, cultural, territorial e política, pois suas simples presenças demandaram, e demandam, a reestruturação de dinâmicas, relações e das próprias construções físicas da cidade, a exemplo do crescimento do número de moradias, comércios, equipamentos de serviços, mesmo que ainda precários e de alto custo. Tais sujeitos transformadores passam a (re)significar os espaços, através dos potentes usos, a desenvolver multiterritorialidades nos espaços urbanos acessados, assim como uma agregação e reconstituição de dinâmicas, territoriais, sociais e de signos.

Entretanto, esse urbano, potencialmente aberto as novas construções de dinâmicas, relações e sentimentos, se torna turvo e contraditório, em virtude de que, a medida em que os sujeitos buscam usar, ocupar, desenvolver afetividades, novos signos e significados nos territórios urbanos, passam a ser interpelados por situações conflituosos, que, como observado e escutado, mostram-se uma extensão das relações cotidianas de discriminação na cidade, que diante de uma construção tradicionalista e hegemônica, não aparenta vislumbrar os sujeitos estudantis como cidadãos, mas como um meio para o enriquecimento do comércio local. Desses sujeitos é apreciado o capital, mas não suas diversidades e usos, como se podecompreender diante da seguinte fala:

> E ai tudo é caro, se a casa é caro imagina a comida vai ser mais caro aqui, então do começo, até hoje, eu trazia tudo de casa, esticava, comprava no Pentecostes e deixava ai semanas, um mês, as coisas que durassem mais, porque pra você arranjar uma coisa que seja em conta, você tem que andar nos grandes três supermercados... (Entrevista, 2023).

A presente fala relata o alto custo de vida para a residência na cidade de Redenção, em relação ao valor dos auxílios que varia entre 300 a 530 reais mensais, como uma das entrevistadas reflete: “a grande maioria sobrevive com o auxílio, que é os 380 reais e aí quem

tem a felicidade de receber os dois auxílios ou uma bolsa que passe dos R$500, ainda tem que saber administrar muito bem, pra que antes do meio do mês não fique contando moedas".

Deste modo, como nestas falas e de outros entrevistados, é perceptível que os sujeitos estudantis têm noção de que para a cidade representam um ganho capital mensal, mas que, como observado nos relatos anteriores e nas observações das ocupações criativas, não são tidos como sujeitos possuidores do direito à e fazer a cidade.

Assim, diante das situações conflituosas e deslegitimações diárias, em soma com as já precariedades existentes, como, principalmente, no que tange ao lazer, a cultura, a espaços para os jovens produzirem ações e ocupações criativas, um entrevistado diz: "a cidade não oferece outras formas de lazer, de cultura". É um urbano, citado pelos próprios sujeitos, de precariedades, de falta de acessos, da negação, da discriminação, da delimitação de toda e qualquer ação pensada pelos sujeitos juvenis universitários, um urbano de impossibilidades, como foi analisado nas respostas da maioria dos entrevistados, ao serem questionados sobre quais as possibilidades encontradas ao residirem na cidade e vivenciarem o urbano. É como se pode observar, "na cidade em si, eu não consigo, sendo mais positiva, sendo bem grata a Deus, mas não dá para tirar uma coisa positiva nessa cidade, assim a única coisa positiva que tem é a Unilab".

Nesta percepção do urbano, ainda se vislumbra os sujeitos juvenis como potenteagentes de transformações, demandas e reinvindicações, pois se tem a contínua tentativa de produção no urbano da cidade, e mesmo que não existisse tal fato, os sujeitos ainda seriam potentes agentes, pois, mesmo que involuntariamente, as suas simples presenças acarretam demandas de alterações do urbano, nas dinâmicas sociais, territoriais e culturais, tanto quanto na imagem concebida da cidade, como visto ao longo da descrição das ocupações criativas e das novas centralidades.

De outra forma, mediante aos conflitos e negações, esses sujeitos também se percebem como seres discriminados e deslegitimados, no que tange a relação "inseders e outsiders", tomando aqui a reflexão de (Norbert e Scotson, 2000), sobre a discriminação entre novos moradores e antigos moradores no intuito de manter o poder hegemônico tradicional dos mais antigos.

Entretanto, mesmo os sujeitos não destacando possibilidades, elas se apresentaram em suas falas e nas observações. As constantes tentativas de ocupar ainda demonstram essa percepção do urbano como possibilidade do desenvolvimento de relações, afetividades. Às

vezes um microterritório da cidade pode representar esse urbano de possibilidades, como podemos ver na fala da entrevistada que, mesmo após de dizer não perceber possibilidades, apresenta oportunidades que a Unilab dá para a vida das pessoas, as relações que a Unilab possibilita, cria e constrói dentro da Unilab, as experiências que a gente vive, a partir das coisas que a Unilab promove, sejam elas, construtivas ou não.

Desta maneira, percebe-se que mesmo diante das discriminações, o urbano ainda se apresenta, mediante as ações e percepções dos sujeitos, como uma possibilidade de criação e recriação de relações, dinâmicas, afetos e pertencimentos, considerando sempre o caráter não harmonioso desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a discussão estabelecida no decorrer desta dissertação, sobre o objetivo final de analisar como as juventudes universitárias, unilabianas, percebem, e se percebem, dentro da estrutura urbana de Redenção, e como elas buscam, mediante estes sentidos, criar estratégias de pertencimentos, a partir de ocupações criativas dos espaços urbano públicos, pesquisado e refletido sob uma perspectiva interdisciplinar, visto sua complexidade e a necessidade de um diálogo multidimensional, desenvolveu-se um caminhar que se iniciou pela tomada de noção deste objetivo, percorrendo pelo reconhecimento dos fatores estruturantes, sendo eles, as juventudes, sujeitos protagonistas, e marcados pelo signo da instabilidade, pela construção social, mas pensados, aqui, como sujeito de uma potência sem igual para a transformação, criatividade e produção de novas relações, dinâmicas sociais, territoriais, econômicas e culturais.

O segundo fator estruturante que está em constante relação e diálogo com os sujeitos principais deste estudo é o urbano, que em sua dinâmica fluxa, pôde ser percebido emdiferentes momentos, como espaço, como território e como possibilidade da construção de lugares. Este urbano, como já trabalhado, foi percebido não apenas mediante sua formamaterial, ou como demanda da produção capitalista, mas, também, se não primordialmente, como consequência da vivência e necessidade dos sujeitos, através da produção da vida, das relações e dinâmicas simbólicas que os sujeitos desenvolvem, percebendo-se, assim, este fator estruturante no contexto de pesquisa, como parte de um fluxo constante de dinamismos, relações, práticas, ritos, mobilidades, consumos, de construção de percepções, considerando tanto sua espacialidade, como as atividades e ações que caracterizam e significam suas áreas, através de apropriações, usos e ocupações, tendo como sujeitos, foco da produção dessas ações, as juventudes unilabianas, aqui já mencionados.

Todavia, cabe situar que essa percepção se tornou possível, mediante a inserção, inicialmente, como vivência, da autora, em grupos juvenis que participavam e produziam atividades intermitentes em espaços urbanos da cidade de Redenção. Neste percurso é que ocorre os primeiros insight e inquietações sobre a relação sujeito-território, através do que tomamos, aqui, como ocupações criativas. Tais ocupações criativas, ao longo do processo, se revelaram como uma ação potente que possibilitou pesquisar essa relação sujeito-território,

derivando, durante o caminhar, como um dos passos na busca por essa compreensão, no presente objetivo de estudo.

Deste modo, ocorre o constante acompanhamento dessas ocupações criativas e suas intermitências, inclusive no período pandêmico. Entretanto neste processo ocorreu dificuldades, como o constante fluxo dos sujeitos, com a entrada de novos e a saída de muitos que finalizavam seus cursos, mostrando-se necessária a constante inserção nos novos grupos que adentravam, uma vez que era necessário desenvolver a observação e a escuta para refletir sobre o objetivo de pesquisa.

No entanto, tornou-se possível burlar essa dificuldade, através das redes anteriormente já estabelecidas, pois nem todos terminavam no mesmo período, fator que se mostrou como uma possibilidade do desenvolvimento de pontes para a inserção nos novos grupos. Contudo, este fato não excluiu algumas frustrantes tentativas. Estas inserções possibilitaram o continuo acompanhamento das ocupações criativas, assim como das narrativas juvenis, acerca da sua trajetória de residência em Redenção e vivência cotidiana no urbano.

Porquanto, como melhor buscar analisar as percepções das juventudes para com o urbano, que não a partir de suas narrativas sobre essa trajetória, uma vez que através das falas os sujeitos podem expressar suas significações, seus imaginários, suas observações e vivências que até então estava sendo observada na visão do pesquisador. Deste modo, como escrevem Benevides e Pinheiro (2018, p. 169), as falas dos sujeitos, ao entrelaçar concepção, percepção e vivência, atribui não apenas novos contornos e significados [...], mas revela dimensões representativas e singularidades da realidade estudada não só na perspectiva individual, como na perspectiva coletiva da qual essa individualidade é produto e produtora.

Portanto, as narrativas se tornam chave ao possibilitar coletar a própria visão das juventudes sobre suas experiências urbanas e cotidianas, que para muitos é uma esfera banal, mas aqui consideramos, em acordo com Pais (1993, p. 108), que o cotidiano possibilita encontrar “condições e possibilidades de resistências que alimentam a sua própria rotura”, ou seja, o estudo do cotidiano possibilita a compreensão das significações, das produções que por vezes fogem aos nossos olhos por ser rotineiro, do novo.

Seguindo nessa linha de observação das ocupações criativas, e escuta das narrativas juvenis, seja nas ocupações, assim como nos momentos cotidianos, através do ato de estar na universidade para participar das aulas, palestras, rodas de conversas e outras atividades, ou mediante as entrevistas que possibilitaram desenvolver um conjunto de reflexões, justamente

sobre as significações dessas narrativas, a partir do foco na relação sujeito-território, como já mencionado, ao lembrar sobre os fatores estruturantes, cabe pontuar que o urbano, inicialmente, despontou neste estudo como território, através de uma primeira visão e reflexão que se constituiu sobre os espaços apropriados, acessados e ocupados pelos sujeitos juvenis, por meio das vivências nas ocupações criativas. Estes territórios foram refletidos sob uma ótica da integralidade entre as noções sobre essa categoria de estudo, em virtude do fluxo de constantes (re)apropriações dos espaços urbanos.

Vale indicar que a dinâmica territorial que se instalava, mediante as ocupações criativas juvenis, eram diversas, e caracterizadas pela noção de multiterritorialidade, ou multiterritorialização, desenvolvida por Haesbaert (2021), necessária para refletir o processo de (re)produção dos múltiplos territórios.

Entretanto, as ocupações criativas, meio que levou ao *insight* para pensar os espaços urbanos, enquanto território, possibilitou, também, olhar a tentativa de usos desses espaços, como uma maneira de se constituírem o lugar, no que tange a construção de pertencimentos, mas também das vivências que são perpassadas pela construção social, da dialética das dinâmicas, da cotidianidade e das construções físicas e simbólicas, que remetem a produção de uma identificação, familiaridade, pertencimento, por meio de suas vivências cotidianas. Por outro lado, são acompanhadas da tensão, reflexão, do desenvolvimento de conflitos de acordo com as necessidades, visto que, a própria tentativa da constituição de lugares parte, como vislumbrado, da carência de viver a cidade de uma maneira digna. Emergindo como espaço de significado, o lugar é pensado por meio do signo da fluidez, uma vez que o contexto espaço-temporal, e os sujeitos de pesquisa, são fluxos, tal como suas ações e ocupações.

Desta maneira, pensando os espaços urbanos como passiveis de se tornarem lugar, por intermédio da produção de ações e ocupações, as atividades criativas despontam como uma das formas de pertencimento, uma vez que, ao produzirem essas atividades, os sujeitosbuscam se sentir parte da cidade em que estão residindo, e é naquele seminal momento que eles desenvolvem um conjunto de dinâmicas e relações que caracterizam aquele determinado espaço urbano como familiar, visto aos vínculos afetivos que emergem e a possibilidade socialização e sociabilidade que aquele espaço-tempo representa. Sendo concebível perceber este fato, diante da fala de alguns entrevistados (2023), como já destacado durante o capítulo

III, que apontam essas atividades como uma das formas de viver a cidade e desenvolver uma relação com ela.

Portanto, percebeu-se através das próprias ocupações criativas, várias estratégias para o desenvolvimento de pertencimento, como os usos dos espaços, a constante tentativa de produção de atividades, através da formação de grupos e redes de apoio, muitas vezes construídos pelo viés da familiaridade, seja por entrada de semestre, por convivência em uma mesma sala de aula, casa, por serem derivados de uma mesma etnia, mesma cidade, dentre outras clivagens. Todavia, vislumbraram-se durante a pesquisa, as próprias ocupações, como uma estratégia de pertencimento e que geraram, por vezes, como identificado na fala da maioria dos entrevistados, e nas escutas realizadas no decorrer da inserção de campo, tal sentimento.

Posto isto, tais atividades que se destacavam como parte das vivências das juventudes na cidade, abriram caminhos para estudar o percebido, ou seja, as percepções que os sujeitos desenvolveram sobre o urbano e de si, dentro deste, alcançando a reflexão de que o urbano, em acordo com cada momento da vivência dos sujeitos, representa a fluidez, uma vez que se evidencia tanto como possibilidade, como seu contrário, análise que se encaminhou diferente do esperado no início do projeto, uma vez que considerou-se, mediante as situações conflituosas, apenas o urbano de impossibilidades.

Por outro lado, trabalhou-se, também, com a percepção de si, dos sujeitos, dentro desse urbano, vislumbrando-se, diante das observações e relatos, que esses emergiram enquanto agentes potentes de transformações, demandas, reinvindicações, da produção de novas relações e dinâmicas que resignificam o urbano da cidade, mesmo sendo sujeitos discriminados, no qual vivenciaram a deslegitimação de seus usos a cada tentativa de fazer e ter direito à cidade.

Concerne, antes de finalizar estes escritos, ressaltar que esta pesquisa não se encerra aqui, pois esta foi uma das etapas desenvolvidas na busca por compreender a relação sujeito-território, no contexto de uma cidade interiorana chamada, Redenção, que recebeu em seu urbano uma universidade federal e um contingente de sujeitos diversos e diferentes. Deste modo, a pesquisa gerou resultados, mas, pode-se dizer, também, um “mar” de inquietações.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade:** lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer a cidade: o antropólogo, a margem e o centro. ***Mana,*** v. 21, n. 3, p. 483-98, 2015.

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. *In:* LAGES, V; BRAGA, C; MORELLI, G. (Org.). ***Territórios em movimento*****:** cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília: Relume Dumará/SEBRAE, 2004. p. 23-70.

ALVES, Glória Alves. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **Geousp – Espaço e Tempo** (Online), v. 23, n. 3, p. 551-563, dez. 2019, ISSN 2179-0892.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **Novo coordenador do FONAPRACE fala sobre as perspectivas para assistência estudantil. 2014.** Disponível em: http://www.andifes.org.br/video/. Acesso em: 26 fev. 2020.

ANTUNES, Marco António. O público e o privado em Hannah Arendt. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação.** Universidade da Beira Interior, Portugal, 2004.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DO CEARÁ (APRECE). **Redenção**. Disponível em: https://aprece.org.br/municipio/redencao/. Acesso em: 22 abril. 2022.

AZEVEDO, Mariângela Oliveira de.; OLANDA, Elson Rodrigues. O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na geografia. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 12, n. 3, 2018, p. 136 – 156.

BACHELAR, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: editora Contraponto, 1996. p. 7-90.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, 3º edição editora HUCITEC, 1997.

BENEVIDES, Mário Henrique Castro.; PINHEIRO, Carlos Henrique Lopes. Narrativas e trajetórias: abordagens metodológicas a partir da UNILAB. **Caderno CRH**, Salvador, v.31, n.82, p. 160-186, 2018.

BOMFIM, Sandra Souza. **Orientação sexual na escola:** tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. 2009. Monografia (obtenção de graduação em Pedagogia com Habilitação em Gestãoe Coordenação do trabalho escolar do Departamento de Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

BONNEMAISON, Joël. 1997. Les gens des lieux: histoire et géosymboles d'une société enracinnée: Tanna. Paris: Éditions de l'ORSTOM. In: HAESBAERT, Rogerio. **O mito da desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

BRASIL. **Decreto Nº 7234, de 19 de julho de 2010**, Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 21 maio. 2022.

CALDEIRA, Júnia Marques. **A praça brasileira - trajetória de um espaço urbano:** origem e modernidade. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. 1.ed. FFLCH, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri.; SOUZA, Marcelo Lopes de.; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. 1.ed. - São Paulo: Contexto, 2020.

CAVALCANTI, Joana. A criatividade no processo de humanização. ***Revista Saber (e) Educar***, Porto, n. 11, p. 89-98, 2006.

CEFAÏ, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo**.** ***Novos Estudos CEBRAP***, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 187-213, 2017. [Parte 1].

CORRÊA, Carmem Izaura Molina. **Análise da participação de uma pequena escola pública na educação sexual dos seus alunos**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação na área de Ensino na Educação Brasileira – Educação, Saúde e Comunidade) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

DANEZI, Nathalia Pereira. **Microterritorialidades em espaços públicos:** conflitos e resistências no brinque da Redenção, Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. A arte urbana entre ambientes: "dobras" entre a cidade "material" e o ciberespaço. ***Etnográfica,*** Lisboa, v. 19, n. 3, p. 537-56,2015.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, John. ***Os estabelecidos e outsiders***. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.01-32.

FARIAS, Joanna Cavalcante Pinheiro. **Cadê o preto que estava aqui?** Presença e alocação de escravizados em Vila de Acarape e Baturité (1870-1884). 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis) - Universidade Da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do território. 2008. In: PAULINO, Eliane Tomiasi.; FABRINI, João Edmilson (org). **Campesinato e territórios em disputa**. 1.ed. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2008. P. 273-301.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. Revista **Ideação**. Foz do Iguaçu/PR, v.10, n.1, 2008 p. 41-62.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder**.** 23. ed. São Paulo: Graal, 1992. In: FERREIRA, Sandra Jardim de Menezes; LIMA, Sostenes Cezar de. Vozes de resistência em uma cidade cinza. Revista **Panorâmica** On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 23, 2017.

FUNES, Eurípedes Antônio; GONÇALVES, Adelaide. **Abolição:** Uma visão crítica. D.O. Letras. Fortaleza, p. 2-3. out. 1988.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Marilia Passos Apoliano. ***Um mar de histórias*****:** memória, identidade e territorialidade no Poço da Draga. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará,Fortaleza, CE, 2019.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana:** ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, editora WMF Martins Fontes, 2013.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICO (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: http://www2.sidra.ibge.gov. br/. Acesso em: 11 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICO (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 09 out. 2023.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora IMAGO, 1976. p.39-71.

JUNIOR, Wilson Martins Lopes.; SANTOS, Regina Celia Bega dos. Novas centralidades na perspectiva da relação centro-periferia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 21 (3): 351-359, dez. 2009.

KI-ZERBO, Joseph. Metodologia e pré-história da África: Os métodos interdisciplinares utilizados nesta obra**.** In: **História geral da África**, In: Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 15. p.387-399.

LEFEBVRE, Henry. 1984 (1974). La production de l'espace. Paris: Anthropos. In: HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

LEFEBVRE, Henry. The production of Space. Cambridge, Mass.: Blackwell Publishers, 1991. In: PAULINO, Eliane Tomiasi.; FABRINI, João Edmilson (org). **Campesinato e territórios em disputa**. 1.ed. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2008.

LEFEBVRE, Henry. ***O direito à cidade***. São Paulo: Centauro, 2011.

LEFEBVRE, Henry. La producción del espacio. Madrid: Capitán Swing, 2013. In: ALVES, Glória Alves. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **Geousp – Espaço e Tempo** (Online), v. 23, n. 3, p. 551-563, dez. 2019, ISSN 2179-0892.

LIMA, Cristina Maria Garcia de.; DUPAS, Giselle.; OLIVEIRA, Irma de.; KAKEHASHI, Seiko. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. Rev. **latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996.

MACEDO, R. S. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACHADO, Eduardo Gomes.; LIMA, Erlanio Ferreira.; FURTADO, Osvaldo Vaz. Urbanização e desafios à política urbana em pequenas cidades: o caso de Redenção, Ceará, no contexto de implementação da UNILAB. **Políticas Públicas e Cidades**, v. 5, n. 1, jul. 2017.

MACHADO, Eduardo Gomes.; NOGUEIRA, Jonathan de Souza.; OLIVEIRA, Nathalia Alves de.; SILVA, Stefania Maria Francolino da. Cidades, juventudes e conflitos urbanos: questões teórico-empíricas a partir de Redenção e Acarape. ***Estudos de Sociologia***, Recife, v. 1, n. 25, p. 139-72, 2019.

MACHADO, Eduardo Gomes.; LIMA, Jorge Luiz de Oliveira.; OLIVEIRA, Nathalia Alves de.; SILVA, Regina Balbino da. Cartografar pequenas cidades no Nordeste brasileiro, caminhos percorridos. ***Pixo***, Pelotas, v. 3, n. 11,p. 146-65, 2020.

MINAYO, Maria Cecilia Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. In: DESLANDES, Suely Ferreira.; NETO, Otávio Cruz.; GOMES, Romeu.; MINAYO, Maria Cecilia Souza. (org). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 21.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 9-29.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzição: Norte, Ângela Lopes. Cadernos de Letras da UFF – **Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. **Consenso e conflito na teoria democrática: para além do "agonismo". Lua Nova**, São Paulo, n. 92, p. 13-43, maio/ago. 2014.

MOREIRA, Erika Vanessa.; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **RevistaFormação**, nº 14, v. 2 – p. 48- 60, 2007.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. In: DESLANDES, Suely Ferreira.; NETO, Otávio Cruz.; GOMES, Romeu.; MINAYO, Maria Cecilia Souza. (org). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 21.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 51-66.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia,** Vol. 39, No. 1 (1996), p. 13-37.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude. **Análise Social**, n. 105/106, p. 139-165,1990.

PAIS, José Machado. Nas rotas do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 37, 1993.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

PIMENTA, CARLOS. **Interdisciplinaridade nas Ciências Sociais**. Portugal, Edições Húmus, 2013.

PINHEIRO, C. H. L. **Percepções e Trajetórias Docentes**: mobilidade no contexto da interiorização e expansão do ensino superior público no estado do Ceará. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

RAFFESTIN, Claude.1988. Repères pour une théorie et territorialité humaine. In: Dupuy, Gabriel. (dir.) Réseaux territoriaux. Caen: Paradgme. In: HAESBAERT, Rogério. **O mito da**

desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. 2009. In: SAQUET, Marcos Aurelio.; SPOSITO, Eliseu Savério (org). **Território e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. 1.ed. Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.P. 17-36.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. 2 ed. Rio de Janeiro: 34, 2009.

SACK, David Robert. Human territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. In: SAQUET, Marcos Aurelio.; Souza, Edson Belo Clemente de. **Leituras do conceito de território e de processos espaciais**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.p. 47-66.

SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro, Record, 2000. In: PINHEIRO, Carlos Henrique Lopes. **Percepções e Trajetórias Docentes:** mobilidade no contexto da interiorização e expansão do ensino superior público no estado do Ceará. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *In:* SANTOS, Milton.; BECKER, Bertha Koiffmann; SILVA, Carlos Alberto Franco da. ***Território, territórios:*** ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002. p. 1-13.

SANTOS, Milton. ***A natureza do espaço*****: técnicas e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Ed. USP, 2006.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. São Paulo: Hucitec, 1996. In: FERNANDES, B. M. Entrando nos territórios do território. 2008. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E (org). **Campesinato e territórios em disputa.** 1.ed. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alexandri.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** 1.ed. - São Paulo: Contexto, 2020.

SILVA, Marcos Nicolau Santos da. Território: uma revisão teórico-conceitual. ***InterEspaço,*** Grajaú, v. 1. n. 1, p. 49-76, 2015.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed. Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. In: HAESBAERT, Rógerio. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**. Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5 (1-2): 161-178, 1993.

SPOSITO, Marília Pontes.; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes e políticas públicas no Brasil. Políticas públicas de juventud en America Latina, Viña del Mar, Chile, e **26ª Reunião Anual do ANPEd**, Poços de Caldas, Minas Gerais, de 5 a 8 de outubro de 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativaem Educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi- Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. In: AZEVEDO, Mariângela Oliveira de.; OLANDA, Elson Rodrigues. O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na geografia. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 12, n. 3, 2018, p. 136 – 156.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA. ***UNILAB em números***. Redenção: UNILAB, 2021. Disponível em: https://unilab.edu.br/unilab-em-numeros/. Acesso em: 22 maio 2021.